SET

cinema • dvd • entretenimento

www.setonline.com.br
ISSN 0104-1592
Março, 2007 - Ed. 237 - Ano 20 - R$ 9,90
EDITORA PEIXES

GLADIADOR ENCONTRA SIN CITY NO ÉPICO

300

GERARD BUTLER E RODRIGO SANTORO DUELAM NA SANGRENTA ADAPTAÇÃO DA GRAPHIC NOVEL DE FRANK MILLER

Os segredos da produção mais espetacular de 2007

Entrevista exclusiva com o astro brasileiro em Hollywood

A verdadeira e trágica história dos heróis gregos

+

O CHEIRO DO RALO SELTON MELLO ENTREGA A ATUAÇÃO DE UMA VIDA NA COMÉDIA DE HUMOR NEGRO DO ANO • **MOTOQUEIRO FANTASMA** NICOLAS CAGE ENCARNA O PERSONAGEM MALDITO DOS QUADRINHOS DA MARVEL • **A BÚSSOLA DOURADA** A ÚNICA REVISTA BRASILEIRA NAS FILMAGENS DA FANTASIA ESTRELADA POR NICOLE KIDMAN E DANIEL CRAIG

GRANDE SUCESSO DE PÚBLICO E CRÍTICA

LUVA ESPECIAL COM FRENTE 3D

"Eleito melhor filme do ano"
O Globo

"Uma celebração à vida"
O Globo
CINEMA CRÍTICA

"Felicity merecia o Oscar®"
O Estado de S. Paulo

"Diretor equilibra drama e comédia com sensatez"
Guia da Folha

EXTRAS

- COMENTÁRIO DO DIRETOR DUNCAN TUCKER
- CONVERSA COM DUNCAN TUCKER E FELICITY HUFFMAN
- CONVERSA COM DUNCAN TUCKER E KEVIN ZEGERS
- CLIPE "TRAVELIN' THRU" - DOLLY PARTON
- MAKINF OF - CLIPE
- ERROS DE FILMAGEM
- TRAILER

2 INDICAÇÕES AO OSCAR®
MELHOR ATRIZ
FELICITY HUFFMAN

VENCEDOR DO GLOBO DE OURO
MELHOR ATRIZ
FELICITY HUFFMAN

Focus Filmes

focusfilmes.com.br

Já à venda

Submarino www.submarino.com.br
HOJI o cinema está aqui
Livraria Saraiva www.saraiva.com.br
LOJAS AMERICANAS
AMERICANAS.COM
fnac com.br
BLOCKBUSTER

O Oscar® é marca registrada e marca de serviço da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas

O FILME MAIS SURPREENDENTE DO ANO!

MAIS DE 500.000 PESSOAS NOS CINEMAS DO BRASIL

"COM MUITAS SURPRESAS, É MELHOR NEM PISCAR PARA NÃO CAIR NO TRUQUE FINAL"

FRANTHESCO BALLERINI
JORNAL DA TARDE

oilusionista.com.br

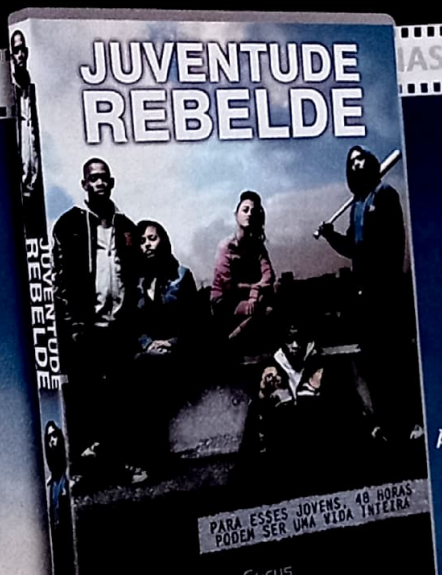
NAS LOCADORAS NAS LOCADORAS NAS LOCADORAS

A RESPOSTA INGLESA PARA "CIDADE DE DEUS"

"Poderoso e impossível de ignorar. Assista".
Daily Mirror

Focus Filmes

focusfilmes.com.br



À PARTIR DE 21/03

NESTA EDIÇÃO

8 CARTAS

11 TAKES

18 FÚRIA DE TITÃS
O astro brasileiro Rodrigo Santoro ganha seu maior papel em Hollywood no fantasioso *300*, épico sobre uma das maiores batalhas da Grécia antiga

28 O DOCE AROMA DO SUCESSO
Recusado por todos os grandes estúdios, *O Cheiro do Ralo* chega aos cinemas cercado por prêmios e com Selton Mello em seu melhor papel

36 DEMÔNIO DOMADO
Nicolas Cage finalmente realiza seu sonho de virar herói de quadrinhos em *O Motoqueiro Fantasma*, baseado no personagem maldito da Marvel

40 A ESCOLHA DE SOFIA
Criticada como atriz e aclamada como diretora, Sofia Coppola fala sobre sua criação mais polêmica: *Maria Antonieta*

44 MELHORES DO ANO
Leitores e críticos elegem os filmes que mais marcaram 2006

50 MÁGICA PARA ADULTOS
SET foi a única revista nos bastidores de *A Bússola Dourada*, fantasia que não deve em nada aos mundos de *Harry Potter* e *O Senhor dos Anéis*

55 FILTRO

56 CINEMA

64 DVD & VÍDEO

72 TELEVISÃO

76 MÚSICA

78 LIVROS & HQS

79 GAMES

80 EQUIPAMENTOS

82 PONTO FINAL

NA CAPA Gerard Butler em *300* (Warner)

COLUMBIA

MARÇO

40

Antes só que degolada: Kirsten Dun[illegible] assume o papel de Maria Antoniet[illegible] mas não parece muito feliz com [illegible]ga

NUM MUNDO CHEIO DE SUJEIRA,
ELE É NOSSA ÚNICA ESPERANÇA.
LUCY LIU
CEDRIC THE ENTERTAINER
NICOLLETTE SHERIDAN
OPERAÇÃO LIMPEZA
www.operacaolimpeza.com.br
www.californiafilmes.com.br
CALIFORNIA FILMES
CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME
BREVE NAS LOCADORAS

Quando Rodrigo Santoro aparece pela primeira vez em *300*, é um susto. Com pelo menos dois metros e meio de altura e uma voz que reverbera nas paredes de Hades, o imperador persa Xerxes é o personagem mais bacana que o ator brasileiro já interpretou em uma produção gringa. Claro que as patrulhas aqui no Brasil devem encher o saco – que ele aparece pouco, que ele não tem muitas falas, que ele está escondido atrás da maquiagem. Santoro, por outro lado, dá de ombros. Ele é o ator brasileiro com mais chances de emplacar uma carreira sólida em outras praias – sem ter de recorrer em nenhum momento ao estereótipo do "galã latino". Ponto para ele, orgulho nosso – e você lê a cobertura completíssima de *300* a partir da página 18.

E por falar em atores de primeira, Selton Mello foi além de quaisquer expectativas em sua composição do comerciante Lourenço em *O Cheiro do Ralo*. Atrás de um cabelo seboso, óculos de gigolô e atitude nojenta em relação ao mundo, Mello mostra que não é preciso colocar a cara na telinha (ele está há oito anos afastado das novelas) para se manter relevante e em evidência. *O Cheiro do Ralo*, por sinal, é a personificação desse espírito: foi um filme feito na raça, por gente que gosta de cinema e que queria ver seu trabalho na telona – a radiografia do longa começa na página 28. Por sinal, vale a dica: se você mora em uma cidade com poucos cinemas, peça a seu gerente para programar *O Cheiro do Ralo*. Só quem sairá ganhando é você.

Roberto Sadovski
Diretor de Redação roberto.sadovski@edpeixes.com.br

AFOGANDO EM NÚMERØS

A edição de SET que você tem em mãos em estatísticas nada comprovadas

ARQUIVO PESSOAL

Sobras do Carnaval: depois de bater um papo com seu xará, Rodrigo Salem faz pose ao lado do figurino usado pelo brasileiro Rodrigo Santoro no épico *300*. "Acho que com uns pequenos ajustes, podia ser o dublê dele."

2 pessoas da redação estavam presentes na exibição da imprensa de *300*, em Los Angeles

1 fã do ator Gerard Butler irá enlouquecer depois de ver a capa da SET deste mês

8 layouts diferentes da capa foram produzidos até que apenas um fosse escolhido

550 é o número aproximado de leitores que votaram nos Melhores do Ano

1 Diretor de Redação tomou um porre antes de uma entrevista com Selton Mello

1 Diretor de Redação ex-cachaceiro, teve uma recaída e voltou para a bebida

EDITORA PEIXES

SET

PRESIDENTE
Angelo Rossi

REDAÇÃO *(E seus épicos preferidos)*
Diretor de Redação: *Roberto Sadovski (Lawrence da Arábia)*
Editor-Chefe: *Rodrigo Salem (Coração Valente)*
Editora de Arte: *Marcia Chicaoka (O Senhor dos Anéis)*
Editor Especial: *Ricardo Matsumoto (Os Sete Samurais)*
Editor: *Alessandro Giannini (1900)*
Diagramadora: *Denise Gariani (Gandhi)*
Assistente de Redação: *Silvana Soares (Gladiador)*
Colaboraram nesta edição: (texto) *Alfredo Sternheim, André Gordirro, Cléber Eduardo, Dulce Damasceno de Brito, Eduardo Torelli, Fábio Santana, Marcelo Del Greco, Roberto Pujol, Sérgio Martins, Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê, Taíssa Stivanin, Teté Ribeiro* **(ilustração)** *Alexandre Jubran, Fernando Gonsales* **(revisão)** *Marisa Ribeiro*

PUBLICIDADE
Diretora: *Cidinha Cabral (cidinha.cabral@edpeixes.com.br)*
Gerentes: *Debora Leopoldo (debora.leopoldo@edpeixes.com.br), Sandra Garcia (sandra.regina@edpeixes.com.br)*
Executiva de Negócios: *Silvana Magalhães*
Executiva de Contas: *Stella Maris Bovino*
Coordenador de Publicidade: *Jorge Luiz Trinca*
Gerente de Marketing Publicitário e Eventos: *Monique Marie O.L. Otenio*
Assistente de Marketing Publicitário e Eventos: *Marcelo Rodrigues Silveira*

GESTÃO E CONTROLE OPERACIONAL
Diretor: *Carlos Romualdo*

ASSINATURAS
Gerente: *Orlando Palialol*
Gerente de Processos: *Robson Cerqueira*

MARKENTING/CIRCULAÇÃO
Gerente: *Sidnei Lubianco*
Planej. e Contr. Produção: *Wagner Pinheiro (supervisor)*
Gerente de Vendas Diretas: *Miguel Abdulack*

JURÍDICO
Diretor: *Djair Rosa*

PUBLICIDADE REGIONAL
Paulo Soares (paulo.soares@edpeixes.com.br)

REPRESENTANTES
Brasília: *Brasília Promotion* – Tel./Fax (61) 3322-5511
Rio Grande do Sul: *Zigon Comunicações* – Tel./Fax (51) 3228-7300/ 8166-4140
Minas Gerais: *SBF Publicidade* – Tel./Fax (31) 2125-2923
Santa Catarina: *By Speranza* – Tel./Fax (48) 3232-0519
Paraná: *Tunitec Editora* – Tel. (48) 3338-9493
Espírito Santo: *Dicape Representações e Serviços Ltda.* – Tel./Fax (27) 3229-1986
Ceará, Piauí e Maranhão: *AGHolanda Comunicação* – Tel. (85) 3224-2267
Representante Internacional: *Multimedia, Inc. (USA)* – Tel. (1) 407-903-5000 – Fax (1) 407-363-9809

SET, Edição 237, março de 2007, é uma publicação da Editora Peixes S.A. ISSN 0104-1592. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Helena, 260, 4º andar, Vila Olímpia, São Paulo/SP, CEP 04552-050 tel.:(11) 3049-3149. Publicidade: tels.: (11) 3049-3159/3049-3162/3049-3160. Distribuição: SET é distribuída com exclusividade no País pela Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações. Números atrasados: Podem ser solicitados, ao preço da última edição em bancas mais despesas de envio, à Somey Marketing e Serviços Ltda., Estrada da Balsa, 220, Barueri, SP, CEP 06419-300; fone/fax (011) 41612481, de segunda a sexta-feira das 8h às 17h40; na internet acessando www.lojaspeixes.com.br; ou através do jornaleiro ou distribuidor Dinap da sua cidade. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade de estoque.

www.setonline.com.br

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(0xx11) 3038-8080
De segunda a sexta-feira das 8 às 20 horas
e aos sábados das 9 às 15 horas
E-mail: assinapeixes@teletarget.com.br
ou acesse: www.assinepeixes.com.br

PRE-PRESS: VOX
IMPRESSÃO: GLOBO COCHRANE GRÁFICA E EDITORA LTDA.

IVC ANER

ILUMINADOS PELO FOGO

Inspirado no livro "Iluminados por el fuego" de Edgardo Esteban e Gustavo Romero Borri

53º Festival Internacional de Cinema de San Sebastián

Melhor Filme, XXVII Festival de Cinema de Havana 2005

Prêmio Goya Melhor Filme Estrangeiro de língua espanhola Espanha 2006

Gastón Pauls

Virginia Innocenti - Arturo Bonín
Pablo Ribba - Cesar Albarracín
Víctor Hugo Carrizo - Juan Leyrado

Um filme de

Tristán Bauer

www.californiafilmes.com.br

CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME

CALIFORNIA FILMES

BREVE NAS LOCADORAS

METRANCA GIRATÓRIA

Março é o mês do cachorro sem dono nas cartas de SET!

E aí, rapazes e moças? O que acharam do Oscar? Animados para os filmes que estão para chegar aos cinemas? E aquela moça que há dois meses elogiou a barriga no pôster de *Homem-Aranha 3*, gostou das fotos de *300*? De Madonna a Rocky Balboa, o espaço é seu! Eu não ganho bem para isso aqui... Mas vamos lá.

FOX

CARTAS: 62 • E-MAIL: 63 • FAX: 4 • TELEFONEMAS: 34
Correspondência recebida entre 21/1 e 16/2

TOTAL 163

HISTÓRIA SEM FIM

Algum dia o filme *Chatô* vai estrear no Brasil? Segundo eu sei, as filmagens tiveram início em 1996 e muito dinheiro público foi gasto com esta produção. Será que Guilherme Fontes está esperando os atores envelhecerem para economizar na maquiagem dos mesmos?

Jales Pinheiro do Amaral
Gurupi-TO

Antes de Chatô *estrear, carros não usarão mais pneus, a paz será selada no Oriente Médio e Madonna vai ter relevância mais uma vez.*

MACHARAL NA CAPA

Sensacional! Essa é a palavra que tenho para descrever a capa de SET em fevereiro. Com a volta de Rocky aos cinemas, não pensei que SET fosse dar atenção ao filme. Uma pergunta, por que vocês só colocam homens nas capas de SET? Colocar personagens como Homem-Aranha e Rocky tudo bem, mas precisa ser todo mês? Precisam reavaliar suas decisões...

Vanildo L. Cazelli Júnior
vanildojr_ock@hotmail.com

Ai, meus sais. Mas vamos lá. A capa é determinada pelo assunto mais bamba do mês. E não pelo sexo de quem está nela estampado.

CHORÃO!

Tenho uma pergunta: estava eu no cinema com minha esposa assistindo a um dos maiores ícones pop do planeta, Rocky Balboa, e quando faltava um round da luta final, um pensamento aterrorizante e real passou pela minha cabeça: "Meu Deus... Ele vai morrer na luta, e eu vou chorar no meio do cinema, na frente da minha mulher e das outras duzentas pessoas que estão aqui...". Isso é normal?

Mauricio Leandro da Cruz
mauricio.leandro@gilbarco.com

Não. Se eu fosse você, procurava me tratar.

CARTA-MADONNA DO MÊS

Como assinante desta revista gostaria de fazer três perguntas. Quem fez a maior turnê de 2001, 2004 e 2006? Quem seria a artista feminina que já vendeu mais de 200 milhões de CDs em vinte anos de carreira, sendo 11 milhões só no último CD e está com seu último DVD em primeiro lugar no mundo com apenas uma semana de lançamento? Qual revista que se diz de cultura POP não sabe nada disso? Um conselho: deixem a cultura que de POP não tem nada de lado e vamos só falar de cinema, pois Madonna não precisa de vocês, a seção de Cartas sim precisa dela. Ela só precisa de nós, fãs de seu trabalho, e não de críticos que não sabem nada a seu respeito. Obrigado.

Robson Alberto
São José dos Campos-SP

Tem pai que é cego.

AI, AMÉLIA...

É impressão minha ou tem cheiro de machismo no ar? Para começar notei que na edição anterior só tinha espaço para os leitores masculinos e aliás um deles criticou a leitora que perguntava alguma coisa sobre a tal barriga do *Homem-Aranha 3*. Espero que o espaço seja livre para ambos os sexos e fiquem sabendo que nós, leitoras, já somos a maioria, quer dizer quase, a gente chega lá.

Cristiane C. da Silva
Japeré-RJ

E seja feita sua vontade. Até o mês que vem, mulherada.

OOPS...

- Meryl Streep foi indicada para o Oscar de melhor atriz coadjuvante por *O Franco Atirador* e não *Amargo Regresso*, em 1979.
- A edição de *A Criança* em DVD tem distribuição da Imovision e não da Califórnia.
- Em *Rocky, Um Lutador*, o resultado da luta com Apollo Creed não é empate. Rocky perde. Maldita dublagem.
- O nome do criador da Mônica é Maurício de Sousa e não Maurício de Souza.

Tudo o que você quiser saber sobre filmes, lançamentos, seu artista preferido, fale com a gente

POR TELEFONE: (0xx11) 3049-3172 **POR FAX:** (0xx11) 3049-3166 **POR E-MAIL:** set@edpeixes.com.br

POR CARTA: Rua Helena, 260 - 4º andar CEP 04552-050 / São Paulo - SP

ASSINATURAS SET
POR TELEFONE: (0xx11) 3038-8080
POR FAX: (0xx11) 3038-1415
E-MAIL: assinapeixes@teletarget.com.br
ou ACESSE: www.assinepeixes.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES

Nº 236 – Fevereiro 2007

Sylvester Stallone sobe novamente ao ringue na pele do lutador Rocky Balboa, enquanto Clint Eastwood e Martin Scorsese buscam revanche no Oscar, que esnobou o musical *Dreamgirls* e também o intrépido repórter Borat, que descobriu uma América diferente

Nº 235 – Janeiro 2007

De *Homem-Aranha 3* a *Transformers*, passando por novos *Harry Potter* e *Duro de Matar*, os filmes que vão esquentar o ano; Mel Gibson fala sobre *Apocalypto*; Leo DiCaprio faz o social em *Diamante de Sangue*; a estréia de *Mais Estranho Que a Ficção*; em DVD, *Macunaíma*

Nº 234 – Dezembro 2006

Daniel Craig dá início a sua carreira como Bond em *007 – Cassino Royale*; Três diretores mexicanos entregam os melhores filmes do ano; *Eragon* é a dose de fantasia do mês; *Nacho Libre* e os longas esquecidos pelos estúdios; um bate-papo com Cameron Diaz

Nº 233 – Novembro 2006

Hugh Jackman domina o mês com as estréias de *Fonte da Vida* e *O Grande Truque*; o drama de guerra de Clint Eastwood, *A Conquista da Honra*; a consagração de *O Céu de Suely*; Al Gore tenta salvar o planeta em *Uma Verdade Inconveniente*; em DVD, *Napoleão Dinamite*

Nº 232 – Outubro 2006

Martin Scorsese volta à forma em *Os Infiltrados*, com Matt Damon e Leo DiCaprio; *Dália Negra* descobre os escândalos da antiga Hollywood; o que aconteceu com a versão estendida de *O Senhor dos Anéis*?; nos cinemas, *Pequena Miss Sunshine*; em DVD, *Grease*

Nº 231 – Setembro 2006

Os dois lados da tragédia do 11 de Setembro são abordados em *As Torres Gêmeas*, de Oliver Stone, e *Vôo 93*, de Paul Greengrass; *Serpentes a Bordo* vem acompanhado da lista de 30 filmes cults; O desfile infernal de *O Diabo Veste Prada*; *Tudo pela Fama* chega em DVD

NÚMEROS ATRASADOS: Edições anteriores podem ser solicitadas, ao preço da última edição em banca mais despesas de envio, a Somey Marketing e Serviços Ltda., Estrada da Balsa, 220, Barueri, SP, CEP 06419-300, tel./fax (11) 4161-2481, de segunda a sexta-feira, das 8h00 às 17h40, na internet acessando www.lojapeixes.com.br ou através do jornaleiro ou distribuidor DINAP da sua cidade. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade de estoque.

Woody
ALLEN
Hugh
JACKMAN
Scarlett
JOHANSSON
Ian
McSHANE
O HOMEM PERFEITO.
A HISTÓRIA PERFEITA.
O CRIME PERFEITO.
SCOOP
O GRANDE FURO
www.californiafilmes.com.br
CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME
CALIFORNIA FILMES
ASSISTA NOS CINEMAS

Sem Telecine,
já chegaria derretido
à sua casa.

TELE
CINE

O MELHOR DO CINEMA

nbs

A ERA DO GELO 2™

Telecine. O melhor do
cinema chega primeiro aqui.

Assine: NET 4004 8844* | SKY+DIRECTV 4004 IIII*

* Consulte custo da ligação com operadora local.

ESTRÉIA
17/03

TAKES

bastidores ▪ novidades ▪ gente que faz

- A PRIMEIRA IMAGEM OFICIAL DO LÍDER DOS TRANSFORMERS
- DULCE LEMBRA O CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE CESAR ROMERO
- MUDANÇAS EM *MULHER-MARAVILHA* E EM *THE FLASH*
- DUPLA FALSA MILLI VANILLI GANHARÁ BIOGRAFIA NOS CINEMAS

LÁBIOS FATAIS

Angelina Jolie confirma convite de *Sin City 2*

No mês que observa mais uma adaptação baseada em seus trabalhos chegar aos cinemas, o quadrinista Frank Miller prepara *Sin City 2*, continuação de seu revolucionário noir dirigido por ele e Robert Rodriguez. A notícia que parecia mais especulação de nerds com hormônios em polvorosa pode se concretizar. Angelina Jolie, em entrevista exclusiva a SET, confirmou que recebeu o convite para viver Ava, a arrasa-corações de *A Dama Fatal*, provável base da seqüência. "Eles discutiram comigo sobre a oferta quando estava com dois meses de gravidez", revela a estrela. "Achei uma idéia charmosa, porque estava me sentindo tão maternal e seria ótimo interpretar uma personagem toda nua e suja." O problema é que a produção de *Sin City 2* atrasou alguns meses e entrou no meio da agenda de Angelina, que acaba de sofrer com o falecimento da mãe. Mas ela não caiu fora da proposta. "O lado bom é que Robert é muito rápido. É isso que ando procurando hoje em dia."

DIVULGAÇÃO

SET sem fio

Tenha TAKES em seu celular Receba em primeira mão as novidades e tudo sobre os bastidores do cinema. Envie uma mensagem com o texto LIG TAKES para o número 46937 (Vivo) ou 55000 (Oi, BrT ou CTBC) e tenha TAKES em seu celular. R$ 0,15 por mensagem (Oi, BrT e CTBC) e R$ 0,10 por mensagem (Vivo)

em cena

■ Amigas desde adolescentes, **NICOLE KIDMAN** e **NAOMI WATTS** vão estrelar pela primeira vez um longa juntas. E o sortudo do momento é o diretor Ryan Murphy (criador da série *Nip/Tuck*), que coloca Kidman como uma paciente desequilibrada que rouba o marido de Watts, sua própria psiquiatra, em *Need*.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

■ Depois de não conseguir acertar a mão em *O Código Da Vinci*, **RON HOWARD** prepara-se para um projeto mais complicado: a versão americana de *Cache*, de Michael Haneke. O original é uma impactante obra sobre tensão social e distanciamento burguês, mas dificilmente manterá a mesma linha em inglês.

■ A Disney tenta corrigir o erro de nunca ter acreditado no potencial global de *As Crônicas de Nárnia* e anuncia a chegada de Ben Barnes para viver o papel-título em **PRÍNCIPE CASPIAN**. Barnes é mais conhecido pela peça *The History Boys*, atualmente em cartaz em Londres.

■ Inimigos mortais em *Os Infiltrados*, **MATT DAMON** e Mark Wahlberg podem se reunir novamente em *The Fighter*, drama sobre a vida do boxeador irlandês Mickey Ward e seu treinador, Dick Eklund.

FOTOS: REPRODUÇÃO

ERROS DO PASSADO

Afetada pela bilheteria modesta de *Superman – O Retorno*, a Warner quer foco familiar em suas próximas adaptações

O sucesso inesperado de *Quarteto Fantástico* e o resultado modesto de *Superman – O Retorno* bateram forte na Warner. Dona da DC Comics, editora de Superman e Batman, a companhia multinacional parece não desejar mais correr riscos em suas adaptações de quadrinhos e, assim como a Marvel, quer ter uma franquia de gosto duvidoso, mas que possa ser adotado por toda a família. E as primeiras vítimas são os futuros longas estrelados pela Mulher-Maravilha e The Flash, há um bom par de anos na geladeira.

A primeira queda não foi nenhuma surpresa para quem acompanha o mercado com atenção. Qualquer um saber que, quando Joel Silver coloca na cabeça que um filme deve ser feito, ele não leva mais de seis meses para tomar corpo – caso de *V de Vingança*, do ano passado. Porém, sua *Mulher-Maravilha* parecia fadada ao limbo, afetada por roteiros capengas e adaptações equivocadas. Os fãs até respiraram alegres quando souberam que o criador de *Buffy*, Joss Whedon, tinha sido contratado para escrever um script e dirigir o longa da guerreira amazona. Dois anos depois do anúncio, nada. Até que um movimento em falso da Warner abriu o cofre dos segredos: o conglomerado comprou o roteiro dos novatos Matthew Jennison e Brent Strickland, sobre uma supermulher que agia na Segunda Guerra Mundial, sob o pretexto de que era muito parecido com o texto de Whedon para *Mulher-Maravilha* e evitaria processos judiciais. A manobra não deu certo e Whedon afirmou em seu site oficial "que não estava mais escalado para fazer *Mulher-Maravilha*".

Se a Amazona ainda tem a esperança de ganhar uma adaptação digna e séria (Segunda Guerra Mundial seria incrível, mas duvidamos muito de que vá acontecer), o mesmo não podemos dizer de *The Flash*. A produção estrelada pelo homem mais rápido do mundo perdeu David Goyer (roteirista de *Batman Begins*), cujo roteiro foi considerado sério e sombrio demais para o personagem – Ryan Reynolds, cotado para o papel de Wally West, também deve perder todas as chances. No lugar de Goyer, a Warner chamou ninguém menos que Shawn Levy, o sujeito por trás das comédias bobocas *Doze É Demais* e *Uma Noite no Museu*. Levy, que dirigirá antes a adaptação do best-seller *Marley e Eu*, tem a missão de suavizar o corredor escarlate e torná-lo mais próximo da molecada. De repente, a notícia antiga sobre um longa do Lanterna Verde estrelado por Jack Black não parece tão bizarra assim.

HOLLYWOOD BOULEVARD

Por Dulce Damasceno de Brito

UM LATIN LOVER ENCANTADOR

Franco e divertido, Cesar Romero atuou em cerca de 180 produções. Mas o centenário do nascimento do charmoso Coringa passou despercebido

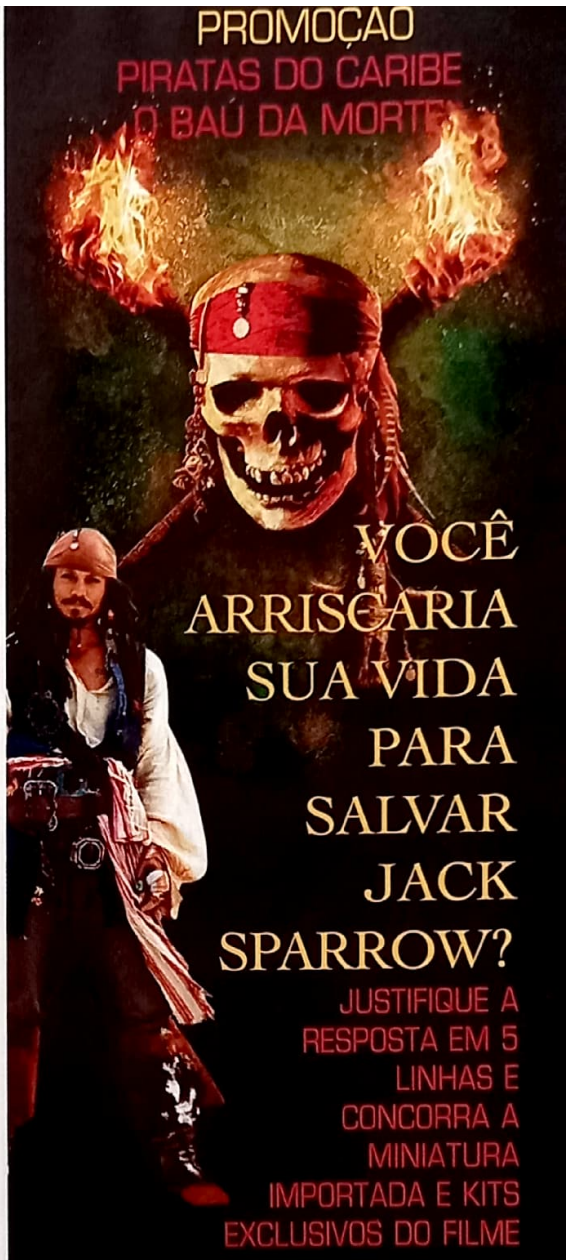
Há centenários e centenários. Uns são extremamente festejados. Outros passam totalmente despercebidos. Caso de Cesar Romero, cujos cem anos de nascimento em 15 de fevereiro não receberam a devida atenção. Tudo bem, ele não ganhou nenhum Oscar, quase sempre foi coadjuvante. Mas marcou presença no cinema americano de forma muito especial. Durante sessenta anos e em cerca de 180 filmes, atuou nos mais diversos gêneros, chegou a ser o vilão Coringa em uma versão de *Batman*, em 1966. Mas acabou sendo lembrado mais como um sofisticado latin lover. Tanto que, por isso e pelo nome, muitos pensavam que ele fosse mexicano. Porém Cesar Julio Romero Junior nasceu em Nova York e era filho de cubanos.

ARQUIVO PESSOAL

Dulce e Romero: um dos poucos amigos de verdade

Tive o prazer de conhecê-lo. Entre os atores, ele foi um dos poucos amigos que fiz durante os anos em que vivi em Hollywood. Vinha a minha casa e eu ia a sua. A nossa amizade começou por meio de Carmen Miranda, com quem trabalhou em alguns filmes. Em 1955, ele passou um bom tempo no Brasil atuando no inacabado *O Americano*, ao lado de Glenn Ford e Arthur Kennedy. Na volta, me falou de São Paulo, das festas e das noitadas no Nick Bar, a casa noturna que existia ao lado do TBC, freqüentada pelos artistas daquele teatro e da Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Elogiou muito a beleza das brasileiras ... e dos brasileiros.

Romero era gay. E assumido. Isso numa época mais repressiva. Mas sempre foi respeitado pelos estúdios e pela imprensa que o mostrava como um solteirão convicto. Nunca teve problemas por causa disso. Apenas em 1958, no enterro de seu querido amigo Tyrone Power. A pedido da viúva Debbie, fez o discurso fúnebre. Após ler um poema, disse: "Tyrone era um homem bonito. Bonito por fora e bonito por dentro". A frase, o uso meio incorreto da palavra *beautiful* para tratar da beleza da alma, provocou fofocas sobre um eventual caso entre Power e Romero. Mas este fez questão de desmentir tal versão. Enfatizou que se referiu à personalidade do ator de *Sangue e Areia*. Tenho saudades desse homem franco e refinado. Dotado de humor um tanto debochado, encantava as pessoas. Daí ser convidado para muitas festas da alta sociedade e não só do meio cinematográfico. Ele morreu em 1º de janeiro de 1994, em Santa Monica, perto de Hollywood, vítima de pneumonia. Trabalhou até o segundo semestre de 1993, quando atuou no primeiro longa de um diretor que não vingou.



REGULAMENTO:

1. Participação: 1.1 - O premiado será o autor da criação. 1.2 - Só terão direito aos prêmios as cartas com todos os dados do autor (nome, endereço completo e e-mail quando houver) preenchidos de forma legível, com letras de fôrma ou impressa, enviadas pelo correio para Caixa Postal 27.020 – CEP 04007-990 - São Paulo, pelo e-mail: promoset@edpeixes.com.br 1.3 - Ou pessoalmente na Rua Helena, 260, 4º andar - Vila Olímpia - São Paulo; até o dia 05/04/2007. 2. Critérios: 2.1 - Para participar, o concorrente deverá enviar pelo e-mail da Promoções da revista SET, utilizando no máximo 05 (cinco) linhas, a resposta à pergunta: "Você arriscaria sua vida para salvar o capitão Jack Sparrow?". 2.2 - O texto deverá ser apresentado obrigatoriamente em língua portuguesa. 2.3 - A avaliação será baseada nos seguintes critérios e pela ordem: criatividade e adequação ao tema. 2.4 - A avaliação final e a escolha definitiva dos ganhadores acontecerá no dia 10/04/2007. 3. Premiação: 3.1 - Serão escolhidas as 03 (três) melhores respostas, cuja colocação será estabelecida pela comissão julgadora. 3.2 – O 1º lugar receberá um kit contendo miniatura importada do vilão Davy Jones, a edição dupla de Piratas do Caribe – O Baú da Morte, caderno, caneta exclusiva e pôster do filme. O 2º e o 3º lugar receberão um kit com a edição dupla do filme, caderno, caneta exclusiva e pôster. 3.2 - Os prêmios serão enviados pelo correio até 45 dias após a publicação dos resultados. 4. Divulgação: 4.1 - Os ganhadores serão notificados por meio de um anúncio, publicado na revista SET de maio de 2007. 4.2 - Os participantes vencedores desse concurso autorizam automaticamente a Editora Peixes e a Walt Disney Home Entertainment a usar suas imagens, nomes e vozes em: fotos, cartazes, filmes e/ou spots, e em qualquer outro tipo de mídia e peças promocionais para a divulgação do resultado da promoção, além de concordarem automaticamente com a cessão dos direitos autorais eventualmente existentes sobre os textos premiados à Editora Peixes e à Walt Disney Home Entertainment, sem nenhum ônus para que os organizadores desse concurso possam fazer uso desse material livremente e da forma que melhor lhes convier. 5. Considerações: 5.1 - Esse concurso tem caráter exclusivamente cultural, não estando vinculado à compra de produtos, nem subordinado a qualquer modalidade de sorte ou sorteio (art. 30 do Decreto-Lei Nº 70952/72). 5.2 - Quaisquer dúvidas, divergências ou situações não previstas nesse regulamento serão julgadas e decididas de forma soberana e irrecorrível pela comissão julgadora. 5.3 - É vedada a participação de funcionários (parentes e familiares) da Editora Peixes, e de quaisquer outras pessoas envolvidas na organização desse concurso.

PROMOÇÃO:
Walt Disney Home Entertainment
EDITORA PEIXES

SESSÃO COMÉDIA

Por Fernando Gonsales

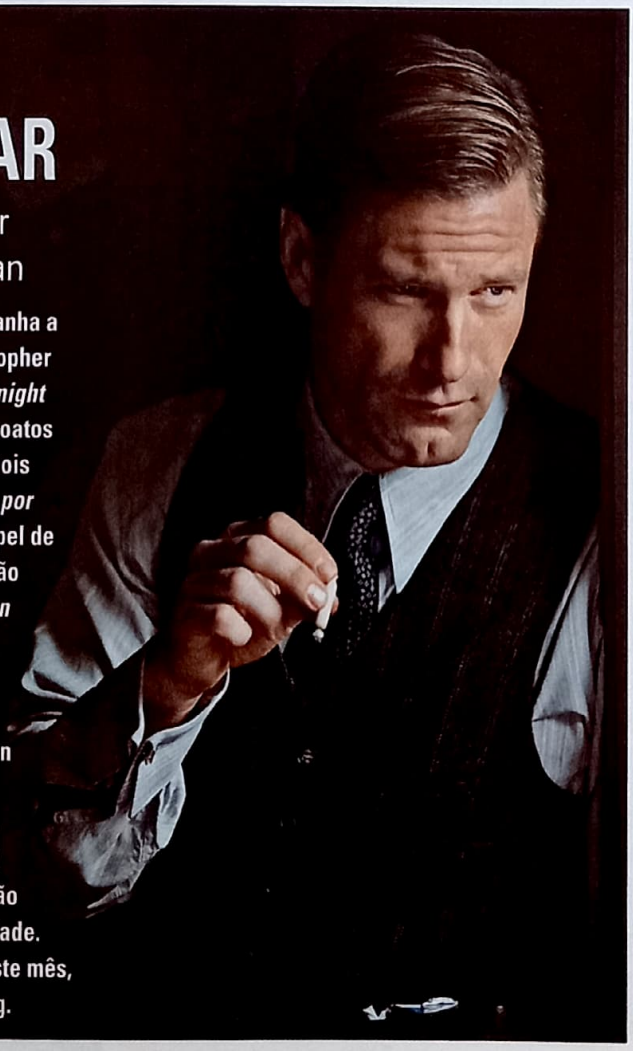
www.niquel.com.br

FOTOS: DIVULGAÇÃO

OBRIGADO POR ACEITAR

Aaron Eckhart deve ser o novo vilão do Batman

Enquanto *Homem-de-Ferro* ganha a presença de Jeff Bridges, Christopher Nolan não deixa seu *The Dark Knight* ficar para trás. Confirmando os boatos que pululavam pela Internet há dois meses, Aaron Eckhart (*Obrigado por Fumar*) deve mesmo ganhar o papel de Harvey Dent, o Duas-Caras. O vilão já foi uma das estrelas de *Batman Eternamente*, na pele errônea de Tommy Lee Jones, mas não deve aparecer com a cara deformada nesta seqüência. A idéia de Nolan é preparar o personagem para completar a trilogia do Morcego, fazendo o Coringa (Heath Ledger) ser o responsável pela deformação de Dent, fato que o leva à insanidade. As filmagens começam ainda neste mês, em Chicago, Londres e Hong Kong.



ESCOLA DE PICARETAS

Milli Vanilli ganhará filme

Se Zezé di Camargo e Luciano renderam um bom filme, Milli Vanilli também pode fazer bonito. Pelo menos é o pensamento da Universal, que confirmou a cinebiografia da dupla que tomou o mundo de assalto com suas canções românticas e caiu como chumbo quando descobriram que os dois "vocalistas" eram uma fraude – as músicas eram cantadas por um grupo de pessoas considerado feio demais pelos executivos da gravadora que armaram a picaretagem. Jeff Nathanson, roteirista de *Prenda-Me Se For Capaz* e diretor de *O Último Golpe*, assumiu o texto e o comando da obra.

Nossa sugestão para o título: "Girl, You Know It's True". É Oscar na certa.

CÓPIAS DUBLADAS

DOS CRIADORES DE

AS CRÔNICAS DE NÁRNIA

Dublado por
Rafael Almeida
e Pérola Faria

FECHE OS OLHOS,
MAS DEIXE A MENTE
BEM ABERTA

PONTE PARA TERABÍTIA

BRIDGE TO TERABITHIA

16 DE MARÇO NOS CINEMAS

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME

www.imagemfilmes.com.br

Imagem Filmes

primeira
fila

NÓS, ROBÔS!

Ergam os braços para seu líder, Optimus Prime

Transformers, no meio de todo o bafafá em torno de *Piratas do Caribe 3* e *Homem-Aranha 3*, vai comendo pelas beiradas e começa a demonstrar sua força para o verão americano deste ano. Dissecado desde o início das filmagens, em 2006, o longa de Michael Bay conseguiu bater recordes de audiência com seu primeiro teaser e alavancou discussões acaloradas pela web sobre o visual dos robôs. Até mesmo a imagem que ilustra esta página em toda a sua glória, passada como "exclusiva", não durou duas semanas nos cofres digitais do estúdio, que nada pôde fazer ao visualizar Optimus Prime, líder dos Autobots, os robôs que tentarão proteger a Terra do ataque dos Decepticons, em diversos sites estrangeiros. Não importa. Qualquer desculpa é válida para saciar a sede por sucatas gigantes ambulantes.

É DIVERSÃO GARANTIDA DO COMEÇO AO FIM.

Jornal da Tarde

WOODY HARRELSON · TOMMY LEE JONES · GARRISON KEILLOR · KEVIN KLINE · LINDSAY LOHAN · VIRGINIA MADSEN · MERYL STREEP · LILY TOMLIN

A ÚLTIMA NOITE

A PRAIRIE HOME COMPANION

Porque o melhor sempre fica para o final.

O último filme de Robert Altman

15 DE MARÇO NAS LOCADORAS

CENSURA LIVRE

www.imagemfilmes.com.br

Imagem Filmes

FÚRIA DE TITÃS

Usando cenários digitais e muita testosterona, o diretor Zack Snyder coloca Rodrigo Santoro e Gerard Butler num duelo mortal e subverte a história do rei grego Leônidas em *300*, adaptação espetacular da graphic novel de Frank Miller

Por Rodrigo Salem, de Los Angeles

"Você viu a porra do filme?", grita um Gerard Butler possuído por seu novo personagem, o rei espartano Leônidas. A intervenção causaria um mal-estar ou daria arrepios nas jornalistas mais politicamente corretas e sensíveis. No entanto, não estamos tratando de um filme comum. *300*, adaptação da graphic novel *Os 300 de Esparta*, de Frank Miller (*Sin City*), é uma mistura de épico "sandálias e espadas", fantasia de horror, testosterona e o melhor que os efeitos visuais podem produzir hoje. Ao escolher adaptar a trágica história de Leônidas e de seus 300 soldados que seguraram milhares de invasores persas (liderados pelo brasileiro Rodrigo Santoro), o diretor Zack Snyder construiu o elo perfeito entre a riqueza histórica de *Gladiador* e os cenários digitais de *Sin City* – resgatando o gênero do abismo da pretensão tediosa no qual *Tróia* e *Alexandre* se afundaram e apresentando o formato para uma nova geração viciada em violência e nudez fácil. É a inauguração da era dos épicos de videogame.

O mais engraçado de *300* servir de nova tábua de salvação para os épicos sandálias e espadas – assim como foi *Gladiador* há sete anos – é saber que, por causa de um deles, o filme poderia nunca ter ganhado vida. "A Warner ia fazer *Tróia*, com Brad Pitt", recorda Zack Snyder. "E o filme era muito importante para eles. Tentei explicar que *300* era como *Tróia*, porém sem estrelas. Mas eles não me conheciam e me acharam estranho. Então me chutaram para fora do estúdio." Enquanto *Tróia* partiu solenemente para ser um longa fracassado crítica e financeiramente, Snyder continuou levando a revista para os executivos, que não >>

Oráculo: sem cortes no filme

entendiam como aquilo poderia virar um longa. "Eles simplesmente não compreendiam", lembra o cineasta. "Por alguma razão desconhecida, os chefes de estúdio só entendem um roteiro quando está datilografado. Tentei explicar que aquilo perto da boca dos personagens era um balão de diálogo, mas não adiantou. Ninguém quis fazer." A frustração só não foi maior para o jovem conhecido por seus vídeos musicais, porque ele aceitou substituir David Ellis (*Serpentes a Bordo*) no remake de *A Madrugada dos Mortos* – Ellis preferiu tentar a sorte em *Premonição 2* – e impôs estilo e decisões que poucos novatos teriam coragem. "Os chefões apareceram no meio das filmagens e perguntaram o que diabos eu estava fazendo. Eles achavam que, se eu era um diretor de comerciais para a TV, deveria realizar um filme que parecesse propaganda de cerveja. Terminei fazendo algo como um cult movie bancado por um grande estúdio."

Madrugada dos Mortos custou 28 milhões de dólares, rendeu cinco vezes mais e, de repente, Zack Snyder voltou a ser bem-vindo em Burbank, casa da Warner. Além disso, *Sin City* estreou nos cinemas americanos, dando uma idéia prática de como o cineasta poderia transformar o mundo grego antigo da HQ num longa de visual único – além de mostrar caminhos que não deveriam ser seguidos. "Preciso dar crédito a Robert (*Rodriguez*) por criar uma estética Frank Miller", declara. "Mas o que o desenhista fez em *Os 300 de Esparta* foi uma experiência diferente. Claro que elas dividem a mesma noção de humor negro e Marv e Leônidas são personagens que se complementam." Mesmo sem ter a mesma desenvoltura sobre histórias em quadrinhos, Rodrigo Santoro, que faz o papel de Xerxes, imperador persa e "vilão" da produção, concorda com o diretor: "*Sin City* é mais puxado para ser quadrinhos. Mas *300* é uma viagem. Quando vi pela primeira vez, saí do cinema sem conseguir falar".

A experiência de testemunhar *300* pela primeira vez é realmente empolgante. Durante os seis meses de filmagens no Canadá, Zack Snyder atuou nos dois lados extremos da arte cinematográfica, utilizando cenários completamente digitais (inseridos na pós-produção), porém impondo treinamentos e cenas que exigiam o máximo de dedicação de seus atores. Rodrigo Santoro foi um dos que mais sofreram. O ator brasileiro estava no meio de um trabalho de imersão em *Hoje É Dia de Maria*, onze quilos mais magro e lapidando o lado frágil do personagem, quando o produtor italiano Gianni Nunnari o convidou para viver Xerxes. "Estava magro como um palito, não podia fazer um sujeito de 3 metros, seminu e com porte de um Deus", responde. "Perguntei quanto tempo teria para ganhar peso e preparar o corpo e disseram que era algo entre quatro e seis meses. Depois foi muita dieta e musculação." Poderia ter sido pior se Santoro tivesse sido escalado no papel que imaginaram inicialmente para o brasileiro. "Rodrigo ia ser um dos espartanos", revela Snyder. "Uma noite falei para minha mulher (*também produtora de* 300): 'Se Yul Brynner estivesse vivo, o chamaria para interpretar Xerxes, mas como ele não está, Rodrigo é um cara bonitão, inteligente e parece que pode ser malvado. Imagino como deve ficar careca'."

O sofrimento do brasileiro, no entanto, foi fichinha perto do >>

GALERIA

LEÔNIDAS (GERARD BUTLER)

O rei de Esparta é um soberano que segue à risca as leis de sua cidade, mas não deixa de confrontar conselheiros quando o assunto é a ameaça à Grécia. Passa por cima de tradições e reúne 300 de seus melhores soldados para ir de encontro ao Exército persa nos Portões de Fogo.

RAINHA GORGO (LENA HEADEY)

Pouco se sabe sobre o relacionamento de Gorgo e Leônidas, mas a sua versão cinematográfica não é o retrato da mulher grega da época. No filme, a sensual rainha emite opiniões, briga com políticos e ganha um papel fundamental nos bastidores.

DILIOS (DAVID WENHAM)

O guerreiro e contador de histórias espartano é o narrador do filme. Divulga os feitos do rei e tem destaque no final da obra.

STELIOS (MICHAEL FASSBENDER)

O maior guerreiro de sua geração, Stelios é o dono de famosas frases de efeito em combate. É destaque nas melhores cenas de ação do filme ao lado de Butler.

CAPITÃO (VINCENT REGAN)

Homem de confiança de Leônidas, o respeitado capitão da guarda pessoal do rei é

UMA VERDADE CONVENIENTE

Hollywood chegou com séculos de atraso a uma das maiores histórias de heroísmo da humanidade

"Almocem comigo aqui e jantem no Inferno." A frase, segundo o grego Heródoto, tido como o pai da História, teria sido proferida pelo rei Leônidas, de Esparta, momentos antes da batalha final de suas tropas contra os persas, no desfiladeiro das Termópilas, por volta de 480 a.C. Que a sentença é heróica, não há dúvida. Frank Miller, que a utilizou na graphic novel *Os 300 de Esparta*, sabe disso. Zack Snyder, que potencializa a frase de efeito na adaptação *300*, também. Mas será que ela foi, ao menos, pronunciada? É difícil dizer. Mais do que um historiador preciso, Heródoto foi, de fato, um romancista talentoso. "Seu relato tinha de ser emocionante, visto que ele ganhava a vida com leituras em praça pública", diz Breno Sebastiani, historiador e professor do curso de Letras Clássicas da USP.

O problema é que Heródoto é a fonte exclusiva de muitos capítulos da Antiguidade. E suas versões, ao que parece, não são totalmente fidedignas. "Sua obra é uma apologia às vitórias gregas", completa Sebastiani. Certo mesmo é que o clímax de seus nove livros são as Guerras Médicas, a disputa de quase meio século (492 a.C. a 449 a.C.) entre gregos e persas pela Ásia Menor. A Batalha das Termópilas foi só uma passagem da contenda entre dois Impérios em ascensão. Conta-se que, vindo por terra e por mar, as hordas persas, sob o comando do rei Xerxes, cruzaram por uma ponte de barcos os 2 quilômetros do Helesponto, hoje chamado Estreito de Dardanelos. Daí pode-se ter uma noção do tamanho dessa frota. No total, sempre de acordo com Heródoto, mais de 3 milhões de soldados de diversas nacionalidades compunham o Exército de Xerxes. A Leônidas coube comandar 7 mil homens vindos de várias cidades gregas. Entre eles, estavam 300 dos melhores soldados espartanos, escolhidos pessoalmente pelo rei. "Todos tinham o mesmo perfil: grandes guerreiros que não debandariam enquanto pudessem lutar", explica o professor.

Inteligente, Leônidas conduziu seus homens para o Desfiladeiro das Termópilas, onde sabia que os estreitos penhascos iriam invalidar a vantagem numérica dos oponentes. Nos dois dias de batalha, os soldados gregos rechaçaram todas as tentativas dos comandados de Xerxes. A sorte dos invasores só mudaria quando um pastor de nome Ephialtes guiou por uma trilha de cabras a elite das tropas orientais até a retaguarda dos espartanos. Ao ser informado da aproximação inimiga, Leônidas ordenou a retirada da maioria dos homens. Sob seu comando, ficaram apenas os 300 bravos espartanos. Massacrados, eles cumpriram sua missão ao garantir tempo suficiente para que o restante do país se preparasse para a guerra. Assim foi em Platéia, meses depois, quando os persas tiveram de encarar 10 mil espartanos comandando 30 mil gregos livres. Na mente dos invasores, somente a imagem do estrago causado por apenas 300. De acordo com Heródoto, os 300 de Esparta.

Thiago Medaglia

indivíduo de natureza nobre e ainda tenta cuidar do filho no campo de batalha.

XERXES (RODRIGO SANTORO)

O imperador e divindade persa não se considera humano e Snyder se aproveita. Turbina a voz de Santoro e usa trucagens de câmera para aumentar o aspecto bestial do tirano asiático.

THERON (DOMINIC WEST)

Inventado especialmente para o longa, Theron é um dos conselheiros mais influentes e corruptos da política espartana.

EPHIALTES (ANDREW TIERNAN)

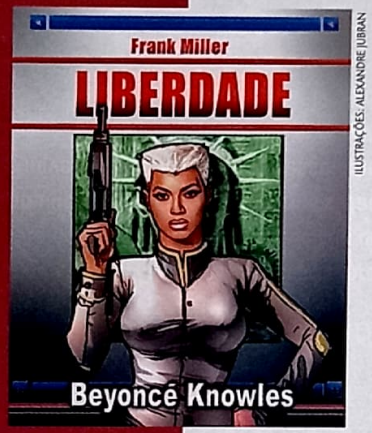
Ephialtes deveria ter sido sacrificado ao nascer. Suas deformações físicas não têm lugar numa Esparta obcecada pelo corpo perfeito, mas seu pai resolveu poupá-lo.

NO MUNDO PERFEITO...

SET escolhe cinco obras que Hollywood poderia adaptar do autor mais cinematográfico das HQs

LIBERDADE

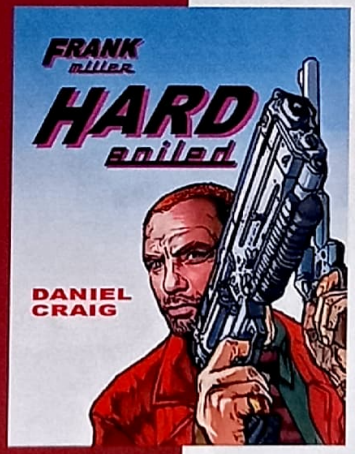
DIREÇÃO: Paul Verhoeven
COM: Beyoncé, Sean Bean, Gregory Itzin.
COMO SERIA: A saga de Martha Washington, menina negra nascida na maior crise moral dos Estados Unidos, tem tudo o que Hollywood procura: efeitos especiais animalescos para retratar o mundo do futuro, o tema da luta pela liberdade, ação desenfreada com as batalhas entre Exércitos na Floresta Amazônica e uma trama emocional. Beyoncé provou em *Dreamgirls* que poderia assumir o papel principal, mas precisaria de muita vontade para mudar o corpo (ficar careca, por exemplo) durante as fases complicadas e militares da lutadora pela paz contra o perigoso oficial vivido por Bean e o presidente dos EUA, cuja missão seria tirada de letra por Itzin, como vimos na última temporada de *24 Horas*.
PODE ACONTECER? Não seria nada difícil. Mas nenhum produtor ainda se pronunciou sobre uma adaptação da saga que poderia virar facilmente uma trilogia futurista.



ILUSTRAÇÕES: ALEXANDRE JUBRAN

HARD BOILED – À QUEIMA-ROUPA

DIREÇÃO: Os irmãos Wachowski
COM: Daniel Craig.
COMO SERIA: Os Wachowski poderiam deixar de lado essa idéia de filmar *Speed Racer* e trabalhar em algo que criariam de olhos fechados. A história de Carl Seltz é uma ficção científica esquizofrênica sobre um homem comum que descobre ser um policial andróide que dispara armas pesadas como se fossem estilingues. Violência gratuita, contestação da realidade inerte e Daniel Craig ligado no modo turbinado. Faria qualquer detrator de *Matrix Revolutions* pensar duas vezes.
PODERIA ACONTECER? Na verdade, *Hard Boiled* é uma das maiores influências sobre *Matrix*. No entanto, Andy e Larry Wachowski dificilmente aceitariam adaptar seus textos ao trabalho de Miller. Veremos se algum outro maluco se arrisca.



RONIN

DIREÇÃO: Zhang Yimou
COM: Jet Li, Ken Watanabe, Halle Berry, Robert Redford.
COMO SERIA: Lançada em 1983, a minissérie necessitaria de uma atualização

que os espartanos passaram no Canadá. Apesar da riqueza de efeitos especiais, a computação gráfica não serviria para incrementar lutas ou colocar dublês digitais no lugar dos atores. Para isso, a exigência em cima do elenco precisaria ser máxima. Mas Zack Snyder conseguiu isso de primeira ao achar Gerard Butler, dono do papel imponente de Leônidas, o rei-herói de Esparta. "Encontrei Gerry num café em Los Angeles", narra o cineasta. "Ele estava com a graphic novel nas mãos, dizendo o que iria fazer em voz alta e mostrando os movimentos fisicamente. As pessoas chegaram a pensar que estávamos no meio de uma briga." A situação dentro do estúdio não era menos intensa. Butler precisava malhar seis horas por dia para alcançar o corpo espartano, sem contar o levantamento de peso entre as tomadas. "Isso não foi tão divertido", reclama o engraçado ator escocês. "Mas queria me sentir como aquele rei, ser aquele rei."

MENTE SÃ. CORPO SÃO

O esforço valeu a pena. Colocando de lado o fato de que os públicos feminino e homossexual (a brincadeira que rolava nos bastidores era que *300* vai ser hit na comunidade gay quando for lançado em DVD) serão atraídos pelos corpos de super-heróis de espartanos e persas, os homens da casa não precisarão ficar preocupados com cenas de ação sonolentas. O filme é uma grande batalha intercalada por uma briga de bastidores criada pelo próprio Zack Snyder para ressaltar o papel da rainha Gorgo (Lena Headey). Cada luta é intensificada pela presença dos atores e por uma coreografia violenta (pernas e cabeças voam em profusão) de fazer *Tróia* parecer um episódio de *Malhação*. "Tudo foi difícil", confessa Snyder. "A coreografia de lutas foi intensa e eu tinha uma idéia bastante disciplinada e forte do que queria ver. Queria que o público visse que eram os atores ali no meio da batalha, sem cortes e truques." Para isso, o diretor até mesmo chegava a apostar com o elenco. Numa determinada cena, o espartano Astinos joga uma lança contra a cabeça de um rinoceronte, mas o ator Tom Wisdom não conseguia alcançar a distância necessária. "Ele precisava fazer aquela tomada, então coloquei uma cadeira do outro lado do estúdio e um cone em cima dela. Apostei dez pratas como ele não derrubaria aquilo."

A obsessão pela realidade de Zack Snyder pára por aí. "Nas minhas pesquisas", explica Snyder. "Vi como eram os Imortais (*a guarda de elite persa*) de verdade e disse: 'Bem, isso vai para o lixo'. A verdade é que estávamos tentando dar vida ao livro de

para se adaptar ao novo milênio. O conteúdo, no entanto, seria intocável: samurai errante do século 13 procura vingar a morte do mestre centenas de anos no futuro, quando o demônio responsável pelo assassinato reencarna no meio de uma Nova York dominada pela nanotecnologia. O ronin assume o corpo de um tetraplégico que tem os braços e pernas reconstruídos e parte para o duelo final. E nada mais óbvio que ter Jet Li como o samurai definitivo, mesmo sendo chinês.

PODERIA ACONTECER? "Estamos trabalhando no roteiro neste momento e vendo a melhor maneira de adaptar o material", explica o produtor Gianni Nunnari, também responsável por *300*. Depois do sucesso de *Stomp the Yard*, sobre um dançarino de rua, o diretor Sylvain White está mais forte que nunca no comando da obra.

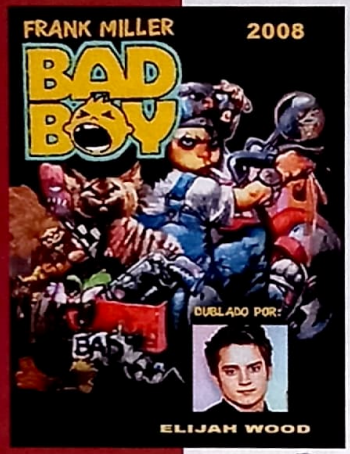
BAD BOY

DIREÇÃO: Brad Bird

COM A VOZ DE: Elijah Wood.

COMO SERIA: Nas mãos do diretor de *Os Incríveis*, a trama do garotinho que descobre toda a verdade sobre sua família precisaria ser mais suavizada. Mas nada impossível. Jason escapa da violência de seus pais, casal contratado para fazer experiências, e tenta recuperar a memória e descobrir suas origens. A animação em computação gráfica seria mais hardcore, porém sempre dentro dos limites de uma boa aventura familiar com toques adolescentes.

PODERIA ACONTECER? Somente se Frank Miller virar o autor mais famoso de Hollywood. A animação adulta não seria vendida em mil anos, mas dando um foco mais engraçado e menos violento poderia funcionar como o sádico Pernalonga funcionou um dia.



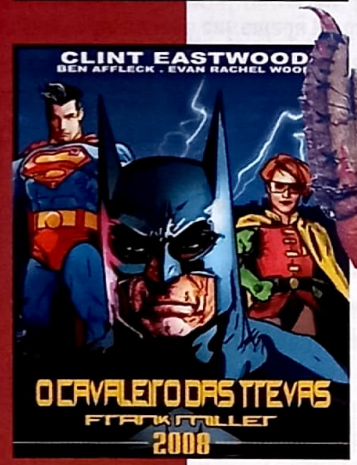
BATMAN – O CAVALEIRO DAS TREVAS

DIREÇÃO: David Fincher

COM: Clint Eastwood, Evan Rachel Wood, Linda Carter, Jack Nicholson, Peter O'Toole, Ben Affleck.

COMO SERIA: O filme definitivo do Batman. Dez anos depois da aposentadoria, o Cavaleiro das Trevas (Eastwood, usando uma armadura) desperta novamente diante de uma Gotham podre, corrupta e dominada pelo medo. Os Estados Unidos enfrentam uma onda de fascismo e um vigilante do povo não é tolerado pelo governo, que hoje usa os serviços do Superman (Affleck) para se impor contra uma potência asiática. Além disso, velhos vilões retonariam para complicar a situação. Do lado do herói, apenas a nova Robin (Evan) e um debilitado comissário Gordon (O'Toole).

PODERIA ACONTECER? Talvez quando a franquia esfriar pela segunda vez. Mas achamos quase impossível a Warner bancar um orçamento de 200 milhões de dólares para colocar um ponto final na história do herói de maior sucesso do estúdio e numa censura alta. Quem sabe nessa onda de desenhos animados inspirados em HQs clássicas?



Frank e a solução para o problema de verdade histórica era escolher a solução mais cool." Essa tal solução cool é afastar-se o máximo possível da realidade ensinada nas escolas, mas não a ponto de deixar a história de Leônidas irreconhecível. Os Imortais, por exemplo, seguem o visual imaginado por Miller nos quadrinhos, mas recebem a adição de uma face monstruosa quando as máscaras são arrancadas. Corpos viram árvores ou servem de muralhas. Executores perdem as mãos e ganham lâminas talhadas em seus ossos. E até Xerxes tem a voz gutural amplificada por computador, para deleite de Rodrigo Santoro. "Tem um parágrafo inteiro na graphic novel que descreve a voz do personagem como 'um trovão, um óleo quente'", exalta-se o ator. "Então fiz um trabalho vocal para deixá-la bem grave. Zack já tinha me avisado que trabalharia nela, porque precisaria ter impacto, ecoar em todo o cinema."

A voz foi o menor dos problemas do brasileiro. Para chegar ao visual completamente "sem pêlos" de Xerxes, Santoro precisou depilar o corpo inteiro. Primeiramente, testaram a depilação à >>

FOTOS: WARNER

Monstros: o über-imortal, executor grotesto e os Imortais

CAMINHANDO PARA A GLÓRIA

Gerard Butler sobe um degrau com *300*

Gerard Butler não parece um sujeito que se leva muito a sério. Tudo bem que também não levaram o escocês a sério quando ele estrelou *Drácula 2000* ou *Tomb Raider: A Origem da Vida*, mas ele não se importa com isso. Ainda mais com *300* pela frente, o filme que deve mudar sua carreira para sempre. Na pele do rei Leônidas, Butler submerge na concepção brutal, honrada e guerreira criada por Frank Miller e Zack Snyder.

Parabéns pelo filme. É incrível.

Obrigado. Estou muito orgulhoso com minha performance, mas estou mais orgulhoso ainda com os efeitos especiais que fiz, o figurino que desenhei e o roteiro que escrevi (*risos*).

Vocês estão animados. Foi assim nas filmagens?

O processo, algumas vezes, parecia natural e sem esforço. Foi divertido, mas duro e complexo. Até os produtores eram malucos. Gianni (*Nunnari*) andava pelo set gritando (*imita um sotaque italiano perfeito*): "Ah, isso é chato. Quero jogar futebol" (*risos*). A história, apesar de séria, havia horas em que você pronunciava um diálogo com duplo sentido e todos iam abaixo. Há momentos tão poderosos, que para chegar lá, precisávamos rir de nós mesmos.

O Leônidas dos quadrinhos parece bem mais sério.

A culpa é minha. Sei reconhecer ironia e sarcasmo. Então, observei essas características na graphic novel. Apesar de as pessoas estar com caras de sérias, elas estavam brincando de alguma maneira. A cena em que os conselheiros dizem que Leônidas não pode marchar não tinha humor, inicialmente. Mas falei: "Não, isso sou eu dizendo, 'Foda-se!'". Ele está caminhando para a História e quer aproveitar o máximo do momento.

CONTAGEM REGRESSIVA

Watchmen, a Bíblia dos quadrinhos, deve deixar a geladeira. E Zack Snyder promete fidelidade à obra

Um dos projetos mais ambiciosos e esperados do cinema completa 20 anos de uma árdua geladeira em 2008. A boa notícia é que o descongelamento já começou. Se nenhuma tragédia acontecer – por exemplo, um fracasso retumbante e improvável de *300* –, Zack Snyder começa a filmar *Watchmen* no mês de julho. Parece difícil de acreditar para quem viu o longa passar pelas mãos de Terry Gilliam (*O Pescador de Ilusões*), David Hayter (roteirista de *X-Men*), Darren Aronofsky (*Réquiem para Um Sonho*) e Paul Greengrass (*A Supremacia Bourne*) e por todos os formatos possíveis – roteiros atualizavam a história escrita por Alan Moore e desenhada por Dave Gibbons ou mudavam o contexto da ameaça enfrentada pelos heróis da trama. Difícil até mesmo para Snyder. "Agradeço a Deus por ninguém ter conseguido fazer o filme", diz em entrevista exclusiva. "Isso não é nenhuma novidade, mas *Watchmen* provavelmente é a história mais cool que existe por aí."

Ao contrário das tentativas anteriores (com exceção de Gilliam, que adoraria fazer uma versão de nove horas da HQ), a nova ressurreição de *Watchmen* deve se manter fiel ao material original, inclusive usando os anos 80 como cenário. "Existe uma razão para *Watchmen* estar na lista das maiores obras literárias do século 20 da revista *Time* e não é por que é bonitinha", explica. "A história é profunda para cacete! Coloquei o filme em 1985 e tenho o distanciamento necessário para saber que é uma idéia viável. Ao usar a Guerra Fria, Nixon e todas essas coisas, você meio que reafirma sobre o que é a trama." Para quem nunca arriscou colocar as mãos na obra-prima, *Watchmen*, de maneira geral, é sobre um grupo de heróis semi-aposentados involuntariamente pelo governo que investiga a morte de vários de seus colegas e se mete numa conspiração política global. "Tento lembrar sempre ao estúdio de que o projeto está mais para *Dr. Strangelove* do que para *Quarteto Fantástico*", garante Snyder, prevendo uma duração em torno de duas horas e meia.

É esse clima "kubriquiano" que move o cineasta. Além de usar o cenário imaginado por Moore no gibi, ele ainda deseja incluir cenas com o gibi-dentro-do-gibi chamado *Contos do Cargueiro Negro*, algo impensável até mesmo para o fã mais radical. "Entre todos os envolvidos, fui o único a citar o *Cargueiro Negro*", revela. "Acho que estamos fazendo um bom trabalho e estou feliz onde estamos neste momento. O mais legal é que podemos ir atrás de atores baoanas, porque os que não fariam filmes de super-heróis farão *Watchmen*." Um desse atores poderia ser o brasileiro Rodrigo Santoro, fresquinho de um trabalho com o diretor? "Sei que ele está fazendo (*Watchmen*), mas não sei se existe um papel ali para mim", questiona o astro, emendando outra conclusão quando falamos que há algo ali para ele. "Então pode deixar que pego o Zack na esquina. Ganhei o livrão ontem de um executivo da Warner. Quem sabe não existe uma segunda intenção aí, não é?"

Termópilas: cenário digital e Exército real

base de cera. "Tenho um respeito ainda maior pelas mulheres que fazem isso", fala. Como a dor era insuportável, o astro pediu uma lâmina de barbear e passou a raspar o corpo sozinho. "Me senti como um alienígena, um anfíbio", relembra. O figurino escasso, não somente de Xerxes, mas de todos os espartanos (basicamente, capa, tanga de couro e sandálias), quase tirou David Wenham (*O Senhor dos Anéis: As Duas Torres*), intérprete do narrador Dilios, do longa ("Ele estava preocupado com a nudez, mas expliquei que teria um pouco de couro", brinca Zack), e não foi encarado de maneira usual por Gerard Butler. "No início é um pouco estranho", revela. "Mas depois de alguns dias você se acostuma, principalmente quando entramos na história. Quanto mais pensávamos, falávamos e nos comportávamos como espartanos, mais fácil essa estranheza ia embora."

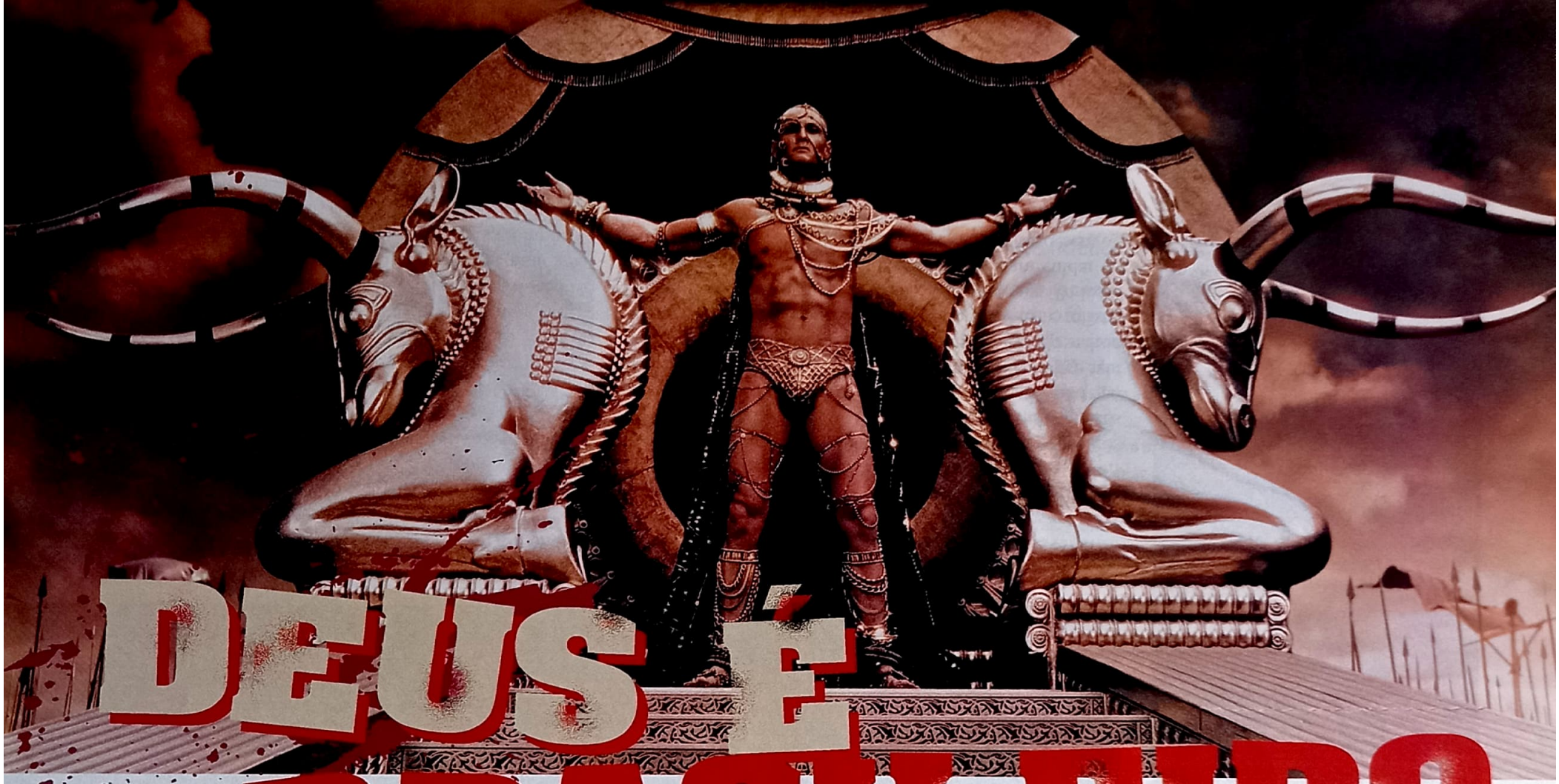
Todos esses discursos sobre treinamento, vozes alteradas, corpos de heróis e dedicação militar não valeriam de nada se *300* falhasse como filme. Não é o caso. "Meu filme está mais para *Herói* do que para *Tróia*? Pode apostar", gaba-se Zack Snyder. A afirmação não é vazia. O roteiro do próprio Snyder, Kurt Johnstad e Michael Gordon é puramente derivado das grandes tragédias gregas adaptado para uma geração fanática por mangás e acostumada com scripts complexos em seus videogames mais poderosos – *God of War* seria mais perto de *300* que *Ben-Hur*. Isso não é demérito. Só quem parou no Atari pensa que a estética videogame ainda é sinônimo de efeitos capengas e roteiros superficiais. Zack Snyder hoje é um dos diretores mais conectados com a geração que Hollywood não sabe como alcançar. Ele faz obras para um novo público sem esforço, com estilo visual único, emocional e que pode ser lido de várias maneiras. *300* pode ser uma apologia antiterrorista. Pode ser um filme de horror no meio de uma saga. Pode ter conotações gays (os soldados espartanos deviam cuidar do amigo no campo de batalha e, para isso, precisavam desenvolver uma amizade forte, mesmo incluindo sexo fora do casamento). Pode ser ação desenfreada com frases de efeito milenares ("Hoje à noite jantaremos no Inferno."). Mas ninguém explica melhor o que o longa pode ser do que Zack Snyder: "Se você for para um bar depois de assistir a *300*, quero que consiga transar por causa do filme". Finalmente um diretor com boas intenções neste mundo. •

FOTOS: WARNER

SAÍDA DE MESTRE

Gênio das HQs, Frank Miller quer mais cinema

Frank Miller está escrevendo a série *Grandes Astros Batman e Robin*, com desenhos de Jim Lee. A edição número 4 foi publicada em maio de 2006. A quinta está programada para maio deste ano. "É, eu estou um pouco atrasado", comenta Miller com um sorriso. A verdade é que o gênio por trás de obras-primas como *Ronin*, *O Cavaleiro das Trevas*, *Batman: Ano Um* e *300* está deixando os quadrinhos em segundo plano. Culpa de Robert Rodriguez, que o colocou como co-diretor em *Sin City*. Em *300*, por sinal, Frank assina como produtor-executivo, mas garante que seu maior trabalho foi "sair da frente" do diretor Zack Snyder e deixá-lo à vontade para fazer seu filme. Mas a única coisa que o artista não quer fazer em sua nova carreira é sair da frente. No momento, Miller está escrevendo, ao lado de Rodriguez, o roteiro de *Sin City 2*, baseado em parte na minissérie *A Dama Fatal*. E prepara-se para voar solo na direção de *The Spirit*, série vital de outro gênio, Will Eisner. "Minha idéia é transportar aquele mundo criado por Will para o cinema", empolga-se. "Quero a arquitetura refletindo as emoções dos personagens, os créditos, ajudando a contar a história."



DEUS É BRASILEIRO

O carioca Rodrigo Santoro ganha o papel de vilão em *300* e confirma seu desejo de não querer ser um estereótipo latino em Hollywood

Não sei o que é mais surreal: o maior astro da TV e do cinema brasileiro me conhecer sem nunca termos nos encontrado ou a presença do próprio Rodrigo Santoro como o "vilão" de uma das produções mais espetaculares geradas pelo cinema pipoca americano. Leitor confesso de SET, Santoro nos recebeu em Los Angeles para duas entrevistas diferentes. A primeira, sozinho, foi toda levada em português ("Quanto mais entusiasmado eu fico, quando falo em português?", pergunta o ator para sua assessora americana) e com a promessa de continuar além da divulgação de *300* ("Assim que chegar ao Brasil, a gente marca um bate-papo."). A segunda, ao lado de mais alguns poucos jornalistas da Austrália, Tailândia, Alemanha, Grécia, Espanha e Japão, provou que o inglês de Santoro está impecável e que o carioca sabe lidar com a imprensa mundial como se fosse uma estrela hollywoodiana experiente, sempre simpático e articulado. Em comum entre as duas, a empolgação de Rodrigo com o papel de Xerxes e a reafirmação da vontade de não querer ser mais um esterótipo latino, como as revistas de fofocas nacionais adorariam ver acontecendo.

Como está sendo a experiência até agora com jornalistas do mundo inteiro? É a primeira vez que faz um evento assim?

Não. Fiz com *As Panteras* e *Simplesmente Amor*. Gosto de falar sobre o trabalho e conversar com jornalistas do mundo inteiro.

E você pode conversar sobre cinema, algo que adora e não pode fazer tanto no Brasil, não é?

É, principalmente no meu caso. É estimulante. Sou suspeito para falar sobre cinema. Fui abençoado com ótimos projetos como *O Bicho de Sete Cabeças* e *Abril Despedaçado*. Claro que me apaixonei pelo cinema. Mas não descarto nada, nem teatro que só fiz uma peça, nem televisão. De maneira nenhuma. Minha experiência no palco foi imensamente gratificante e aprendi tudo na TV.

Mas a televisão deve perder um pouco do charme...

Fica um pouco diluída. Minissérie nem tanto, mas novela é um grande exercício. Estamos contando uma história em cem capítulos. Não tem essa profundidade, a intensidade de um filme, no qual cada olhar precisa representar muito, porque você tem duas horas para contar a história. Essa é a única diferença.

Inclusive, sua voz foi amplificada para o papel.

Tem um parágrafo inteiro na graphic novel que descreve a voz do personagem como "um trovão, um óleo quente". Então a voz precisa ser trabalhada no computador para ecoar no cinema inteiro. Assisti ao filme no Imax ontem. Meu amigo, quando ele abre a boca eu falei: "O que é isso?" (*risos*). Para o contexto do filme, ajudou muito, pois traz uma densidade. Minha voz já estava bem grave, lá embaixo, mas ele disse que ia deixar bem "RRRRRR" (*mais risos*). Achei isso interessante, porque é diferente de tudo o que já fiz.

É engraçado, porque seus filmes são mais densos...

É outra história! Esse filme é um longa de efeitos especiais, de estética e estilo. Fazer esse cara é como fazer um supervilão, insano e megalomaníaco. Ele não é Lex Luthor, mas é algo mais louco. Quando o vi na graphic novel, salivei: "Eu quero fazer isso!".

E você adora mudar.

Eu gosto. Adoro essa coisa do desconforto, porque aprendi a partir dali. Aprendi me colocando nessa situação. Quando comecei a ter oportunidade de mergulhar nos personagens e perguntar sobre eles, comecei a me sentir mais forte. Eu relaxo no domingo.

Só não fiquei mais chocado com sua aparência porque já tinha visto você como travesti em *Carandiru*.

Esse filme é uma espécie de *Carandiru* gringo. Todos os moralistas que vieram falar comigo perguntaram: "É você?". Considero

DIVULGAÇÃO

Galã: com cabelos em *Lost*

isso um elogio, porque consegui desaparecer ali. Neste mercado, sendo latino, é muito difícil conseguir um personagem como Xerxes. É tudo estereotipado. Eles sempre vão querer que eu faça o latino galã. Já tive convites nesse tipo e não quis fazer, porque não achei interessante e não me estimulou.

Sei que você gosta de mudanças, mas não teme como os brasileiros o receberão ao vê-lo numa figura andrógina?

Bem, fiz um transexual em *Carandiru*. Cara, se você se preocupar com o que as pessoas vão falar sobre você, basear suas escolhas nisto, será muito difícil, porque não dá para controlar a opinião dos outros. As pessoas possuem uma opinião diferente e elas têm esse direito. Essa é a beleza da arte. Preciso pensar como será a experiência para mim e no que estou fazendo como ator. Como o personagem acrescentará algo a minha atuação. De outra maneira, você perde o foco e vira algo sobre ego.

O mais interessante é que *300* nunca deseja ser realista.

Exatamente. Quando vi pela primeira vez, saí do cinema sem conseguir falar. É uma pancada, muito original.

Mas você nunca foi fã de quadrinhos, certo?

Cara, meus quadrinhos eram Chico Bento, Turma da Mônica. Eu lia mais essa galera. Lia um pouco de super-heróis, mas curtia mais o Maurício de Sousa, o Recruta Zero.

Você foi cotado para ser um dos espartanos. Não teve inveja de ver todo os outros caras lutando?

Preciso confessar que teria sido divertido. Mas, ao mesmo tempo, eu não trocaria por Xerxes, que acho muito interessante como personagem. Mas teria sido divertido lutar e fazer parte do grupo.

Por falar nisso, você tem alguma ambição em Hollywood?

Ambição é algo que deixo para Xerxes (*risos*). Bem, minha ambição é fazer parte de projetos interessantes e ter oportunidades em personagens complexos. Tentar fazer algo merecedor.

Existe alguma verdade nessa idéia de filmar *Dare To Love Me*, a história de Carlos Gardel, o maior nome do tango argentino, com a direção de Alfonso Arau?

É uma possibilidade. Ainda estamos conversando, porque estão reescrevendo o roteiro neste momento. É um filme delicado, porque é sobre Gardel e sempre é mais complicado quando fazemos alguém assim, que existiu e foi famoso. Vamos ver no que dá.

Você canta bem?

Canto no banheiro. Cantei antes em dois filmes. Não falaria que sou um cantor, mas posso ter algumas aulas e trabalhar nisso. O interessante sobre Gardel é que ele era principalmente um compositor. Acho que, se o filme sair, será sobre isso, sua vida e o processo de composição.

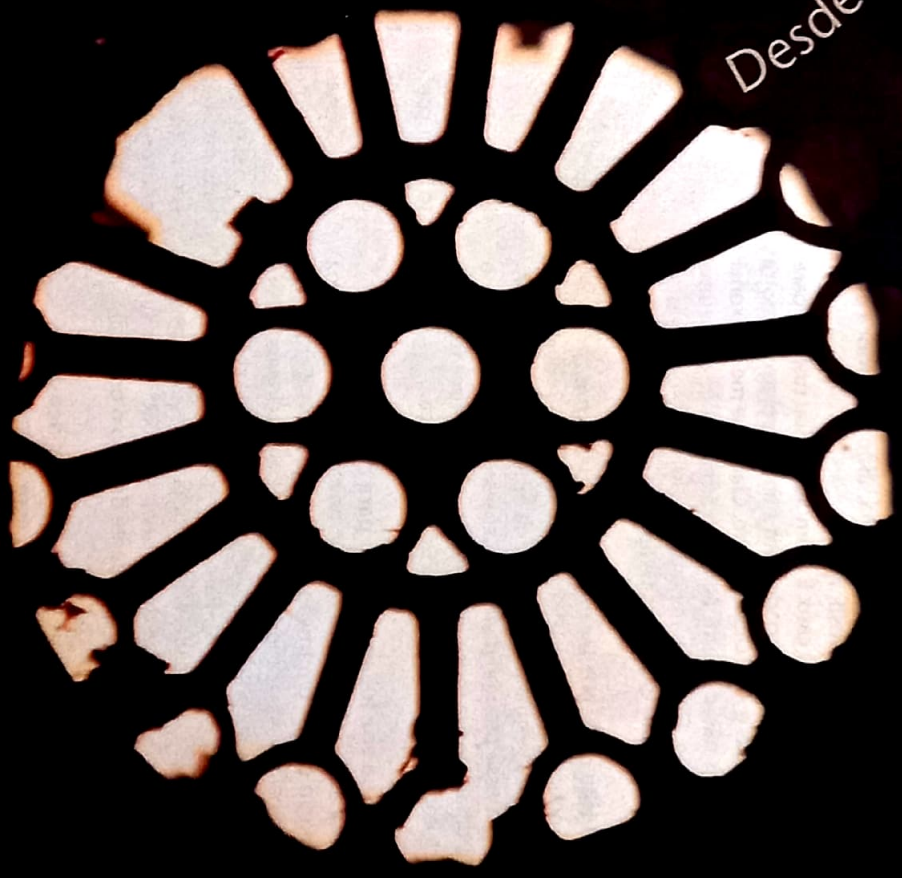
Você é considerado uma superestrela no Brasil. Como é começar do zero em Hollywood?

(*Risos*) A parte da superestrela é um título que inventam. Tento não deixar isso no meio do caminho. Mas é otimo recomeçar, porque é uma experiência de manter mais os pés no chão, posso ser eu mesmo. Isso coloca as coisas em perspectiva.

E o que está rolando em *Lost* agora?

Se eu falar, precisarei matá-lo (*risos*). As coisas estão ótimas. Estou vivendo um momento incrível naquele lugar. O Havaí é incrível. Me lembra o Brasil, por causa das praias e do clima. Fico surfando de bermuda e vejo o Sol se pôr. Algumas vezes até posso surfar e ir direto para o trabalho. E meu trabalho é na praia! Não dá para ficar melhor que isso. E *Lost* é tão bem escrita. O engraçado é que tem essa aura de misteriosa, mas quando falam "corta", nos divertimos muito. •

O DOCE AROMA DO SUCESSO



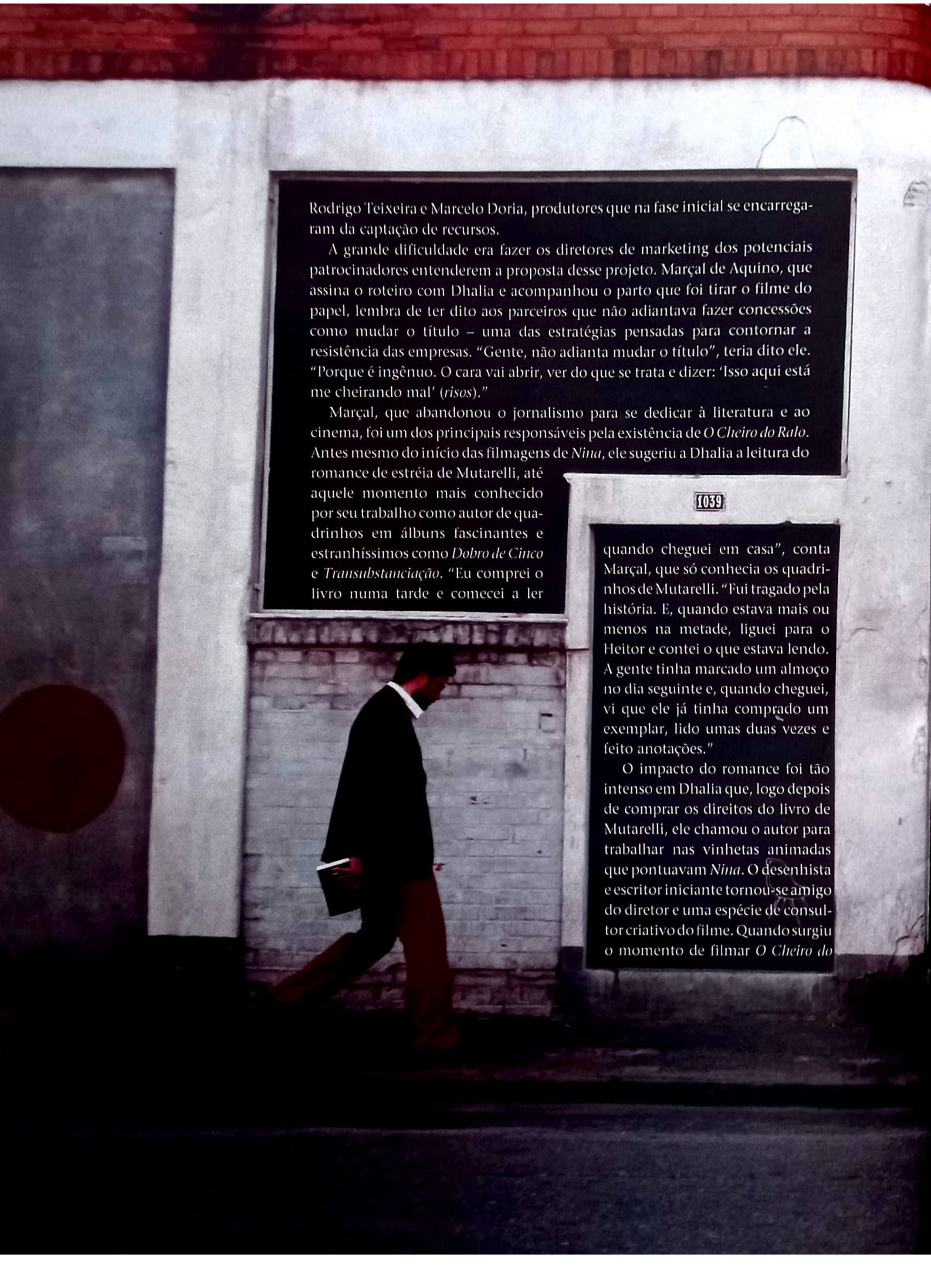
Desde o início, era este o

udor que emanava de O Cheiro do Ralo. Só os potenciais investidores não foram capazes de sentir...

Por Alessandro Giannini

O dono de uma loja de penhores, que trata todo mundo feito lixo, apaixona-se por uma mulher – ou melhor, pela bunda dela. E para tentar conquistá-la procura o caminho da redenção e da humanidade. Só essa sinopse não ajudaria muito na exposição de um projeto de filme a futuros investidores. Se lhe adicionassem o título, aí então ia piorar um pouco. Foi o que aconteceu com *O Cheiro do Ralo*, adaptação do primeiro romance de Lourenço Mutarelli e segundo longa-metragem de ficção de Heitor Dhalia (*Nina*), com Selton Mello no papel principal e a catarinense Paula Braun no de objeto de desejo dele. É, sem dúvida, uma das principais apostas da safra brasileira deste ano, a julgar principalmente pelos prêmios no Festival do Rio e na Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, e pela boa repercussão no Sundance Festival, no fim de janeiro.

Produzido com apenas 330 mil reais em um esquema de guerrilha (equipe pequena, cachês reduzidos e cronograma apertado), o filme foi viabilizado por um corajoso grupo de amigos que viu no projeto algo mais do que a associação de uma marca qualquer a um título pouco atraente – para não dizer "malcheiroso" – e enredo de gosto duvidoso. Metade do valor inicial veio do próprio Dhalia, da assistente dele, Joana Mariani, e do primo dela, o também cineasta Matias Mariani. O restante foi completado por >>



Rodrigo Teixeira e Marcelo Doria, produtores que na fase inicial se encarregaram da captação de recursos.

A grande dificuldade era fazer os diretores de marketing dos potenciais patrocinadores entenderem a proposta desse projeto. Marçal de Aquino, que assina o roteiro com Dhalia e acompanhou o parto que foi tirar o filme do papel, lembra de ter dito aos parceiros que não adiantava fazer concessões como mudar o título – uma das estratégias pensadas para contornar a resistência das empresas. "Gente, não adianta mudar o título", teria dito ele. "Porque é ingênuo. O cara vai abrir, ver do que se trata e dizer: 'Isso aqui está me cheirando mal' (*risos*)."

Marçal, que abandonou o jornalismo para se dedicar à literatura e ao cinema, foi um dos principais responsáveis pela existência de *O Cheiro do Ralo*. Antes mesmo do início das filmagens de *Nina*, ele sugeriu a Dhalia a leitura do romance de estréia de Mutarelli, até aquele momento mais conhecido por seu trabalho como autor de quadrinhos em álbuns fascinantes e estranhíssimos como *Dobro de Cinco* e *Transubstanciação*. "Eu comprei o livro numa tarde e comecei a ler quando cheguei em casa", conta Marçal, que só conhecia os quadrinhos de Mutarelli. "Fui tragado pela história. E, quando estava mais ou menos na metade, liguei para o Heitor e contei o que estava lendo. A gente tinha marcado um almoço no dia seguinte e, quando cheguei, vi que ele já tinha comprado um exemplar, lido umas duas vezes e feito anotações."

O impacto do romance foi tão intenso em Dhalia que, logo depois de comprar os direitos do livro de Mutarelli, ele chamou o autor para trabalhar nas vinhetas animadas que pontuavam *Nina*. O desenhista e escritor iniciante tornou-se amigo do diretor e uma espécie de consultor criativo do filme. Quando surgiu o momento de filmar *O Cheiro do*

DE VOLTA DO INFERNO

Ralo, Dhalia ofereceu a Mutarelli um papel, o segurança do personagem principal, que desempenhou de maneira surpreendente. "Adorei essa brincadeira", revela o autor, que chegou até a participar do processo de escolha e escalação de atores.

Além de Marçal, todos os envolvidos são unânimes em citar a obstinação de Dhalia pelo livro e pelo projeto de transformá-lo em filme como um dos principais fatores de motivação. "Quando começamos a tentar captar verba para fazer *O Cheiro do Ralo*, obviamente era o projeto impossível: pelo título e pela história do cara apaixonado por uma bunda", conta o diretor, por telefone, de Los Angeles. "Se o cara passasse pelo título, ele não ia além da primeira página. Já parava por ali. Chegou uma hora em que achamos que não ia sair mais."

Até aquele momento, Heitor não tinha nada na mão. Sabia que precisava dar um pouco mais de leveza à história do dono da loja de penhores e fazê-la dialogar melhor com o público. "Foi quando a gente começou a pensar no elenco", recorda. "O Selton (*Mello, intérprete do protagonista*) ficou sabendo do projeto e me ligou dizendo que queria participar. Eu achava que tínhamos um texto muito bom na mão, era uma oportunidade de fazer um filme muito legal. Nesse momento, decidi que ia fazer de qualquer jeito. Nem que fosse em vídeo."

A participação do produtor-executivo Matias Mariani, um dos principais investidores do filme, foi fundamental para que esse esquema desse certo. Ele entra no projeto por intermédio de sua prima Joana Mariani, amiga e colaboradora de Dhalia como assistente de direção nos filmes de publicidade. "Houve um momento em que o Rodrigo (*Teixeira*) e o Marcelo (*Doria*) não sabiam mais o que fazer", diz. "Eles me perguntaram quanto era necessário para 'colocar o filme na lata' (*jargão do meio para o processo de filmagem*) e disseram que conseguiriam metade do valor. Eu fui atrás do restante e trabalhamos num esquema muito econômico."

O Cheiro do Ralo foi quase todo filmado em um galpão na rua do Hipódromo, no bairro da Mooca, na zona sul de São Paulo. Todas as internas – a casa do personagem principal, a da ex-noiva, o escritório dele – foram feitas nessa instalação. A única locação externa era o bar onde trabalha a "bunda", personagem da mulher por quem o dono da casa de penhores se apaixona. Mesmo assim, estava tudo no mesmo bairro. "Isso economizou muito em termos de transporte, grana de locação", explica Mariani. "A gente passava a semana inteira lá. Esse tipo de coisa, concentrar >>

Aos 42 anos, Lourenço Mutarelli está em processo contínuo de mudança. Descobriu a literatura, quer abandonar os quadrinhos e diz estar gostando "da brincadeira" do cinema.

O que você pensou quando Heitor Dhalia propôs adaptar *O Cheiro do Ralo* para o cinema?

Não conhecia nada do trabalho dele. Só o (*curta*) *Conceição* (1999). Gostei muito à primeira vista. Estava curioso para ver como alguém faria a adaptação. Minha única experiência anterior foi no teatro. Assinei uma peça como autor, *O Que Você Foi Quando Era Criança*, e muita coisa foi mudada. Não gostei do resultado. Mas isso também tem a ver com afinidade. Se fosse alguém com quem eu não tivesse sintonia, não sei se toparia.

O que você achou da adaptação?

As pessoas não raciocinam que escrevi *O Cheiro do Ralo* em 2001 e nunca mais abri. Os leitores provavelmente sabem mais do que eu. No set de filmagem, o Selton (*Mello*) era o chato do livro. Ficava com ele debaixo do braço, para cima e para baixo. Sabia trechos inteiros de cor.

Gostou de fazer cinema?

Olha, o Heitor me deu uma bronca uma vez porque eu saía muito do texto (*risos*). Na verdade, depois de *O Cheiro do Ralo*, fiz mais dois curtas-metragens. Estou gostando muito dessa brincadeira. E amanhã começo a filmar mais um. Não faço pelo cachê. Faço pelo prazer que é.

Faz dois anos que você está medicado e não sofreu mais com os efeitos do Transtorno Obsessivo Compulsivo. Como está vivendo?

Vivo em harmonia. Digo que desenhei um mapa para o Inferno. E é pra lá que vou quando trabalho. A diferença é que agora eu volto.

Mutarelli: passagem para o Inferno de ida e volta

FOTOS: TIAGO DO ESTAÇÃO

as coisas num lugar só, ajudou muito. Não era grana de aluguel de estúdio. A gente pagava 5 mil reais por mês, então ficava superbarato."

Além disso, os chamados cabeças-de-equipe ou chefias de departamento aceitaram trabalhar em esquema de "co-produção". Ou seja, em vez de suarem as camisas por um cachê de mercado, aceitaram uma boa diminuição da remuneração em troca da participação nos dividendos do longa. "Quando o filme for lançado no Brasil, a primeira grana que entrar vai ser usada para pagar essas pessoas", fala Mariani, com uma indisfarçada ponta de orgulho.

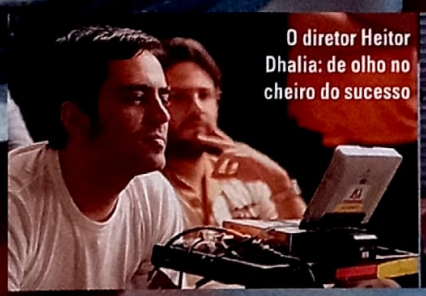
No Brasil, o filme terá distribuição de Filmes do Estação e terá uma circulação de apenas doze cópias. Mariani justifica a escolha da distribuidora carioca dizendo que foi uma das poucas empresas que apostaram no filme logo de cara. Todas as outras olharam com reservas para o projeto e fizeram pressões para promover mudanças. "Quando ganhamos o Festival do Rio e a Mostra de São Paulo, muitos deles quiseram pegar a distribuição", confessa o produtor. "Mas preferimos manter a ética e ficar fiéis a quem apostou no filme."

Entusiasmados com a recepção do longa no Sundance Festival, Dhalia e Mariani seguiram para Los Angeles, a fim de estudar propostas para a distribuição americana. Há pelo menos dois grupos de distribuidores interessados. No primeiro, estão IFC, Sundance Channel e Kino, que trabalham com lançamentos limitados no circuito de arte e distribuição em DVD e cabo. No segundo, estão Sony Classics e Paramount, figurando entre as majors com maior poder de fogo naquele mercado. "Ainda não temos resposta concreta das majors", afirma o produtor. "Mas se não fecharmos nada, vamos para as independentes."

Dhalia também tem motivos de sobra para comemorar. Com a ajuda de uma agente e um advogado, ele fez vários contatos em solo americano. E recebeu diversos roteiros para avaliar de produtores locais. "É a primeira vez que sinto a possibilidade concreta de fazer algo aqui", entusiasma-se. "E logo no segundo filme." Antes, porém, o diretor tem um compromisso no Brasil: dirigir *À Deriva* em setembro para a O2 Filmes. O filme, cujo roteiro foi escrito pelo próprio diretor, será o primeiro projeto do acordo entre a Focus e a produtora brasileira. *O Cheiro*, pelo visto, vai incomodar muito nariz pelo mundo.

CINEMA DE GUERRILHA

No Brasil, fazer filmes sem dinheiro virou cinema de guerrilha. Orçamento reduzido, elenco reduzido, equipe reduzida, cachês reduzidos e um esquema de "co-produção" que permite ao participante trocar uma parte do cachê por uma porcentagem do retorno financeiro de bilheteria – se houver. *O Cheiro do Ralo* foi feito nesses moldes, com 330 mil reais de investimento feito por cinco sócios, incluindo o diretor, Heitor Dhalia. Mas há muitos outros filmes sendo realizados nesse modo de produção. José Eduardo Belmonte, o cineasta brasiliense de *Subterrâneos* e *A Concepção*, rodou *Meu Mundo em Perigo* no fim do ano passado, em apenas 14 dias e com uma verba de 70 mil reais. "Agora, estou terminando a montagem", adianta. "Mas depois disso, não tenho mais dinheiro. Aí, vou ter de colocar o filme nos editais e concursos de finalização." Quem quiser ver o resultado, surpreendente para tão poucos recursos, pode procurar o trailer no You Tube. Em Minas Gerais, o crítico Thiago Mata Machado usou os 35 mil reais do prêmio para produção de um curta-metragem para fazer o seu primeiro longa, *O Quadrado de Joana*, apresentado no 10º Festival de Tiradentes. Até o povo que trabalha na Rede Globo está se preparando para o fim das leis de incentivo, num esquema que parece ser um pouco menos belicoso. Jorge Fernando, por exemplo, é o nome por trás de *1001*, primeiro filme do coletivo carioca Apavoramento, que será todo produzido com dinheiro captado só de empresas privadas. Agora, é só a moda pegar.



O diretor Heitor Dhalia: de olho no cheiro do sucesso

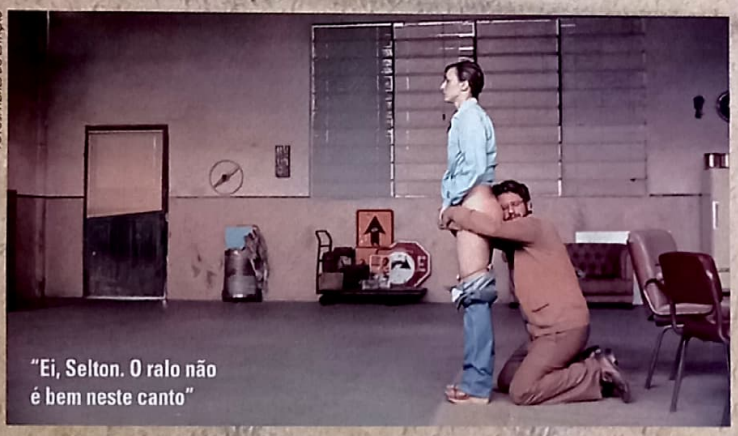
A perseguição à bunda

FOTOS: FILMES DO ESTAÇÃO

TARJA PRETA

Selton Mello fala. Sem papas na língua. E, quando o assunto é *O Cheiro do Ralo*, interrompê-lo é como ficar na frente de um trem de carga. A causa é nobre, o verbo é sem censura: fala, Selton!

Por Roberto Sadovski



FOTOS: FILMES DO ESTAÇÃO

"Ei, Selton. O ralo não é bem neste canto"

Como foi fazer o filme nesse esquema de guerrilha?

Todo mundo é sócio do longa – aliás, é um dos filmes que eu vi que demora mais para começar, "fulano e fulano apresentam, em co-produção com sicrano, em conjunto com os produtores associados tal". O que aconteceu foi que *O Cheiro* foi aprovado em lei, os produtores começaram a procurar dinheiro, mas tinha uma barreira: a gente chegava a um lugar, mostrava o nome do projeto, *O Cheiro do Ralo*, e pelo nome ninguém queria saber. Uma hora, o Chico Accioly, que é produtor de elenco e amigo de Heitor, colocou essa pilha de fazer na guerrilha, já que todo mundo estava a fim de tocar o projeto. Daí Heitor pôs 50 mil reais, outro colocou mais 50 e a gente fez com 330 mil. Depois do filme pronto, Matias (*Mariani*) conseguiu uma grana da Petrobras, de finalização, e mais um incentivo do cinema paulista e levantamos mais 400 mil para finalizar e lançar. Mas foi colocado na lata com 330 mil reais, e acho que isso vai para a tela. O tesão era palpável, e de todo mundo! Elenco, o pessoal da técnica, contabilidade, produção – todo mundo junto, rodando no mesmo galpão na Mooca. Nego já foi para o prato de comida com fome!

E a resposta foi o filme ser recepcionado de forma positiva nos festivais de que participou.

É, e muita gente que deu "não" para o filme ficou a fim de entrar. (*risos*)

Como o projeto chegou a sua mão?

Eu fui atrás, e é uma história bem psicopata, mas todo mundo que vê o filme me dá razão (*risos*). Eu tinha feito uma participação no *Nina*, não conhecia a obra de Mutarelli, mas li que Heitor tinha comprado os direitos de um romance de Mutarelli e que ia filmar. Comprei o tal livro, e li no avião quando estava indo para Recife com uma peça, *O Zelador*. É uma leitura dinâmica, ele pensa como quadrinhos, é rápido. Eu cheguei ao aeroporto e liguei para Heitor, não consegui nem esperar chegar ao hotel: "Acabei de descer do avião, li esse livro, puta que pariu, é o personagem de minha vida! Sei que deve existir uns quinze caras que você pensou na minha frente, mas pensa em mim como uma possibilidade". O livro oferece uma imagem mais próxima da imagem do Lourenço, careca, se fosse uma escalação óbvia fisicamente seria o Matheus (*Nachtergaele*) de repente. Eu não era a imagem que o livro oferece, mas entendi tudo, li e foi amor à primeira vista. E percebi nessa primeira leitura as camadas do personagem. Não só a escrotidão, a bizarrice, mas a solidão. Isso que tornou o filme palpável. Ele podia ser apenas pop e divertido, mas é muito Lado Negro, triste e solitário. Ele é um fodido que mora num buraco e usa o poder para ser

alguma porra na vida, mas na verdade ele é um bosta. Fiquei nessa com Heitor uns três meses, fui atrás mesmo, já que não fui convidado. Fiquei em cima mesmo, meio *stalker*. A partir de uma altura do campeonato as coisas se juntaram, as idéias que eu tinha com o plano que Heitor tinha. Mas entrei de cabeça, como co-produtor, dando meus pitacos no texto, na divulgação. Inclusive fui defensor ferrenho da escalação de atrizes desconhecidas em vez das mais famosas que queriam entrar no filme. Teve uma mais famosa que queria, mas eu disse, "Heitor, foge, essas mulheres estão num patamar que não vão querer fazer certas coisas que o filme exige, não vão querer tirar a roupa, mostrar os peitos". A gente optou por atrizes boas e dispostas a entrar de cabeça. Foram mais de sessenta meninas testadas, tanto para a Noiva quanto para a Mulher Casada, e a Bunda. E, vou lhe dizer, como produtor de casting no Brasil e diretores são preguiçosos. Tem muita gente boa escondida.

Dá para perceber em *O Cheiro do Ralo* uma preocupação em fazer cinema, em não "emprestar" linguagem de TV, de teatro, literatura...

O que é uma armadilha fácil por aqui.

Exato. Mas fica clara a preocupação com a cenografia, o figurino – parece que Lourenço usa a mesma roupa.

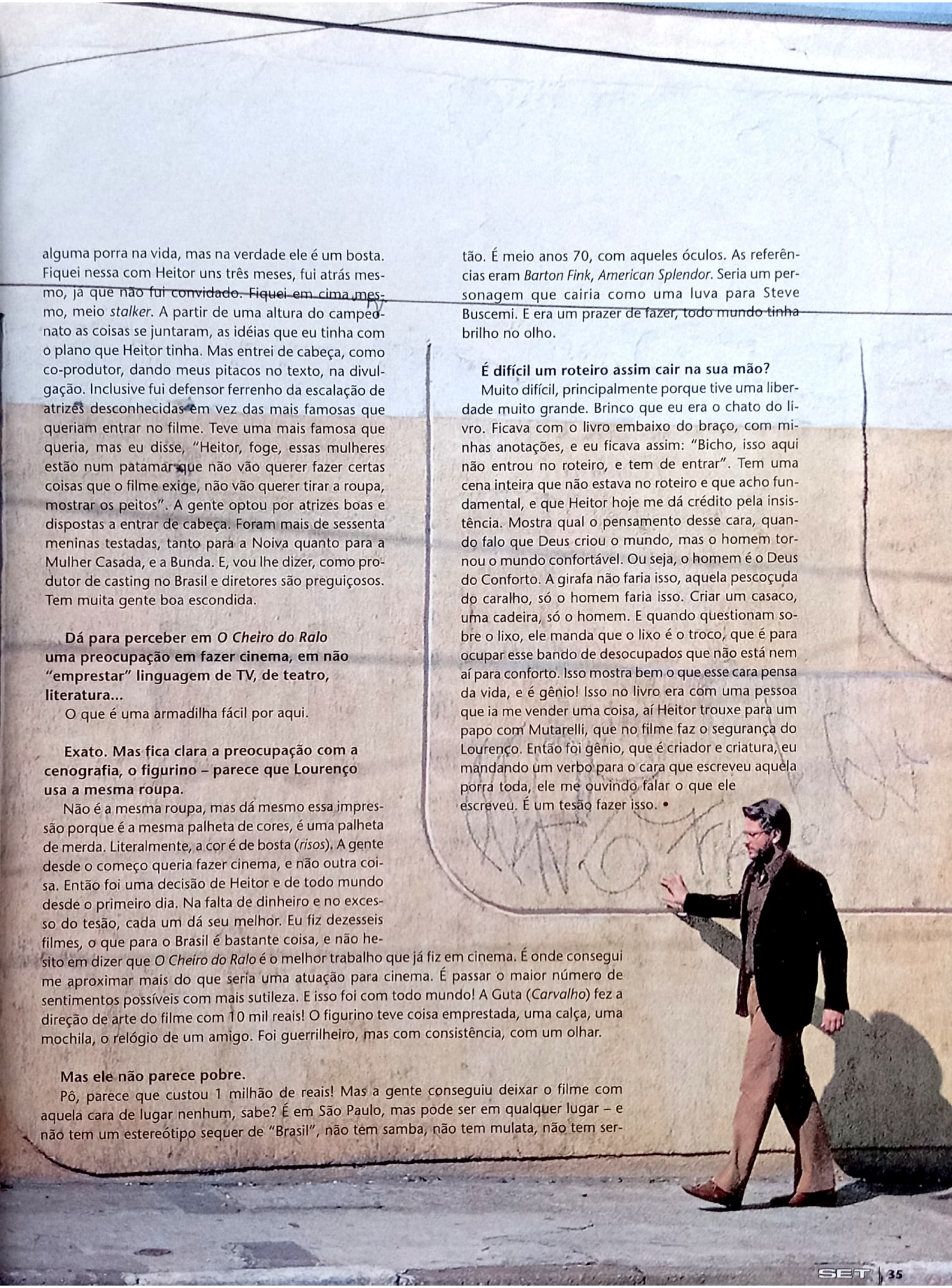
Não é a mesma roupa, mas dá mesmo essa impressão porque é a mesma palheta de cores, é uma palheta de merda. Literalmente, a cor é de bosta (*risos*). A gente desde o começo queria fazer cinema, e não outra coisa. Então foi uma decisão de Heitor e de todo mundo desde o primeiro dia. Na falta de dinheiro e no excesso do tesão, cada um dá seu melhor. Eu fiz dezesseis filmes, o que para o Brasil é bastante coisa, e não hesito em dizer que *O Cheiro do Ralo* é o melhor trabalho que já fiz em cinema. É onde consegui me aproximar mais do que seria uma atuação para cinema. É passar o maior número de sentimentos possíveis com mais sutileza. E isso foi com todo mundo! A Guta (*Carvalho*) fez a direção de arte do filme com 10 mil reais! O figurino teve coisa emprestada, uma calça, uma mochila, o relógio de um amigo. Foi guerrilheiro, mas com consistência, com um olhar.

Mas ele não parece pobre.

Pô, parece que custou 1 milhão de reais! Mas a gente conseguiu deixar o filme com aquela cara de lugar nenhum, sabe? É em São Paulo, mas pode ser em qualquer lugar – e não tem um estereótipo sequer de "Brasil", não tem samba, não tem mulata, não tem sertão. É meio anos 70, com aqueles óculos. As referências eram *Barton Fink*, *American Splendor*. Seria um personagem que cairia como uma luva para Steve Buscemi. E era um prazer de fazer, todo mundo tinha brilho no olho.

É difícil um roteiro assim cair na sua mão?

Muito difícil, principalmente porque tive uma liberdade muito grande. Brinco que eu era o chato do livro. Ficava com o livro embaixo do braço, com minhas anotações, e eu ficava assim: "Bicho, isso aqui não entrou no roteiro, e tem de entrar". Tem uma cena inteira que não estava no roteiro e que acho fundamental, e que Heitor hoje me dá crédito pela insistência. Mostra qual o pensamento desse cara, quando falo que Deus criou o mundo, mas o homem tornou o mundo confortável. Ou seja, o homem é o Deus do Conforto. A girafa não faria isso, aquela pescoçuda do caralho, só o homem faria isso. Criar um casaco, uma cadeira, só o homem. E quando questionam sobre o lixo, ele manda que o lixo é o troco, que é para ocupar esse bando de desocupados que não está nem aí para conforto. Isso mostra bem o que esse cara pensa da vida, e é gênio! Isso no livro era com uma pessoa que ia me vender uma coisa, aí Heitor trouxe para um papo com Mutarelli, que no filme faz o segurança do Lourenço. Então foi gênio, que é criador e criatura, eu mandando um verbo para o cara que escreveu aquela porra toda, ele me ouvindo falar o que ele escreveu. É um tesão fazer isso. •



DEMÔNIO DOMADO

Nicolas Cage e o diretor de *Demolidor* fazem de **MOTOQUEIRO FANTASMA** uma aventura para a garotada *Por Roberto Sadovski, de Los Angeles*

Quando estava no meio da produção de *Demolidor*, a adaptação modesta do herói cego da Marvel, o diretor Mark Steven Johnson teve seu filme "seqüestrado": sem maiores avisos, o estúdio tomou conta do trabalho, exigindo novas cenas e cortes em seqüências inteiras, além de impor uma incômoda trilha sonora roqueira e cenas românticas mais óbvias dos protagonistas, Ben Affleck e Jennifer Garner. O motivo? Semanas antes, *Homem-Aranha* havia estreado com 114 milhões de dólares em seu primeiro fim de semana e seguia demolindo recordes. "Temos o próximo filme da Marvel" foi o pensamento de algum executivo da Fox, responsável por *Demolidor*.

Águas passadas que não incomodam mais Johnson – ele "exorcizou" seus demônios com a versão do diretor de *Demolidor* –, agora preocupado com outro herói da editora, que dá o salto do papel para o celulóide: o Motoqueiro Fantasma. "Nem posso começar a comparar as duas experiências", entrega Johnson, sem hesitar. "Desta vez tive liberdade para fazer o filme como achava que ele deveria ser, uma aventura divertida para a molecada devorar pipocas e conhecer um novo herói." A seu lado, Nicolas Cage, assumindo o manto do motociclista Johnny Blaze, que convive com a maldição de se tornar uma criatura das trevas na presença do Mal. Mas *Motoqueiro Fantasma*, apesar do alívio de Mark Steven Johnson, não foi uma jornada fácil.

PACTO MALDITO

"O que a gente precisava era fazer com que as pessoas conhecessem o Motoqueiro", diz Avi Arad, ex-manda-chuva da Marvel que, embora agora toque sua própria produtora, continua como força criativa por trás das produções mais recentes. "Por isso tivemos de tomar várias liberdades com o personagem como ele é nos quadrinhos para que ele pudesse ser apresentado a uma platéia mais ampla." Na prática, isso significou suavizar o tom de suas histórias, que desde sua criação, em 1972, lidavam com satanismo, magia negra e violência – ingrediente ainda mais radical nas tramas recentes. Foi com essa receita que David Goyer, roteirista dos três *Blade* e de *Batman Begins*, escreveu um script para um longa com o personagem. Em sua visão, *Motoqueiro Fantasma* seria um filme de terror barra-pesada, extremamente gráfico e, claro, desaconselhável para menores. "O texto de David é brilhante, um dos melhores que já li", continua Arad. "Mas o estúdio jamais faria aquele filme, seria uma batalha ingrata."

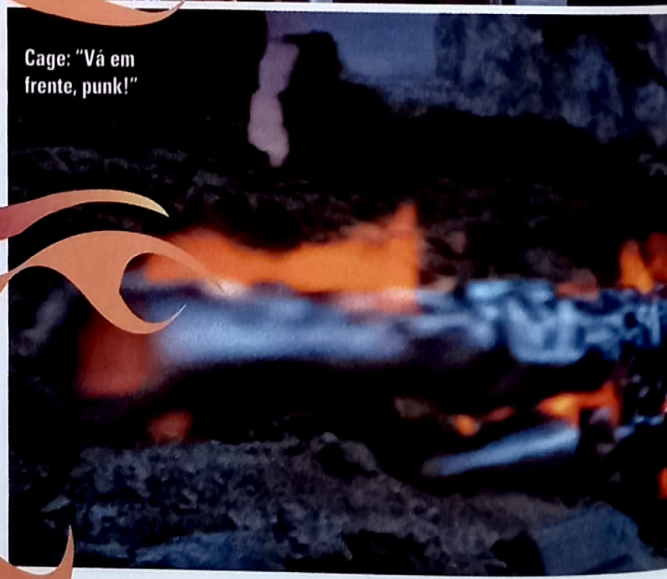
Corta para Mark Steven Johnson, louco para colocar as mãos em outro personagem da Marvel depois de *Demolidor*. Com a mente sintonizada em aventuras inofensivas, ligeiramente intensas e bem-humoradas, ao estilo *Os Aventureiros do Bairro Proibido*, Johnson apresentou uma idéia que de cara foi abraçada pelo >

INFERNO NA TERRA

Diretor de *Motoqueiro Fantasma* prepara *Preacher* para a TV

"Eu coloquei as 66 edições da revista, mais os seis especiais e uma minissérie na mesa e disse: 'É isso aqui'." E foi assim que Mark Steven Johnson propôs a HBO uma série baseada em *Preacher*, um dos gibis mais polêmicos e infames da virada do século 21. A série conta a história do pastor Jesse Custer que, possuído por uma entidade chamada Gênesis – filho de um anjo com uma demônia –, busca Deus na Terra para tirar satisfações com Ele, que abandonou o Paraíso e a humanidade à própria sorte. Do seu lado, a namorada, Tulip, e um vampiro irlandês, Cassidy. "Não quero 'adaptar', não quero mudar nada", continua Johnson. "O que quero é transformar cada um dos gibis num episódio de uma hora. Isso daria uma série com cinco ou seis temporadas." A HBO, que sempre inovou em programas como *Família Soprano* e *Sex and the City*, abraçou a idéia com gosto – mesmo sabendo que está mexendo num vespeiro. "Sei que *Preacher* é profano, toca em tabus e não alivia na violência", diz o diretor. "Mas é exatamente essa a beleza da série, chacoalhar nossas crenças e nos levar a questionar nosso papel neste mundo e o papel das religiões em nossa vida." Johnson está escrevendo o piloto da série e ainda não sabe se vai dirigir, mas já planeja fazer de *Preacher* o espaço ideal para outros fãs do gênero se divertirem. "Quero que Kevin Smith dirija um episódio, quero Rodriguez, quero Tarantino. Sei que eles também são fãs da série, e sei que eles vão imprimir sua marca quando assumir um capítulo." A diretora Rachel Talalay, que estava à frente de uma versão para cinema de *Preacher*, não está nos planos de Johnson. "*Preacher* jamais funcionaria como filme, ou como três filmes", conclui. "A história é grande demais, complexa demais, para duas horas. Ou para seis horas. A TV é seu lugar ideal." E nada como um programa com um personagem chamado Arseface – ou Cara-de-C... – para deixar a programação mais interessante.

Wes Bentley quer o mundo



Cage: "Vá em frente, punk!"

Racha: motoca de rodas quentes

FOTOS: COLUMBIA

Eva: curvas salientes

estúdio: em vez de ser a encarnação de um demônio na Terra, a "missão" do Motoqueiro Fantasma seria a de "caçador de recompensas" de Mefistófeles (Peter Fonda), o diabo encarnado, buscando almas condenadas soltas em nosso plano e despachando-as de volta para o Inferno. Na trama, que difere dos quadrinhos, o motociclista Johnny Blaze, ainda adolescente, faz um pacto com Mefistófeles para salvar a vida de seu pai, que se apresenta com ele em um espetáculo sobre rodas, doente de câncer. Ele é curado, mas morre na mesma noite em um desastre durante o show. É quando Blaze se afasta de tudo – inclusive da mulher que ama, Roxanne Simpson – para tentar esquecer o pacto firmado com o tinhoso.

"A idéia era fugir dos estereótipos de tramas sobrenaturais", conta Nicolas Cage, que interpreta Blaze adulto, finalmente no papel de um herói dos gibis depois de tentativas fracassadas para ser Superman, John Constantine e Demolidor. "Johnny sabe que o demônio ronda sua vida, e deliberadamente tenta se afastar de tudo o que possa ser relacionado à imagem que temos dele. Por isso ele come jujubas, não bebe álcool e ouve Karen Carpenter, e não bandas de heavy metal." O estilo de vida light de Blaze não basta para deixar o capeta longe de sua porta, e ele retorna quando seu filho, Coração Negro (Wes Bentley, voltando à carga nos cinemas depois de um jejum causado pela superexposição pós-*Beleza Americana*), deixa o Inferno em busca de mil almas condenadas escondidas na Terra, o que lhe daria poder para ser o novo manda-chuva das profundezas. É então que Blaze finalmente se torna o Motoqueiro Fantasma. E quando Mark Steven Johnson descobriu que sua tarefa não seria tão fácil quanto parecia.

De olho nos fãs

"Era o fogo, cara", dispara o diretor. "Como o Motoqueiro é uma caveira em chamas era impossível lhe conferir emoções – é uma caveira! A gente resolveu isso mudando a intensidade da chama quando ele está furioso ou mais calmo. Foi um truque complicado." Este "truque" empurrou a estréia do filme, inicialmente prevista para a temporada do verão americano de 2006, para os primeiros meses deste ano. "Nessa época de Internet, em que notícias e boates se espalham rápido, o consenso era de que o filme era um desastre", brinca Avi Arad. "Às vezes explicações demais tomam ainda mais tempo, então nos concentramos no trabalho." Johnson, por outro lado, sai em defesa da comunidade de fãs online. "Eles são muito bacanas e sempre deram apoio ao longa", afirma. "E eu os ouço, sempre estou atrás de saber o que os fãs pensam, como eles reagem. Eles são o meu melhor termômetro."

Foi pensando neles que Johnson incluiu o personagem Caretaker (Sam Elliott), que representa um "ghost rider" do século 19 – cavalo em chamas incluso. E foi pensando neles que Eva Mendes, dona do papel de Roxanne quando adulta, ganhou alguns centímetros nos, digamos, lugares certos. "Nos quadrinhos, ela é loira e de olhos azuis – o que eu, obviamente, não sou", diverte-se a atriz, que visitou o Brasil em 2006 para o lançamento de *Hitch – Conselheiro Amoroso*. "Mas também notei que ela era uma loira voluptuosa, cheia de curvas. Então caprichei nas refeições para aumentar um ou dois números no busto e no bumbum." Cage, que também foge do estereótipo de Johnny Blaze das HQs, não se preocupou com isso. "Acho que os fãs aprenderam a deixar essas bobagens de lado", acredita. "O importante é que os elementos certos estejam no lugar." E, para o astro, *Motoqueiro Fantasma* representa exatamente esse alinhamento: "Este é o primeiro e último heróis dos gibis que quero fazer. É meu tributo e meu respeito a essa expressão artística". Isso quer dizer que não veremos outras aventuras do Motoqueiro nos cinemas? "Depende de como o público abraçar o filme, e depende da história que a gente possa contar em uma outra aventura", conclui Cage. "As HQs existem há mais de trinta anos", enfatiza Avi Arad. "O Motoqueiro pode voltar como Johnny Blaze, como Danny Ketch, que foi o segundo Espírito da Vingança. A maior regra que temos nesse negócio é: em caso de dúvida, consulte os gibis." •

ANTOINE LE GRAND/CORBIS OUTLINE/LATINSTOCK

ESCOLHA DE SOFIA

Nascida no meio de um set de filmagens, Sofia Coppola deixa de lado a decepção como atriz para se firmar de vez como diretora no ousado *Maria Antonieta*

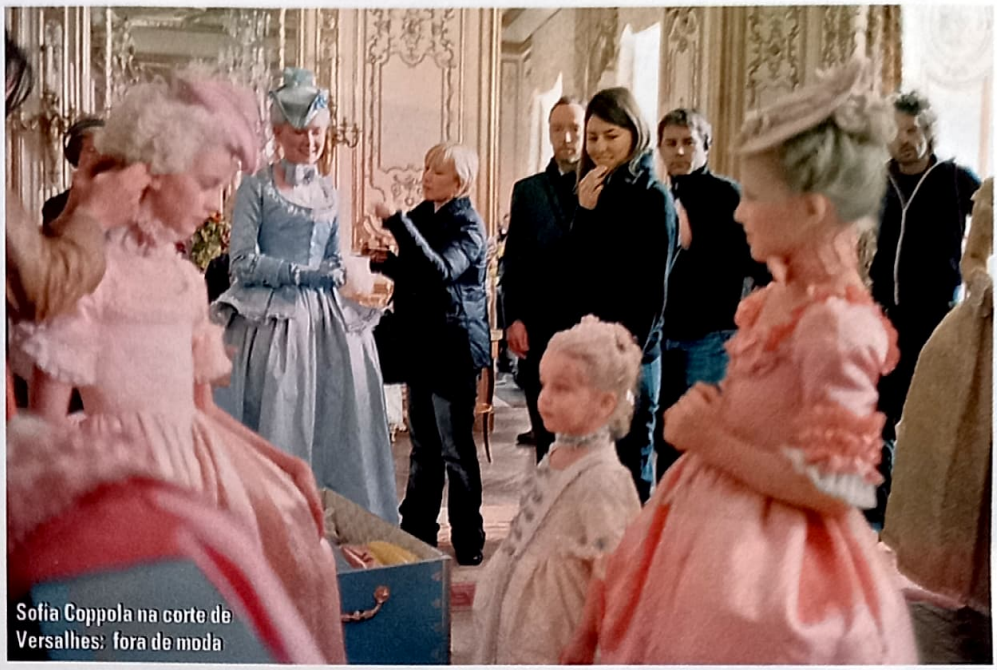
Por Carmen NeilsteinIFA

Aos 35 anos de idade, Sofia Coppola fez uma aposta alta no seu terceiro longa-metragem de ficção. *Maria Antonieta*, que traz Kirsten Dunst no papel-título, reproduz o tour-de-force empreendido por uma jovem austríaca de 14 anos na corte francesa do século 18. Prometida pela mãe, a rainha Teresa do Império Austro-Húngaro, ao futuro rei Luís XVI da França, ela enfrenta o desafio de despertar o interesse sexual de seu jovem parceiro, de cativar uma nobreza hostil e de se manter-se firme na sua posição de futura rainha.

Mais uma vez, Sofia mergulha no universo feminino, tema recorrente em seus filmes. Ao eleger Maria Antonieta como personagem e símbolo, ela indaga sobre como essa jovem enfrentou o rito de passagem da adolescência para a idade adulta, apesar de toda a riqueza e ostentação que estava ao seu redor. Mais ainda: identifica nela a inocência nociva de uma classe dominante voltada para si mesma e completamente irresponsável. É uma aposta alta, incompreendida pelos críticos franceses durante o Festival de Cannes do ano passado, mas ainda assim ousada, como explica a diretora na entrevista a seguir. >>

Qual a origem desse projeto?

Depois de *As Virgens Suicidas*, procurei algo completamente diferente e li a biografia *Maria Antonieta*, escrita por Antonia Fraser. Maria Antonieta tinha apenas 14 anos quando foi para Versalhes se casar com o futuro Luís XVI. Nunca havia me dado conta de como ela era jovem, só sabia os mitos e os clichês habituais em torno dela. Foi interessante ler como ela cresce em um contexto extremo como era o da corte real de Versalhes, com suas intrigas e o poder político. A idéia era mostrar a diferença entre os mitos, a visão que se tinha de Maria Antonieta e mais ou menos da verdadeira rainha: uma adolescente que era jovialmente vibrante e impressionantemente contemporânea em suas lutas contra a solidão, o amor, os desejos, a maturidade e as fofocas na corte real. A história que eu queria contar começa com a chegada dela a Versalhes e termina com a fuga de lá. Meu desejo era acompanhá-la desde a juventude até virar uma mulher, para que o público pudesse ver sua transformação e sua jornada através dos obstáculos com os quais se depara. E como ela finalmente surge como uma rainha no balcão do palácio.



COLUMBIA

Sofia Coppola na corte de Versalhes: fora de moda

Você pode explicar uma das últimas cenas, quando Maria Antonieta abre a janela e fala para a multidão?

Quando me contaram a história do balcão de Versalhes, soube que esse foi o momento em que ela se tornou rainha. E, claro, há algo de especial nessa cena. Ela se oferece à turba, à esfomeada classe trabalhadora rural francesa. Minha intenção era mostrar esse instante, quando ela se torna uma rainha de verdade.

Foi questão de equilíbrio torná-la uma pessoa ambígua?

Não queria que ela fosse uma heroína ou uma vilã. Queria mostrar o lado humano dela.

A obsessão de Luís XVI por cadeados é obviamente uma metáfora sexual. Quando o casamento não é consumado, o irmão de Maria Antonieta refere-se à defloração dela usando um cadeado como exemplo. Como surgiu essa idéia?

Eu achava que essa história era um senso comum. Imaginei o diálogo entre o irmão de Maria Antonieta e Luís XVI, porque ninguém sabe o que falaram. O que li enquanto estava fazendo a pesquisa foi que houve uma conversa entre eles sobre sexo. O rei pediu a ele para falar com Luís XVI sobre o assunto.

O que você sabe acerca do caso dela com o soldado dinamarquês?

Ninguém sabe por quanto tempo eles trocaram cartas nem quanto tempo eles passaram juntos. Parece que eles tiveram um romance, pelo que eu li. Pelo menos, espero que tenham tido um.

Você acha que Maria Antonieta era incompreendida porque era muito jovem ou porque era austríaca?

Muitos aspectos contaram. Os franceses e os austríacos não gostavam uns dos outros, por isso havia muita hostilidade em relação a alguém que era austríaco. Na época, as pessoas faziam piadas a respeito de Maria Antonieta.

O que fez você fazer o filme em inglês e não em francês?

Nasci nos Estados Unidos e trabalho em inglês. E gosto de filmes como *Ligações Perigosas*. Esse filme é em inglês também. E queria trabalhar com Kirsten Dunst. E não ia abordá-lo como um trabalho de época convencional.

Por que o rock no filme?

Isso teve a ver com o fato de que Luís XVI e Maria Antonieta serem adolescentes. Por isso, coloquei a música para refletir suas emoções, em contraste com a música mais formal da corte.

Além do rock, há outro anacronismo no filme, um tênis. Há mais dessas brincadeiras no longa?

Não, nada além disso. E eu só queria brincar nessa cena.

Você poderia explicar o uso da música – a maior parte dela pop rock dos anos 80 – no filme?

Queria misturar música de época e música contemporânea, desejava trazer o espírito do *new romantic* para dentro do filme. Por exemplo, usei "I Want Candy", do Bow Wow Wow, como expressão dos impulsos de Maria Antonieta para se realizar por meio do prazer. Quando eu era mais jovem, meu irmão ouvia música dos anos 80. Queria que a trilha tivesse esses elementos. E também porque há um espírito divertido nessa parte do longa.

Quando a gente vê o pôster, a primeira coisa que vem à cabeça é o Sex Pistols. É uma referência ao punk?

Não tanto ao espírito punk, mas mais a Malcolm McLaren, ao Spandau Ballet e Bow Wow Wow. Há algo de irreverente no fato de esses dois garotos estarem encarregados de um país.

O que há em Kirsten Dunst que a faz querer trabalhar com ela pela segunda vez seguida?

Kirsten tem um talento para expressar emoções sem muito esforço. Apenas um simples movimento. E quando li a respeito de Maria Antonieta, a descrição de sua personalidade, imediatamente a imagem de Kirsten veio à mente porque ela é muito brincalhona, divertida e "menininha", mas também tem um lado muito sério.

Quais foram os prós e contras de filmar em Versalhes?

Foi incrível filmar no verdadeiro chatô de Versalhes e ter a possibilidade de recriar o mundo em que Maria Antonieta viveu. Tem tanta história que ajudou os atores a entrar nos personagens.

Você assumiu uma liberdade artística ou foi fiel à história?

Baseei tudo nos fatos que pesquisei, mas também usei minha imaginação, já que não sabemos o que ela conversava com as amigas quando estava nas salas privadas. Imagino sobre o que as garotas falam e o que elas podem ter falado. Mas a maior parte disso foi baseada em histórias verdadeiras.

A certa altura, você ofereceu o papel de rei a Alain Delon. O que aconteceu?

Quando pensei em escalar um ator para o papel de rei da França, queria alguém que fosse conhecido por sua popularidade entre as mulheres. E queria um ator francês. O rei era conhecido por seu amor pelas mulheres e ele era bonito. Imediatamente pensei em Alain Delon. Ele achou uma péssima idéia fazer esse filme em inglês, mas fiquei feliz com Rip Torn.

A vida de Maria Antonieta foi determinada desde o nascimento. Você já se sentiu assim por ter nascido no mundo do cinema?

Nascer na minha família me permitiu ver o mundo e viajar bastante. Não fiquei numa bolha.

O que você aprendeu sobre Maria Antonieta? Você se identifica com ela?

É um tema universal, toda garota passa por isso. Você tem de fazer escolhas, é sobre encontrar sua identidade, lutar contra as expectativas que as pessoas têm de você, o que está ao redor. Apenas essa transformação de uma jovem em adulta. Em um aspecto humano, eu posso me relacionar com isso e, claro, Maria Antonieta é um exemplo muito extremo de uma garota. Não posso imaginar como ela se sentia, mas fiz o máximo para chegar a esse resultado.•

OS TRABALHOS DE SOFIA

Uma filmografia bem curta, poderosa e muito feminina

AS VIRGENS SUICIDAS 1999

Sofia Coppola inspirou-se no romance homônimo de Jeffrey Eugenides para fazer seu primeiro longa-metragem de ficção, filme que investiga as razões pelas quais cinco irmãs resolvem se matar em um subúrbio de Detroit, nos anos 70. Desde cedo, ela debruça-se sobre a questão feminina e o tédio que assola uma parte significativa das jovens gerações. Sua primeira colaboração com Kirsten Dunst.

ENCONTROS E DESENCONTROS 2002

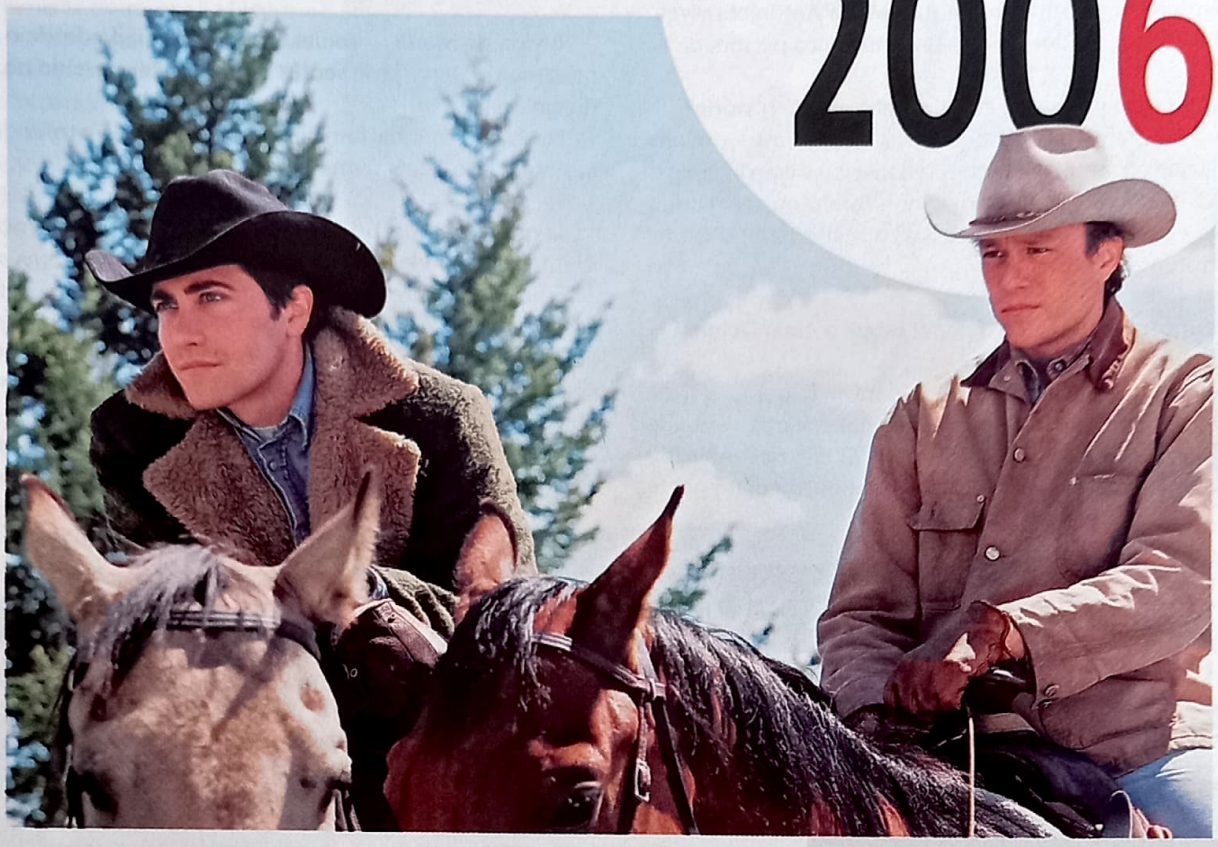
Se parecia hesitante no primeiro filme, Sofia mostrou decisão na segunda chance. Nesta comédia romântica heterodoxa, ela volta a tratar da questão feminina e do tédio. Só que desta vez o olhar é de um homem, o "ator" interpretado por Bill Murray, e a abordagem é mais sofisticada. Os personagens são celebridades entediadas com o meio onde circulam, pessoas em busca da liberdade do anonimato e da espontaneidade que parece ter se perdido. Há um tom predominante de melancolia, dado pela impossibilidade de o romance entre Murray e a personagem de Scarlett Johansson se concretizar. Mas existe uma esperança no ar, de que essas lacunas sejam preenchidas algum dia.

MARIA ANTONIETA 2005

Inspirada na biografia da rainha, escrita pela historiadora inglesa Antonia Fraser, Sofia aposta na radicalização do retrato histórico, na subversão das referências e na mistura de elementos. Sem se dar conta de que não existiam, no século 18, conceitos modernos como adolescência, ela mostra como uma jovem mulher de 14 anos sai do lar onde foi concebida e educada, no conservador Império Austro-Húngaro, para ser rainha de uma das potências da época, a França. Seu papel como arrimo de uma família real que lutava para manter o status em uma Europa dividida era determinante e um fardo muito pesado de se carregar. Para quebrar o peso dessa premissa, ela interfere com música pop – a new romantic dos anos 80, que celebrava, como os nobres franceses, o hedonismo.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

MELHORES de 2006



O público tem bons motivos para comemorar um ano marcado pelo retorno de velhos conhecidos, a superação de preconceitos e que fez esquecer um pouco a decepção de 2005

Foi preciso ter de volta velhos conhecidos para fazer de 2006 um mundo cinematográfico melhor, pelo menos em se tratando de faturamento nas bilheterias. Com a ajuda do pirata Jack Sparrow, da criatividade de John Lasseter e seus carros falantes da Pixar, dos mutantes do professor Xavier, Superman e James Bond o público reencontrou o caminho dos cinemas. O aumento nem foi tão significativo assim, mas fez esquecer um pouco da decepção que foi 2005. O ano ainda foi marcado por jogar o preconceito de lado. Com o sucesso de crítica e de público de *O Segredo de Brokeback Mountain* (lançado em 2005 nos Estados Unidos, mas que chegou aos cinemas brasileiros no ano passado), Hollywood mexeu com o homossexualismo de maneira tocante e respeitosa. Prova da repercussão positiva foi que leitores também premiaram Ang Lee (que ganhou o Oscar) como melhor diretor, Heath Ledger como ator e Michelle Williams como atriz coadjuvante. Entre os filmes nacionais, *Zuzu Angel* foi o grande destaque entre os leitores, faturando nada menos que cinco categorias: melhor filme, diretor (Sérgio Resende), ator (Daniel de Oliveira), atriz (Patrícia Pilar) e atriz coadjuvante (Leandra Leal). A vitória esmagadora não tira os méritos de outras produções brasileiras como o emocionante *O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias* e *O Céu de Suely*. Um ano memorável.

FILME ESTRANGEIRO

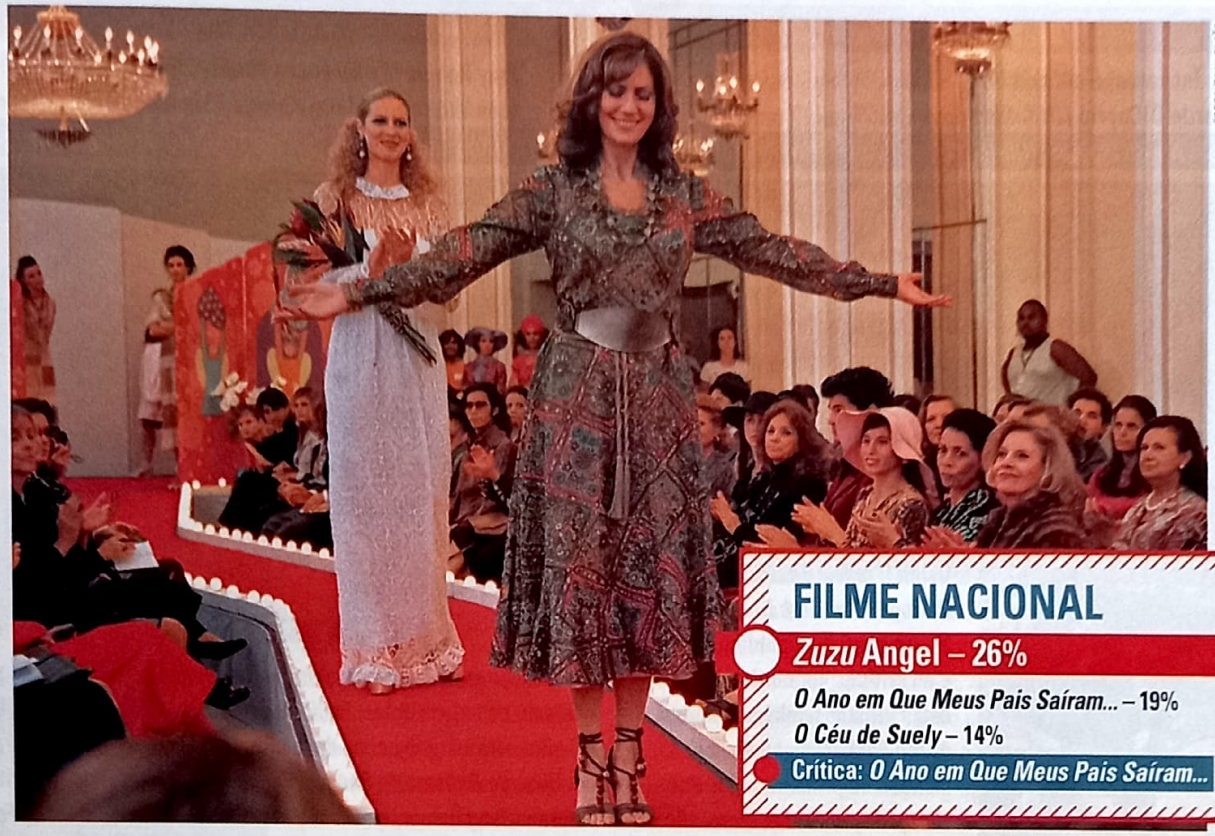
***O Segredo de Brokeback Mountain* – 25%**

***Os Infiltrados* – 18%**

***V de Vingança*/ *007– Cassino Royale* – 9,5%**

Crítica: *Caché*

O filme estrangeiro que venceu a eleição entre os leitores, *O Segredo de Brokeback Mountain*, é também um dos mais polêmicos do ano passado, por retratar a relação entre dois caubóis apaixonados, personagens que impulsionaram as carreiras de Heath Ledger e Jake Gyllenhaal. Na esteira do drama rural gay de Ang Lee, um longa que aponta para o extremo oposto, *Os Infiltrados*, com seu excesso de violência e reviravoltas. A escolha dos críticos, *Caché*, do austríaco Michael Haneke, indica um caminho completamente diferente, ao optar pela manipulação – no bom sentido – das sensações do espectador.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

FILME NACIONAL

Zuzu Angel – 26%

O Ano em Que Meus Pais Saíram... – 19%

O Céu de Suely – 14%

Crítica: *O Ano em Que Meus Pais Saíram...*

Incluída entre as histórias trágicas operadas pelos agentes da ditadura no Brasil, a vivida pela estilista mineira Zuzu Angel nos anos 70 transformou-se, pelas mãos de Sérgio Resende, em um filme que tem, ao menos, o mérito de lembrá-la. O segundo colocado entre os leitores-votantes, *O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias*, foi a escolha dos críticos.

DIRETOR ESTRANGEIRO

Ang Lee (*O Segredo de Brokeback Mountain*) – 34%

Martin Scorsese *(Os Infiltrados)* – 25,5%

Steven Spielberg *(Munique)* – 15%

Crítica: Martin Scorsese

Com o drama *O Segredo de Brokeback Mountain*, An Lee parece ter atingido corações e mentes dos leitores-eleitores. No que foi seguido de perto por Martin Scorsese, que, com o seu *Os Infiltrados*, foi o preferido dos críticos. Uma oposição interessante entre o público e os filósofos do cinema, no sentido de que confronta romance e ação com diferentes doses de violência.

DIRETOR NACIONAL

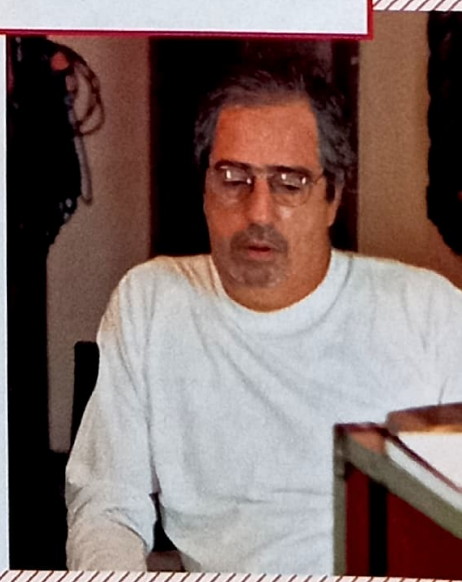
Sérgio Resende (*Zuzu Angel*) – 38%

Cao Hamburger (*O Ano em Que Meus Pais...*) – 24%

Karim Aïnouz (*O Céu de Suely*) – 19%

Crítica: Karim Aïnouz

Considerado pelos críticos um diretor ambicioso demais para os limites de seu talento, Sérgio Resende conseguiu cativar os leitores-votantes com o irregular *Zuzu Angel*. Karim Aïnouz, de *O Céu de Suely*, ficou em terceiro lugar na preferência popular, mas conquistou os críticos com seu belíssimo filme sobre a reinvenção de uma jovem no interior do Brasil.



ATOR ESTRANGEIRO

Heath Ledger *(O Segredo de Brokeback...)* – 30%

Hugh Jackman *(Fonte da Vida)* – 21%
Leonardo DiCaprio *(Os Infiltrados)* – 18,5%
Crítica: Aaron Eckhart *(Obrigado por Fumar)*/ Heath Ledger

Foram anos fazendo papéis bobocas, até aparecer Ennis del Mar, o reticente caubói de *O Segredo de Brokeback Mountain*. E de repente Heath Ledger, esse jovem e talentoso ator australiano, começou a chamar a atenção: pelo talento ele irá fazer o papel de Bob Dylan (*I'm Not There*) e do Coringa (*The Dark Knight*). Nesse sentido, o público leitor e os críticos concordaram, mas estes últimos também acharam Aaron Eckhart digno de uma menção no primeiro lugar. Por *Obrigado por Fumar*, claro, não por *Dália Negra*.

ATOR NACIONAL

Daniel de Oliveira *(Zuzu Angel)* – 41%

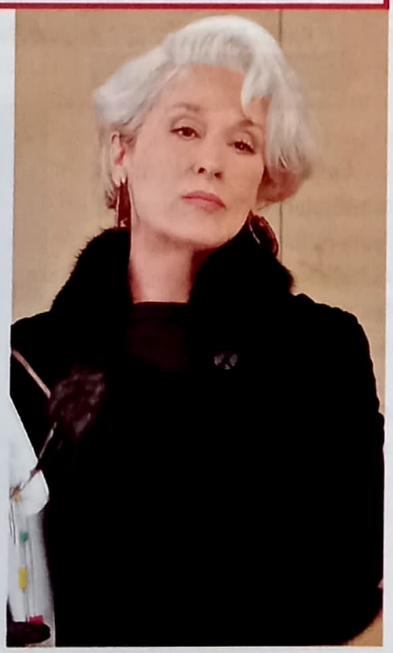
Tony Ramos *(Se Eu Fosse Você)* – 22,5%
José Wilker *(O Maior Amor do Mundo)* – 21%
Crítica: Tony Ramos

Não é uma boa safra para os atores brasileiros, mas não dá para negar o talento de alguns deles. Embora *Zuzu Angel* não ajude muito, Daniel de Oliveira está sempre acima da média. Este ano ainda, ele poderá ser visto também em *Batismo de Sangue*, de Helvécio Ratton. Para os críticos, o veterano Tony Ramos, que exercita sua veia cômica em *Se Eu Fosse Você*, foi o grande ator brasileiro do ano.

ATRIZ ESTRANGEIRA

Meryl Streep *(O Diabo Veste Prada)* – 44,5%

Felicity Huffman *(Transamérica)* – 25%
Reese Witherspoon (*Johnny & June*) – 12,5%
Crítica: Felicity Huffman/ Penélope Cruz *(Volver)*

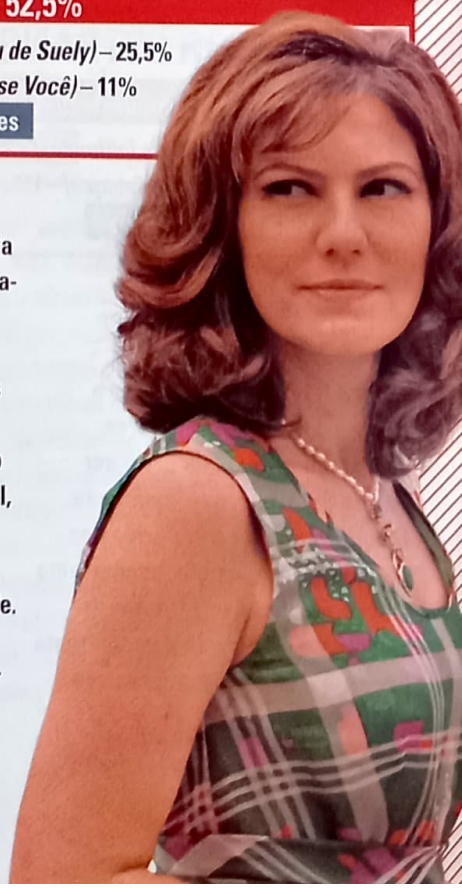


Meryl Streep, com seus dois Oscar e dez indicações, continua sendo invencível para os leitores de SET, especialmente quando ela entrega uma interpretação como a da personagem de *O Diabo Veste Prada*, a intragável editora de moda da revista feminina mais badalada do mundo. Já os críticos, cansados de bajular madame Streep, preferiram dividir a preferência entre a versatilidade de Felicity Huffman (*Transamérica*), segunda colocada na votação dos leitores, e as boas intenções de Penélope Cruz (*Volver*).

ATRIZ NACIONAL

Patrícia Pillar – 52,5%

Hermila Guedes *(O Céu de Suely)* – 25,5%
Glória Pirez *(Se Eu Fosse Você)* – 11%
Crítica: Hermila Guedes



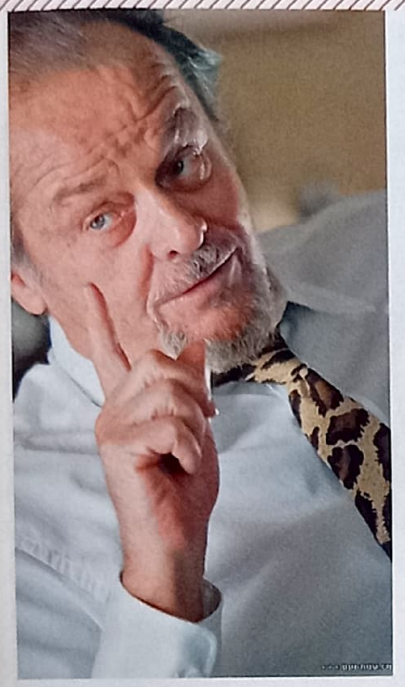
Se houvesse um prêmio como o Oscar no Brasil, Patrícia Pillar certamente seria o equivalente a Meryl Streep. A atual mulher do ex-ministro Ciro Gomes tem essa qualidade dos atores natos: faz muito bem todos os papéis, até os que não são muito bons. Sua Zuzu Angel, embora histriônica, é um dos poucos elementos que funcionam no filme de Sérgio Resende. Como aconteceu várias vezes nesta votação, o segundo lugar entre os leitores, Hermila Guedes (*O Céu de Suely*), foi a preferida entre os críticos.

ATOR COADJUVANTE ESTRANGEIRO

Jack Nicholson *(Os Infiltrados)* – **45%**

Stanley Tucci *(O Diabo Veste Prada)* – 17%
Michael Caine *(O Grande Truque)* – 16%

Crítica: Jack Nicholson



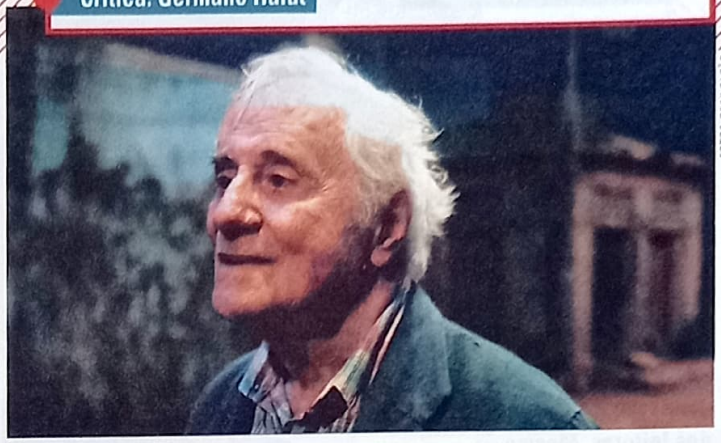
Só mesmo uma categoria como ator coadjuvante estrangeiro para que público e críticos concordem. Mesmo interpretando a si mesmo mais uma vez, o gângster psicopata de Jack Nicholson em *Os Infiltrados* parece ser uma unanimidade. E, de fato, apesar de toda a maldade impressa no personagem, a atuação de Nicholson é irresistível. Vale lembrar a menção a Stanley Tucci (*O Diabo Veste Prada*), que ficou bem atrás na preferência popular.

ATOR COADJUVANTE NACIONAL

Paulo Autran *(A Máquina)* – **32%**

Germano Haiut *(O Ano em Que Meus Pais Saíram ...)* – 24%
Antônio Calloni *(Anjos do Sol)* – 20%

Crítica: Germano Haiut



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Aos 84 anos de idade, Paulo Autran está certamente entre os atores mais longevos ainda em atividade no Brasil. Portanto, é louvável que tenha sido lembrado pelos leitores, ainda que por um filme sofrível como *A Máquina*, estréia de João Falcão na direção de cinema. O pernambucano Germano Haiut (*O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias*), descoberto por Cao Hamburger em um grupo de teatro de Recife, fez jus ao reconhecimento dos críticos, com seu retrato do rabino que assume a guarda temporária de uma criança durante a ditadura.

ATRIZ COADJUVANTE ESTRANGEIRA

Michelle Williams *(O Segredo de Brokeback...)* – **30%**

Rachel Weisz *(Fonte da Vida)* – 23,5%
Toni Collete *(Pequena Miss Sunshine)* – 17%

Crítica: Toni Collete

Quem assistia à xaroposa série *Dawson's Creek*, vai se lembrar de Michelle Williams como uma das jovens que gravitavam em torno de Dawson (James van der Beek). Se não tinha condições de mostrar a que veio naquele papel, ela disse muito como a ingênua mulher de Ennis del Mar (Heath Ledger) em *O Segredo de Brokeback Mountain*. Os críticos, no entanto, foram mais conservadores: ficaram com a insuperável Toni Collete e a paciente mãe de *Pequena Miss Sunshine*.

ATRIZ COADJUVANTE NACIONAL

Leandra Leal *(Zuzu Angel)* – **55%**

Marcélia Cartaxo *(O Céu de Suely)* – 15,5%
Darlene Glória *(Anjos do Sol)* – 12%

Crítica: Marcélia Cartaxo

Desde que apareceu em *A Ostra e o Vento*, Leandra Leal é apontada como um dos futuros talentos do cinema brasileiro. Talvez estejamos para ver, pois a personagem dela em *Zuzu Angel* não tem tempo de tela suficiente para ser mostrada como a melhor da temporada. Este ano, ela poderá ser vista em *Uma História Real*, adaptação livre dos textos da gaúcha Clarah Averbuck. Numa aparição ainda mais singela, Marcélia Cartaxo (*O Céu de Suely*) voltou ao gosto dos críticos.

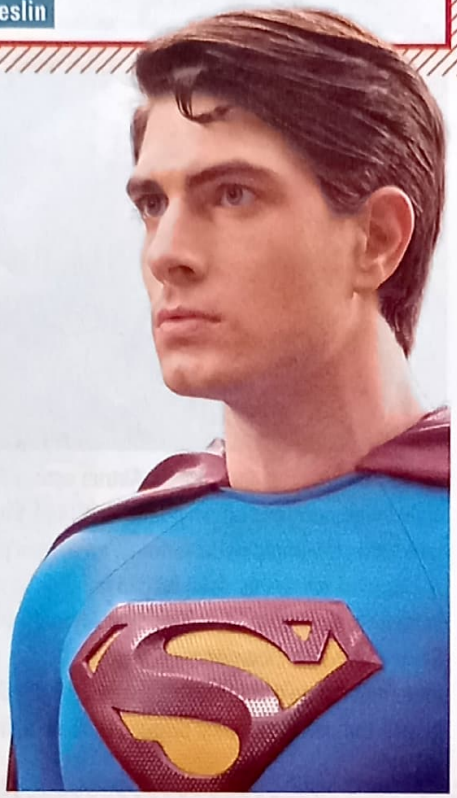
REVELAÇÃO ESTRANGEIRA

Brandon Routh (ator, *Superman – O Retorno*) – 44%

Tommy Lee Jones (diretor, *Três Enterros*) – 15,5%

Abigail Breslin (atriz, *Pequena Miss Sunshine*) – 15%

Crítica: Abigail Breslin



A grande semelhança entre o ator Brandon Routh e o saudoso Christopher Reeve, que poderia render comparações incômodas, não foi obstáculo para que ele ganhasse a simpatia dos leitores. Mesmo com a responsabilidade de vestir o uniforme azul e vermelho, Routh saiu-se muito bem. A crítica, entretanto, preferiu a ingenuidade e o carisma da pequena Abigail Breslin.

REVELAÇÃO NACIONAL

Michel Joelsas (ator, *O Ano em Que Meus...*) – 39%

Hermila Guedes (atriz, *O Céu de Suely*) – 28%

Gustavo Falcão (ator, *A Máquina*) – 13,5%

Crítica: Hermila Guedes

O garoto Michel Joelsas fez por merecer a preferência dos leitores. Com naturalidade e competência, ele interpreta um jovem que tenta superar a ausência dos pais durante a repressão militar nos anos 70. Joelsas é peça fundamental no sucesso de *O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias*, dirigido com maestria por Cao Hamburger. Já a crítica elegeu Hermila Guedes, que faz uma jovem que sonha em refazer sua vida em *O Céu de Suely*.

DVD ESTRANGEIRO

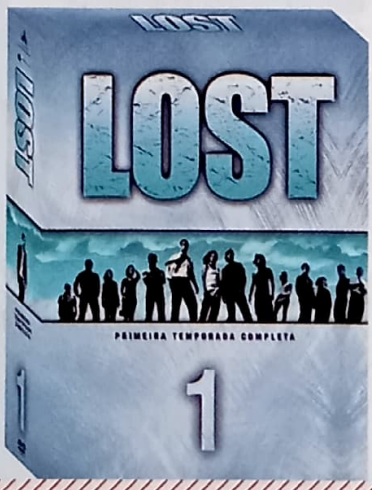
***Lost* – Primeira Temporada Completa** – 45%

Star Wars – A Trilogia Original – 26%

A Noviça Rebelde – Edição de Colecionador – 10%

Crítica: *Lost* – Primeira Temporada

A popularidade da série televisiva *Lost* continua em alta. Mesmo enfrentando concorrentes de peso como a trilogia original de *Star Wars*, o boxe lançado pela Buena Vista com a primeira temporada completa foi unanimidade entre leitores e críticos. O título oferece tudo que os fãs mais procuram: documentários, entrevistas e muitas curiosidades.



DVD NACIONAL

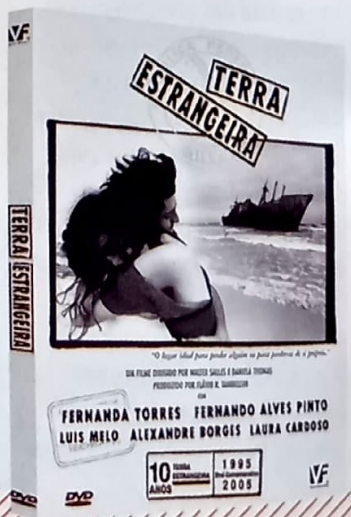
Terra Estrangeira – 37%

A Pessoa É para o Que Nasce – 16,5%

Expedições Amazônia – 14%

Crítica: *Terra Estrangeira*

A edição comemorativa de 10 anos de *Terra Estrangeira*, filme dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas (que depois fariam juntos *O Primeiro Dia*), teve tratamento de primeira pela Video Filmes. Além da embalagem luxuosa, traz inúmeros extras como, por exemplo, comentários em áudio de Salles, de Daniela e do crítico Carlos Alberto de Mattos. Vitória incontestável.



VILÃO

Lex Luthor (*Superman – O Retorno*) – 24,5%

Davy Jones (*Piratas do Caribe – O Baú da Morte*) – 23%
Fênix Negra (*X-Men – O Confronto Final*) – 20,5%
Crítica: Davy Jones

Se Brandon Routh tinha a responsabilidade de substituir Christopher Reeve, Kevin Spacey enfrentou um desafio parecido: herdar o papel que foi do inigualável Gene Hackman. Não só fez uma homenagem (imitando alguns trejeitos de Hackman), como conquistou o público com seu cínico e maquiavélico Lex Luthor. Já a crítica preferiu o feioso Davy Jones de *Piratas do Caribe – O Baú da Morte*.

CENA DE AÇÃO

Superman salva o avião (*Superman – O Retorno*) – 32%

X-Men contra a Fênix Negra (*X-Men: o Confronto Final*) – 26%
Perseguição a pé pelas Bahamas (*007 – Cassino Royale*) – 20%
Crítica: Perseguição a pé pelas Bahamas

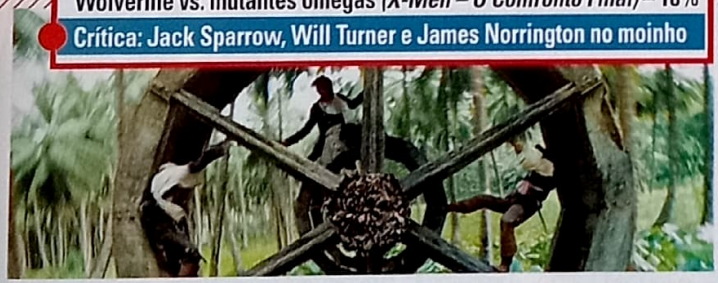
FOTOS: DIVULGAÇÃO

A primeira cena de ação de *Superman – O Retorno* – em que o Homem de Aço salva sua amada Lois Lane, que despenca a bordo de um 777 –, foi a escolhida pelos leitores. Não podia deixar de ser: toda a seqüência é uma perfeita combinação entre ritmo e efeitos especiais de cair o queixo. A incrível perseguição a pé de James Bond em *Cassino Royale*, pelas Bahamas (servindo de dublê para um país africando) que ficou apenas na terceira colocação entre os leitores, foi a vitoriosa pela crítica.

CENA DE LUTA

Jack Sparrow, Will Turner e James Norrington no moinho (*Piratas do Caribe – O Baú da Morte*) – 29%

V enfrenta a polícia (*V de Vingança*) – 28%
Wolverine vs. mutantes ômegas (*X-Men – O Confronto Final*) – 18%
Crítica: Jack Sparrow, Will Turner e James Norrington no moinho



Muita gente criticou o excesso de efeitos especiais de *Piratas do Caribe – O Baú da Morte*, mas justiça seja feita: a cena de luta entre Jack Sparrow (Johnny Depp), Will Turner (Orlando Bloom) e James Norrington (Jack Davenport) é arrasadora. Engraçada, complexa e impecável. Tanto que conquistou leitores e crítica.

MELHOR CAPA DA SET

***Dezembro: 007 – Cassino Royale* – 22%**

Maio: X-Men – O Confronto Final/ O Código da Vinci – 18%
Junho: Superman – O Retorno/ Julho: Piratas do Caribe – 11,5%
Crítica: *Agosto: Miami Vice*

É curioso que justamente a última capa do ano tenha sido a campeã entre os leitores. Não se pode menosprezar a força de James Bond, principalmente em um filme espetacular como *Cassino Royale*. A crítica, entretanto, preferiu a estética moderna da edição de *Miami Vice*, que não fez tanto sucesso de público, mas ganhou simpatia entre os críticos.

A VOZ DA CRÍTICA

Conheça as pessoas que votaram na eleição dos melhores de cada categoria

Alessandro Giannini (SET), Alfredo Sternheim (SET), Alex Xavier (*Guia do Estadão*), Christian Petermann (*Guia da Folha*), Fernando Veríssimo (Filme B), Ludmila Azevedo Dias (*Jornal da Tarde*), Mariane Morisawa (*Isto É Gente*), Miguel Barbieri (*Veja São Paulo*), Paulo Cabral (*Sexy*), Pedro Butcher (Filme B), Roberto Sadovski (SET), Rodrigo Salem (SET), Ricardo Matsumoto (SET) e Sérgio Rizzo (*Folha de São Paulo*)

PLAYARTE

Mágica para Adultos

SET foi a única revista brasileira nas filmagens de *A Bússola Dourada*, a trilogia de fantasia estrelada por Nicole Kidman que mexe com temas polêmicos e tem tudo para repetir a magia de *O Senhor dos Anéis*

Por Rodrigo Salem, de Londres

Mais de uma década em produção? Certo. Trilogia baseada numa obra de fantasia premiadíssima, escrita por um catedrático de Oxford? Presente. Personagens numa longa jornada em busca da salvação do próprio mundo? Pode apostar. Criaturas bestiais que falam? Claro que sim. Batalhas épicas nos confins de um planeta que parece o nosso, mas não é? Anotado. Um Anel para todos dominar? Bem, aí você estaria querendo demais de *A Bússola Dourada*, a maior aposta da New Line – estúdio que bancou *O Senhor dos Anéis* – no terreno da fantasia para os próximos anos. Não há hobbits ou magos barbudos nesta obra escrita nos anos 90 pelo inglês Philip Pullman, mas nem por isso ela perde em magia e profundidade para a Terra-Média de J.R.R. Tolkien ou a Nárnia de C.S. Lewis.

"Para mim", fala o diretor Chris Weitz, encurralado entre seus monitores e uma tela verde que representará o Pólo Norte no auge do filme. "*A Bússola Dourada* é uma das maiores obras da literatura do século 20." O cineasta responsável por comédias leves como *American Pie* e *Um Grande Garoto* parece assustado com o tamanho da comitiva de jornalistas presentes num dos hangares do estúdio Shepperton, onde realiza as últimas tomadas tradicionais antes de bons seis meses de pós-produção e efeitos especiais. Ironicamente, a grandiosidade do projeto, que requer um esforço técnico sobre-humano e orçamento em torno dos 150 milhões de dólares, quase afastou Weitz do trabalho há três anos. O americano passou a direção de seu roteiro para o francês Anand Tucker, que ficou apenas oito meses no comando da brincadeira, e devolveu a tocha para o ianque logo depois. "Eu estava com medo de acabar num lugar assim", brinca o cineasta. "Falando sério, achava que era uma missão que não conseguiria dar conta. Mas quando estava escrevendo o roteiro, começaram a reunir a equipe e senti que poderia assumir a tarefa."

Não é preciso muito tempo para entender o que Chris Weitz temia. A maior parte dos jornalistas no set não conseguiu se aproximar do diretor. SET, por outro lado, reconheceu a figura simpática de outros projetos e chegou perto sem maiores problemas para conseguir declarações exclusivas entre um take e outro. Uma delas é a maior preocupação dos fãs de Pullman em relação à adaptação: a manutenção do tema religioso, que foi responsável por vários protestos de grupos radicais católicos na época do lançamento do livro, alguns até mesmo acusando o escritor de satanista. "Os fãs estão preocupados", concorda Weitz quando pergunto sobre mudanças. "Mas acho que eles não ficarão desapontados quando assistirem ao filme."

Lyra busca o futuro no aletômetro

Nicole Kidman vestida para matar como a sra. Coulter

Ok, para entendermos do que os fãs estão com medo, precisamos falar um pouco sobre o que é *A Bússola Dourada*. Escrito em 1995 pelo professor britânico Philip Pullman, *His Dark Materials: The Golden Compass* (a versão nacional ficou com o título *As Fronteiras do Universo: A Bússola Dourada*) acompanha a jornada da menina Lyra Belacqua em busca de seu melhor amigo, que teria sido raptado por seres chamados "Papões". Essa primeira parte de uma trilogia completada ainda por *A Faca Sutil* e *A Luneta Âmbar* se passa numa Terra semelhante a nossa, mas com algumas diferenças básicas: a) o cenário é retrô-futurista, misturando veículos dos anos 40 com tecnologia atual; b) cada pessoa possui um daemon, que seria a incorporação externa da alma num animal inseparável ao dono; c) a Igreja é a autoridade máxima desse mundo e não aceita confrontações; e d) existe um fenômeno místico chamado "pó", negado pelos religiosos, mas estudado por cientistas em busca do segredo do pecado original. São esses dois últimos tópicos que estão tirando o sono dos adoradores da obra literária – apesar de não falar sobre o assunto, Chris Weitz pode trocar o tema polêmico por algo que mantenha o espírito dos livros, mas sem resvalar em tabus bíblicos.

Lyra escolhe uma cadeira confortável

FOTOS: PLAYARTE

> "Trabalhar com Nicole tem sido incrível e surreal", exalta-se Weitz. "Nunca havia trabalhado com uma atriz de sua estatura e glamour."

A fidelidade, no entanto, parece dominar todo o set de *A Bússola Dourada*. "Muitos do elenco amam o livro", adianta o cineasta. "A maioria dos envolvidos está aqui pelo amor à obra, e não somente pela grana." Quando entramos no hangar 7, o frio que toma conta da Inglaterra só parece piorar. Estamos no Pólo Norte. A pequena Dakota Blue Richards, dona do papel de Lyra, olha para nosso grupo com espanto maior que teve ao se deparar com seu companheiro de atuação no dia: a cabeça de um urso branco. Quando requisitada, no entanto, a menina concentra-se e olha a cabeçorra que um dia virá a ser Yorek, o urso de armadura que ajuda a garotinha a alcançar seu destino no Ártico. A criatura diz (a voz sai de um alto-falante próximo ao bicho) que irá com ela até o final da jornada, ela rejeita ("Não, você não vai. Sou sua contratante.") e despede-se encostando sua testa no focinho da criatura. Weitz repete a tomada mais três vezes e libera Dakota, já atrasada para a escola.

O próximo passo da jornada é tentar descobrir um pouco mais do mundo que está sendo criado por Chris Weitz. A produtora Deborah Forte acompanha SET para uma espécie de museu armado para demonstrar o apuro visual do designer de produção Dennis Gassner (*Peixe Grande, O Show de Truman*). Ele explica que todo o conceito do longa é baseado na figura esférica do aletômetro, a tal "Bússola Dourada" que só pode ser lida por Lyra e revela muito mais que o simples caminho para o norte. "Gosto sempre de pensar num único conceito e a esfera representa a pureza e as idéias de Pullman", explica Gassner. Todos os objetos e cenários foram criados especialmente para o longa, inclusive o balão de Lee Scoresby (Sam Elliott) e as roupas dos gípcios, ciganos que tomam o partido da menina numa guerra que envolve bruxas voadoras (lideradas pela bond girl Evan Green, que plana graciosamente e pousa com o cruzar de braços na frente da face), ursos de armadura e um casal de astros, Daniel Craig e Nicole Kidman.

"Trabalhar com Nicole tem sido incrível e surreal", exalta-se Weitz. "Nunca havia trabalhado com uma atriz de sua estatura e glamour. Ela leva o papel de modo muito sério." Na verdade, não poderia ser diferente. Na pele da sra. Coulter, charmosa e poderosa mulher que "adota Lyra" e a leva para conhecer o mundo fora da Universidade de Jordan, onde mora em Oxford, Kidman tem a primeira oportunidade na carreira de aprimorar uma personagem de caráter dúbio numa megaprodução de fantasia – ela já havia sido cotada para viver Galadriel, em *O Senhor dos Anéis*, e a Rainha Branca, em *As Crônicas de Nárnia*. Talvez a presença de Craig, que divide o set com a estrela em outro filme, o problemático *The Invasion*, tenha conquistado seu coração. Em entrevista a SET, durante a divulgação de *Cassino Royale*, o astro admitiu que *A Bússola Dourada* é seu livro preferido e que, interpretando o duro cientista lorde Asriel, ele não deixaria o clima sucumbir para o lado infantilóide que os estúdios gostam de seguir. >>

Num preview inesperado, a produtora Deborah Forte adiantou cerca de treze minutos de A Bússola Dourada e montou um "museu" com artefatos do longa

FOTOS: PLAYARTE

Asriel tenta pôr ordem na cabeça da heroína

Sam Elliott brilha com Lee Scoresby

Craig parece ter conseguido. Após a visita pelo museu "A Bússola Dourada" (detalhes na edição de dezembro, mês previsto para a estréia do longa nos cinemas), somos apresentados a cerca de treze minutos de cenas semiprontas do filme. A produção não parece apenas ambiciosa e visualmente fantástica, mas dona de interpretações convincentes e realistas. Como não gostamos de muitos segredos, revelamos as principais seqüências que testemunhamos em primeira mão da fantasia mais empolgante desde *O Senhor dos Anéis*:

1. Lyra passeia despojamente pela sala de descanso, caminhando sobre a mesa e andando com seu daemon, que será inserido na pós-produção, mas segue desenhos de produção realistas. Não esperem animais de visual fantástico. A realidade domina.

2. No teto virtual da Universidade de Jordan, Lyran e Roger conversam em segredo sobre os planos de lorde Asriel para a mocinha.

3. A primeira aparição da sra. Coulter. Nicole Kidman abusa de sua imponência para salvar sua "enteada" da bronca dos professores, numa sala lotada por mestres, todos rendidos.

4. Lorde Asriel leva Lyra por um passeio pelos jardins da Jordan. Craig cai perfeitamente no papel do homem inteligente, mas rude até a medula. Ele pede para Lyra esquecer qualquer coisa a respeito do "pó" com uma grosseria digna do personagem escrito por Pullman. O resultado é uma briguinha entre os daemons da dupla, ainda em estágio inicial de efeitos.

5. Uma das cenas mais impressionantes – e ainda nem está finalizada – mostra Lyra procurando Roger para poder se despedir. A câmera continua a segui-la até sairmos nos jardins da Jordan, onde um zeppelin a aguarda para a viagem a Londres. A visão da aeronave é de fazer qualquer fã perder a desconfiança e o fôlego.

6. Yorek (ainda tosco, claro) invade uma casa na cidade de Trollesund para recuperar sua armadura. Ele destrói o lugar e está prestes a ser morto por policiais quando Lyra intervém com a ajuda hilária de Lee Scoresby. "Eu não faria nada precipitado agora", diz Sam Elliott com a arma apontada para a cabeça de um soldado.

A visita ainda segue por uma demonstração das armas utilizadas pela produção, uma coreografia sensacional da principal luta no Pólo Norte e a máquina de vôos das bruxas, um indicativo de que a New Line não quer depender de *O Hobbit* para poder dominar o gênero que ajudou a ressuscitar há seis anos. "Queremos ser reconhecidos como os donos do gênero da fantasia", revela Mark Ordesky, que produziu *O Senhor dos Anéis* e está bancando *A Bússola Dourada* ao mesmo tempo em que acompanha o desenvolvimento de *Coração de Tinta*, primeiro dos três livros da autora alemã Cornelia Funke (*O Senhor dos Ladrões*) estrelados pela garota Meggie. "Somos os reis das trilogias." E pensar que, há alguns anos, falar isso seria uma loucura. Hoje, por mais irônico que seja, trilogias fantasiosas são uma realidade. •

FILTRO

o guia de entretenimento

CINEMA 56

DVD & VÍDEO 64

TELEVISÃO 72

MÚSICA 76

LIVROS & HQS 78

GAMES 79

EQUIPAMENTOS 80

FOCUS

64

DVD & VÍDEO

O ILUSIONISTA

Edward Norton tenta reconquistar o coração de Jessica Biel neste suspense com toques sobrenaturais e ótimo roteiro

FILMES DO ESTAÇÃO

56

CINEMA

O CHEIRO DO RALO

Selton Mello fica obcecado por uma bunda e faz seu melhor papel nesta comédia de humor negro superpremiada

BOOMERANG

72

TELEVISÃO

NOVAS SÉRIES

A temporada de estréias nos canais por assinatura está recheada de boas novidades, como o badalado *Heroes* e a versão adolescente de *Lost*, *Resgate Vôo 29*

DIVULGAÇÃO

76

MÚSICA

ARCADE FIRE/ KLAXONS

2007 começa com uma inundação de hype. Mas os canadenses do Arcade Fire e os ingleses do Klaxons mantêm-se firmes

DIVULGAÇÃO

78

LIVROS & HQS

CALVIN E HAROLDO

As tiras geniais de Bill Watterson voltam a ser publicadas no Brasil e o primeiro álbum carrega somente material inédito

SET sem fio

Receba em primeira mão as estréias de cinema e TV e lançamentos em DVD via SMS.

Envie uma mensagem com o texto LIG FILTRO para o número 46937 (Vivo) ou 55000 (Oi, BrT ou CTBC) e tenha as dicas do FILTRO em seu celular. R$ 0,15 por mensagem (Oi, BrT e CTBC) e R$ 0,10 por mensagem (Vivo)

FILMES DO ESTAÇÃO

Paula Braun, que abandonou a forma para engordar um pouco para o filme, está prestes a fazer uma revelação para Selton Mello: "Muita calma nessa hora..."

O CHEIRO DO RALO

Filmado a toque de caixa, em um esquema de guerrilha, adaptação do romance de Lourenço Mutarelli não tem espaço para frescuras *Por Roberto Sadovski*

BRASIL, 2006. DE HEITOR DHALIA. COM SELTON MELLO, PAULA BRAUN, LOURENÇO MUTARELLI, SÍLVIA LOURENÇO, FABIANA GUGLIELMETTI, LORENA LOBATO. 112 MIN. WWW.OCHEIRODORALO.COM.BR. FILMES DO ESTAÇÃO. DRAMA/COMÉDIA

"Eu não gosto de ninguém." Nem mentir Lourenço sabe direito. Mas a verdade é que o insuportável protagonista de *O Cheiro do Ralo* fez dessa frase a definição de sua vida. Ao fim deste filme espetacular dirigido por Heitor Dhalia, a verdade é que Lourenço talvez não goste dele mesmo e, para amenizar a solidão, transforma a vida de quem o cerca num pequeno inferno. Lourenço é, também, o papel da vida de Selton Mello, que se despe pela primeira vez de qualquer cacoete para encarnar um sujeito de verdade: amoral, cruel, canalha e, em última análise, um escro... err, um pulha. Lourenço é dono de uma loja de penhores e avalia a mercadoria que chega com indefectível desdém. Aos poucos, o cheiro insuportável do ralo do banheiro parece impregnar cada pedacinho de sua vida, e o fedor constante revela falhas em sua couraça. Lourenço, por exemplo, nunca conheceu o pai, e tenta "reconstruí-lo" com peças usadas. "É o olho de meu pai", brada, ao exibir uma traquitana barata. Ele também fica obcecado por uma mulher – ainda que não seja exatamente pela moça em si, de nome indecifrável, mas por sua derrière. Aos poucos, a grosseria de Lourenço dá lugar à revolta desses mesmos seres que gravitam em torno dele – o que abre espaço para metáforas e referências que, embora possam ser decifradas por quem seja mais esperto que eu, não parecem em nenhum momento mais importantes do que a trama que se desenrola. Na cartilha de Heitor Dhalia, que até aqui só tinha um longa no currículo, o estiloso *Nina*, não há espaço para frescuras, principalmente por ele ter filmado com enxutos 330 mil dinheiros – conquistados na raça, e não por um "captador de recursos" travestido de produtor. O tesão de todo mundo em fazer o trabalho vingar é quase palpável. Adaptado do conto de Lourenço Mutarelli, *O Cheiro do Ralo* é um triunfo não só pela atuação de Mello ou pela direção impecável de Dhalia, ou ainda pelo apuro técnico, mas pela soma dos detalhes que revela preocupação em fazer cinema de verdade, e não tradução de linguagem televisiva ou teatro filmado cabeçudo ("gêneros" que parecem dominar nossa cinematografia). A força de *O Cheiro do Ralo* vem do conjunto, do figurino, da direção de arte, da fotografia e do roteiro brilhante que trabalham para contar uma história. Nada além. Nada mais simples. E, por isso mesmo, nada mais eficiente.

NOTA: 9

À MARGEM DO CONCRETO

BRASIL, 2006. DE EVALDO MOCARZEL. 84 MIN. WWW.MAISFILMES.COM.BR. MAIS FILMES. DOCUMENTÁRIO

Existem duas operações complementares em *À Margem do Concreto*. Uma limita-se a entrevistas com líderes do Movimento dos Sem-Teto de São Paulo. Elas são organizadas com dinâmica fragmentada e pautadas na montagem por frases de efeito. Evaldo Mocarzel busca esvaziar o estigma do grupo enfocado por meio de uma imagem afirmativa. A outra operação tem a ver com a maneira como o filme se aproxima das ações do grupo. Duas seqüências mostram confrontos com policiais. Importa salientar a atitude do filme de testemunhar uma situação de risco. Nesse momento, em vez de propaganda do movimento, o filme faz sua própria. É como se dissesse: estávamos lá e corremos o risco.

Cléber Eduardo

NOTA: 6

MAIS FILME

Filme engajado na luta dos sem-teto

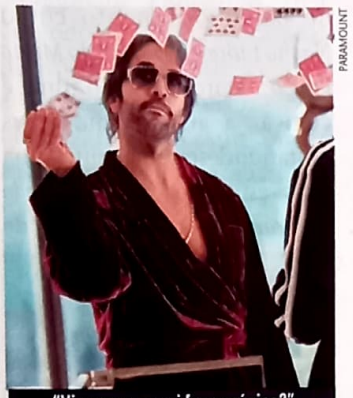
TURMA DA MÔNICA – UMA AVENTURA NO TEMPO

BRASIL, 2006. DE MAURÍCIO DE SOUSA. COM AS VOZES DE MARLI BORTOLETTO, MARIA ANGÉLICA SANTOS, ELZA GONÇALVES, PAULO CAVALCANTE. 80 MIN. UMAAVENTURANOTEMPO.GLOBO.COM. BUENA VISTA. ANIMAÇÃO

Com exceção de *A Princesa e o Robô* (1983), Maurício de Sousa estava devendo um desenho animado que fizesse jus ao sucesso de seus personagens nos quadrinhos. *Turma da Mônica – Uma Aventura no Tempo* faz esse papel, tanto no plano estético como no tecnológico. Comparado com os primeiros trabalhos de Sousa no cinema, este aqui parece obra dos estúdios Disney – aliás, um parceiro nessa empreitada, por meio da Buena Vista e da Miravista. O enredo não tenta imitar os quadrinhos, os personagens são bem delineados e a animação mostra um grau de profissionalismo nunca antes visto. E a música, outro calcanhar-de-aquiles dos filmes da Turma, também mudou. Finalmente!

Alessandro Giannini

NOTA: 8



PARAMOUNT

"Viu, como eu sei fazer mágica?"

A ÚLTIMA CARTADA

SMOKIN' ACES, EUA, 2007. DE JOE CARNAHAN. COM JEREMY PIVEN, RYAN REYNOLDS, BEN AFFLECK, RAY LIOTTA, JASON BATEMAN, ANDY GARCIA, ALICIA KEYS. 109 MIN. WWW.SMOKINGACES.NET. PARAMOUNT. AÇÃO

Sabe o que é pior no fato de *A Última Cartada* ser ruim de doer? Ver um cineasta que prometia tanto na estréia se perder num oceano de histeria e prepotência, a ponto de nem lembrarmos mais de seu estilo. Joe Carnahan, diretor do ótimo *Narc*, decidiu imitar Guy Ritchie quando nem o verdadeiro Guy Ritchie é suportável. O resultado é um fiapo de roteiro amarrado por personagens que morrem a cada cinco minutos, explosões gigantescas e diálogos que fariam Tarantino corar de vergonha. Jeremy Piven (*Entourage*) tem a cabeça colocada a prêmio pela máfia e passa a ser alvo de dezenas de mercenários e da polícia. Se fosse só isso, tudo bem, mas Carnahan se leva a sério e aparece com reviravoltas grotescas e cenas dramáticas que não emocionam. Talvez isso ajude a entender por que Tom Cruise o demitiu de *Missão: Impossível 3*.

Rodrigo Salem

NOTA: 4,5

300

Zach Snyder adapta álbum de Frank Miller com liberdade e de forma original

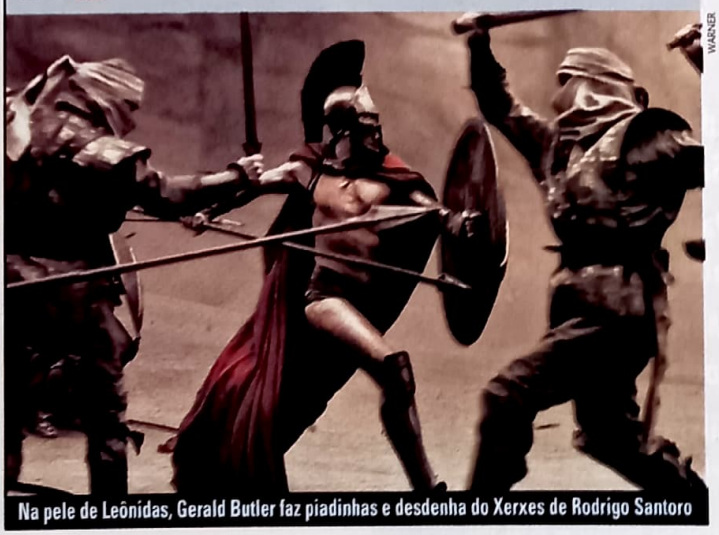
EUA, 2007. DE ZACK SNYDER. COM GERARD BUTLER, RODRIGO SANTORO, LENA HEADEY, DAVID WENHAM, DOMINIC WEST. 110 MIN. 300THEMOVIE.WARNERBROS.COM. WARNER. AVENTURA

Na primeira meia hora de projeção, o Exército espartano liderado pelo imponente Leônidas (Gerard Butler) depara-se com uma vila grega dizimada pelas forças persas. Mas nenhum corpo jaz na terra. Ao longe, um menino caminha em direção a eles. Cambaleante, aponta para uma árvore. Quando Leônidas se aproxima do lugar, não vê uma árvore comum, mas uma planta formada pelos cadáveres sumidos da aldeia. Ninguém precisa de diploma em História Antiga para saber que a árvore dos mortos é uma fantasia. No entanto, é nessa cena que o Zack Snyder reafirma a força de *300*, sua adaptação da obra em quadrinhos de Frank Miller (*Sin City*): a liberdade fantasiosa para transformar os fatos e as lendas envolvendo o rei Leônidas, de Esparta, e sua campanha para segurar a numerosa invasão persa.

Snyder talvez seja o diretor mais antenado dos EUA e toma duas decisões vitais para o sucesso do longa. A primeira envolve a técnica cinematográfica. Mesmo usando artifícios semelhantes a *Sin City*, ele mostra que fez um filme de verdade e não um gibi em movimento. A segunda decisão é se distanciar o máximo possível da realidade histórica, injetando ação, exageros narrativos, violência estética e elementos do cinema que o forjou, o terror. Não há como deixar de pensar em Peter Jackson em *O Senhor dos Anéis*, quando os imortais, os soldados de elite de Xerxes (Rodrigo Santoro) apresentam seu monstruoso "Über-Imortal", um ser grotesco como o "Über-Orc" de *O Retorno do Rei*. Tudo isso nada significaria se roteiro e interpretações não rivalizassem com o visual. Mas o cineasta arranca uma atuação vibrante e visceral de Gerard Butler e entrega para Santoro seu melhor trabalho em Hollywood, no qual o brasileiro passa por cima de imagens para construir uma criatura divina com poucos gestos. *300* é o filme que *Tróia* queria ser quando crescer. Ou melhor, quando virasse adolescente.

Rodrigo Salem

NOTA: 8,5



WARNER

Na pele de Leônidas, Gerald Butler faz piadinhas e desdenha do Xerxes de Rodrigo Santoro

EUROPA

"Então, é isso que são os Minimoys..."

ARTHUR E OS MINIMOYS

ARTHUR ET LES MINIMOYS, FRANÇA, 2006. DE LUC BESSON. COM FREDDIE HIGHMORE, MIA FARROW, PENNY BALFOUR. 102 MIN. WWW.ARTHURETLESMINIMOYS.COM. EUROPA. INFANTIL

Arthur mora com a avó e é ignorado pelos pais. A casa deles guarda um segredo: no jardim, habitam pequenas criaturas conhecidas como Minimoys. Somente eles podem ajudar Arthur a encontrar o tesouro deixado por seu avô e evitar que a casa seja confiscada por falta de pagamento. Baseado na série de quatro livros infantis do diretor Jean-Luc Besson, o filme *Arthur e os Minimoys* esmera-se na produção e agradou aos franceses. Lançado pouco antes do Natal, em dez dias de exibição já havia atraído 2,7 milhões de espectadores aos cinemas. Um grande filme em números, mas que não precisaria do diretor de *O Quinto Elemento*. O melhor é ver Mia Farrow, a eterna mãe do *O Bebê de Rosemary*, como a vovó fofa de Arthur. E dá-lhe continuação. ***Taíssa Stivanin***

NOTA: 6,5

DEU A LOUCA EM HOLLYWOOD

EPIC MOVIE, EUA, 2007. DE JASON FRIEDBERG E AARON SELTZER. COM KAL PENN, ADAM CAMPBELL, JENNIFER COOLIDGE, JAYMA MAYS. 86 MIN. WWW.MYSPACE.COM/EPICMOVIE. FOX. COMÉDIA

Fazer paródias de filmes de sucesso virou uma mina de ouro. Jason Friedberg e Aaron Seltzer (roteiristas do primeiro *Todo Mundo em Pânico* e responsáveis pelo recente *Uma Comédia Nada Romântica*) descobriram que nem é preciso muito esforço para faturar milhões. Basta jogar o maior número de piadas possíveis na tela e pronto... Todo ano surge uma bobagem nova. Neste *Deu a Louca em Hollywood*, eles brincam com *As Crônicas de Nárnia*, *O Código Da Vinci*, *Superman – O Retorno*, *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, *Piratas do Caribe*, a série *X-Men* e até mesmo com produções de baixo orçamento como *Nacho Libre* e *Madrugada Muito Louca*. O problema do filme é colocar a atriz Jayma Mays imitando descaradamente Anna Faris – estrela da série *Todo Mundo em Pânico*. Entre dezenas de piadas de mau gosto, uma ou outra se salva. E mesmo assim, é bom estar em dia com os filmes satirizados. Pelo menos, é curto. ***Ricardo Matsumoto***

NOTA: 4

FOX

"Minha língua está azul?"

ESCOLA DE IDIOTAS

SCHOOL FOR SCOUNDRELS, EUA, 2006. DE TODD PHILLIPS. COM BILLY BOB THORNTON, JON HEDER, JACINDA BARRETT. 100 MIN. WWW.SCHOOLFORSCOUNDRELS-MOVIE.COM. PARIS FILMES. COMÉDIA

Em *Dias Incríveis*, o diretor Todd Phillips conseguiu o equilíbrio certo entre humor pastelão e piadas grotescas. Já no fracassado *Escola de Idiotas*, ele não tem a ajuda de Will Ferrell e Vince Vaughn num roteiro que chega até a ser melhor que sua comédia de 2003, mas que não resiste ao desempenho geral dos atores. Jon Heder, de *Napoleão Dinamite*, esforça-se como um homem fracassado no amor que procura a ajuda de um professor de auto-estima (Billy Bob Thornton, repetindo seu papel de grosseirão à exaustão), porém esbarra na falta de carisma de seus colegas de classe, algo que não aconteceu em *Dias Incríveis*, no qual até o velhinho coadju-

RESULTADO DA PROMOÇÃO 24 HORAS

- **Eduardo Mellone São Paulo-SP**
- **Paulo Gustavo Varandas Freire – São Paulo-SP**
- **Maria Elisiária Vitória-ES**
- **Silvio Pilau Porto Alegre-RS**
- **Vitória Hollo – Rio de Janeiro-RJ**

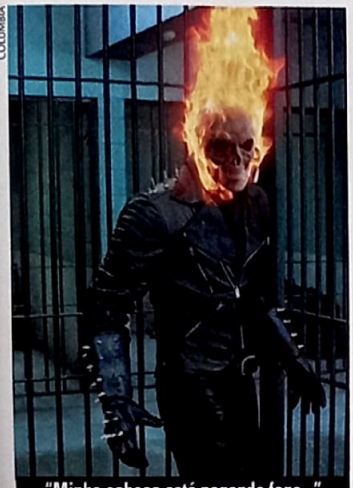
PONTO CRÍTICO

	Alex Xavier Guia do Estadão	Celso Sabadin Cinecclick/Rádio Eldorado	Christian Petermann Guia da Folha/IstoÉ Gente	Ludmila Azevedo Jornal da Tarde	Luiz Z. Oricchio O Estado de São Paulo	Mariane Morisawa Isto É Gente	Miguel Barbieri Veja São Paulo	Odair Braz Jr. Veja São Paulo	Pablo Miyazawa Rolling Stone	Sérgio Rizzo Folha de S. Paulo	SET	MÉDIA
ANTÔNIA	7	8	6	–	7	6	5	–	9	–	7,5	7
CARTAS DE IWO JIMA	8	–	8	–	9	9	7,5	8,5	8,5	9	9	8,5
A CONQUISTA DA HONRA	7	9	7,5	7	9	8	7,5	8	5,5	8,5	9	8
A GRANDE FAMÍLIA	5	7	6,5	4	3	–	6,5	6,5	4	6	6,5	5,5
HOMEM DUPLO	7	3	5,5	8	5	7	6,5	8	7,5	7	8	6,5
PECADOS ÍNTIMOS	8	9	–	–	8	–	7,5	–	9,5	7	8,5	8
À PROCURA DA FELICIDADE	6,5	–	6,5	7	–	6	7,5	–	8	6,5	5	6,5
A RAINHA	8,5	7,5	–	8	7	–	7,5	–	8	8,5	9	8
ROCKY BALBOA	6,5	6	7	–	–	–	7	8	8,5	6	8,5	7
O ÚLTIMO REI DA ESCÓCIA	7,5	7	7	7	5	–	7,5	8,5	8,5	7	8	7,5

vante tem cenas hilárias. A história melhora quando Thornton investe na amada do aluno e uma seqüência de pequenas vinganças se sucede, assim como as gargalhadas. Só assim para manter o nível na média. ***R.SI.***

NOTA: 7

COLUMBIA



"Minha cabeça está pegando fogo..."

MOTOQUEIRO FANTASMA

GHOST RIDER, EUA, 2007. **DE** MARK STEVEN JOHNSON. **COM** NICOLAS CAGE, EVA MENDES, WES BENTLEY, PETER FONDA, DONAL LOGUE. 114 MIN. WWW.SONY.COM/GHOSTRIDER. COLUMBIA. **AÇÃO**

Motoqueiro Fantasma, a mais recente adaptação de um personagem da Marvel para o cinema, é um filme para a molecada. Explica-se: apesar de o personagem ser uma figura trágica e lidar com temas como satanismo, magia negra e condenação eterna ao Inferno, o filme, dirigido por Mark Steven Johnson (*Demolidor*), é seguro para todas as idades. A opção em abrir o leque do público resultou em uma aventura divertida, bacana e até bem-humorada, mas sem intensidade. Johnny Blaze (Nicolas Cage) é um motociclista que vendeu a alma ao diabo para salvar a vida do pai, doente de câncer – este morre, então, num acidente de moto. Afastado de todos que ama, Blaze finalmente tem de pagar ao capeta o que deve quando o filho deste, o demônio Coração Negro, vem à Terra em busca de mil almas condenadas que lhe concederão poder ilimitado: ele torna-se o Motoqueiro Fantasma, que tem o aspecto de um esqueleto flamejante, para cumprir os desígnios de Mefistófeles – ainda que lute para libertar sua alma. Visualmente arrasador (meninos de 12 a 14 anos devem achar o máximo!), *Motoqueiro Fantasma* fica devendo pela trama açucarada, pelas lições de moral descabidas e por um vilão bobão – Wes Bentley, que não assusta nem cachorro depois de apanhar. ***Roberto Sadovski***

NOTA: 6

NORBIT

EUA, 2007. **DE** BRIAN ROBBINS. **COM** EDDIE MURPHY, THANDIE NEWTON, TERRY CREWS, CUBA GOODING JR., EDDIE GRIFFIN. 102 MIN. WWW.MEETNORBIT.COM. PARAMOUNT. **COMÉDIA**

Eddie Murphy poderia marcar uma consulta com o psiquiatra mais caro de Los Angeles. Astro da comédia de potencial ousado e subversivo, Murphy tem um distúrbio de personalidade que o leva a roubar a cena em *Dreamgirls* e aceitar uma comédia boba como *Norbit*. Aqui, ele repete a fórmula do remake de *O Professor Aloprado*, investindo em personagens múltiplos que o escondem debaixo de muita maquiagem. Murphy faz o personagem-título, órfão carente que cresce aterrorizado por uma família de fortões e termina se casando com a mulher da família, uma gorda de 150 quilos também vivida pelo comediante – seu terceiro papel é o do chinês dono do orfanato. Apesar de algumas piadas funcionarem bem, principalmente quando Eddie Murphy usa seu arsenal de preconceitos, *Norbit* desanda num manual previsível de risadas nervosas e personagens secundários mais engraçados que o protagonista. ***R.SI.***

NOTA: 5,5

COLUMBIA

Kirsten Dunst relaxa antes da festa: "Mais para a direita, querida, aí mesmo..."

MARIA ANTONIETA

Sofia Coppola vê a queda da monarquia francesa com olhos falsamente ingênuos

MARIE ANTOINETTE, EUA/FRANÇA/JAPÃO, 2006. **DE** SOFIA COPPOLA. **COM** KIRSTEN DUNST, JASON SCHWARTZMAN, MARIANNE FAITHFULL, RIP TORN. 123 MIN. WWW.MARIEANTOINETTE-MOVIE.COM. COLUMBIA. **DRAMA**

Desde que foi exibido no Festival de Cannes, em maio do ano passado, *Maria Antonieta* está sendo julgado por aquilo que não é. O filme de Sofia Coppola não é uma simples cinebiografia da última rainha da França, historicamente retratada como uma mulher insensível, fútil e frívola. Talvez seja mais o recorte de uma vida, a tentativa de entender a pressão sofrida por uma jovem arrancada do convívio familiar e mergulhada em um mundo completamente estranho para aceder aos caprichos da mãe ávida por poder. Nesse sentido, pode-se dizer que Sofia também está na categoria dos incompreendidos, já que os críticos – os franceses – não compreenderam sua proposta.

Maria Antonieta acompanha a permanência da rainha (Kirsten Dunst) na corte de Versalhes dos 14 aos 30 anos, quando foge da fúria dos camponeses revolucionários. Rodado nas dependências do suntuoso palácio real francês, o filme exibe rigor na reconstituição daquela época. O que dá a sensação de que algumas coisas não se encaixam: o tênis do futuro rei Luís XVI e a trilha sonora dos anos 80. O anacronismo, nesses dois casos, está de acordo com a proposta de Sofia, que é criar um respiro nessa história.

A trilha sonora esconde outra função, esta muito mais subliminar. Composta basicamente por música pop, com ênfase no new romantic, a trilha acompanha o espírito hedonista que rondava a corte francesa. Essa tendência dos anos 80, que teve em grupos como Duran Duran, Bow Wow Wow e outros seus principais representantes, celebrava esse espírito em oposição ao rock clássico e de protesto que prevaleceram nas décadas anteriores. Parece apenas um detalhe, mas a leitura que permite faz toda a diferença. E Sofia sabe disso. ***Alessandro Giannini***

NOTA: 8

LETRA E MÚSICA

Comédia romântica com Drew Barrymore e Hugh Grant faz declaração de amor ao pop

MUSIC & LYRICS, EUA 2006. DE MARC LAWRENCE. COM DREW BARRYMORE, HUGH GRANT, ANDREW WYATT. 104 MIN. MUSICANDLYRICS.WARNERBROS.COM. WARNER. COMÉDIA

Letra e Música tem qualidades de sobra para agradar aos dois tipos de público. O primeiro é o fã de comédia romântica. Alex Fletcher (Hugh Grant, que alterna momentos engraçados com uma interpretação no piloto automático) é um astro decadente da década de 80 que vive de apresentações em reuniões de estudantes na casa dos quarenta e em parques de diversões. A oportunidade bate novamente à porta de Fletcher quando ele recebe a missão de compor um hit para a cantora pop Cora Corman (Haley Bennett). Ele então se une à letrista Sophie Fisher (Drew Barrymore) e os dois descobrem que nasceram um para o outro.

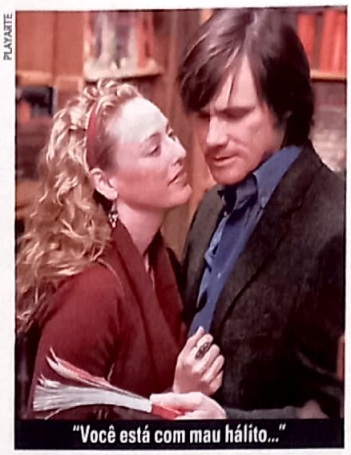
Os aficionados em cultura pop, no entanto, irão amar *Letra e Música* mais do que suas namoradas. Isso porque o filme é uma declaração de amor à música. De cinco em cinco minutos, surgem referências à música e críticas à banalização do pop atual – Cora, a cantora que se diz fã de Alex Fletcher, parece uma combinação piorada (como se isso fosse possível) de Shakira e Avril Lavigne. Há também diversas referências aos anos 80. A banda do Fletcher, Pop, é uma combinação do estilo chique de grupos como Duran Duran – com direito a reboladinhas de Grant – com picaretagens das boy bands inglesas. Um dos projetos futuros de Fletcher era participar do programa *Battle of 80's Has Beens*, onde trocaria socos com os músicos de Flock of Seagulls. Outra curiosidade é que os vocais ficaram a cargo do próprio Grant, que se revelou um cantor bastante razoável. E para você que tentará decifrar os personagens do filme, eis uma dica: um dos responsáveis pela pesquisa musical é Martin Fry, ex-vocalista e líder do grupo ABC. ***Sérgio Martins***

NOTA: 8

WARNER

Drew Barrymore e Hugh Grant: "Nem vem, que eu conheço sua fama..."

PLAYARTE



"Você está com mau hálito..."

NÚMERO 23

NUMBER 23, EUA, 2007. DE JOEL SCHUMACHER. COM JIM CARREY, VIRGINIA MADSEN, LOGAN LERMAN. 95 MIN. WWW.NUMBER23MOVIE.COM. PLAYARTE. SUSPENSE

O suspensão *Número 23*, dirigido por Joel Schumacher, mistura a obsessão e o lado dark de Jim Carrey. Explico: ele é Walter, homem pacato que leva uma vida dessas certinhas de subúrbio americano, é casado com uma confeiteira (Virginia Madsen) e tem um filho adolescente. Aí, começa a ler um livro chamado *O Número 23* e percebe que a trama é assustadoramente parecida com a sua vida. Mas o protagonista da obra, um detetive tatuado (também vivido por Carrey), mata sua amante (também vivida por Madsen). Walter precisa descobrir o mistério que o livro esconde para evitar o que imagina ser o final de sua história, ele matando sua mulher. Carrey impressiona com uma ótima atuação e duas ou três cenas de sexo. Mas o filme irrita um pouco. Podia ser mais bacana se não forçasse tanto para colocar o número em toda cena. ***Teté Ribeiro***

NOTA: 6

OS 12 TRABALHOS

BRASIL, 2006. DE RICARDO ELIAS. COM SIDNEY SANTIAGO, FLAVIO BAURAQUI, VERA MANCINI, VANESSA GIÁCOMO. 90 MIN. OS12TRABALHOS.UOL.COM.BR. CALIFÓRNIA. DRAMA

Ricardo Elias surgiu em 2004 com o singelo *De Passagem*, sua estréia na direção de longas-metragens de ficção. Ele retorna com *Os 12 Trabalhos*, mais ambicioso que o primeiro, tanto do ponto de vista estético como de conteúdo. Elias faz uma releitura contemporânea do mito de Hércules/Heracles, o deus da força e as doze tarefas que foi obrigado a realizar para demonstrar o poder de sua força. No filme, o jovem cineasta transforma o poderoso deus greco-romano em um jovem motoboy, cuja provação, no primeiro dia de trabalho, é fazer doze entregas, apenas para provar que merece a vaga. Bem narrado, o longa trata os personagens com dignidade, sem transformá-los em anjos de candura. ***A.Gn.***

NOTA: 7

SIMONE EZAKI

Bauraqui e Santiago: "Não encosta muito..."

PEGAR E LARGAR

CATCH AND RELEASE, EUA, 2006. DE SUSANNAH GRANT. COM JENNIFER GARNER, TIMOTHY OLYPHANT, KEVIN SMITH, JULIETTE LEWIS. 124 MIN. WWW.SONYPICTURES.COM/MOVIES/CATCHANDRELEASE. COLUMBIA. COMÉDIA

A roteirista Susannah Grant (*Erin Brockovich, Em Seu Lugar*) estréia na direção com uma comédia que marca a volta de Jennifer Garner. Susannah não tem intimidade com o gênero e arranca apenas sorrisos amarelos. Já Jennifer tem mais talento para os tipos atléticos que viveu na série *Alias* e nos filmes *Demolidor* e *Elektra*. Após a morte do noivo, sua personagem encontra conforto na companhia de amigos dele. Aos poucos, porém, descobre os segredos do amado. Decepcionada, envolve-se com um playboy que julgava não prestar. O restante é previsível e enfadonho. ***Suzana Uchôa Itiberê***

NOTA: 5

Pesquisa SET

PARCERIA
e IBOPE

OS 50 PRIMEIROS LEITORES QUE RESPONDEREM A PESQUISA COMPLETA GANHARÃO ESTE KIT COM 3 FILMES

A LENDA DO ZORRO - MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA - O CÓDIGO DA VINCI EDIÇÃO DUPLA ESTENDIDA

DISTRIBUIDOS PELA SONY PICTURES HOME ENTERTAINMENT

Para participar basta acessar o site www.setonline.com.br a partir de 05 de março de 2007 - 14hs, se cadastrar e responder todas as perguntas.

w.setonline.com

NOTAS SOBRE UM ESCÂNDALO

Judi Dench e Cate Blanchett duelam em papéis fortes e tiram o melhor proveito do roteiro de Patrick Marber

NOTES ON A SCANDAL, INGLATERRA, 2006. DE RICHARD EYRE. COM JUDI DENCH, CATE BLANCHETT, BILL NIGHY, ANDREW SIMPSON. 92 MIN. WWW.FOXSEARCHLIGHT.COM/NOTESONASCANDAL/. FOX. **DRAMA**

FOX

Dame Judi Dench e Cate Blanchett: briga de "cachorras" grandes

O drama de suspense *Notas sobre Um Escândalo* tem meros 92 minutos de duração, e neles estão concentrados com rara economia e clareza toda a tensão da trama. O roteirista e dramaturgo Patrick Marber (*Closer – Perto Demais*), ao partir do romance de Zoë Heller *What Was She Thinking: Notes on a Scandal*, transformou os registros subjetivos da protagonista, a veterana professora Barbara Covett (Judi Dench), numa narração em off na forma de diário. Com essa complexa personagem, construiu-se um registro impiedoso da solidão. Barbara, possivelmente virgem e de perturbada orientação homossexual, é uma anti-heroína trágica e punitiva. A grande Dench volta a render maravilhas nas mãos do cineasta Richard Eyre, com quem trabalhou em *Iris* (2001), no qual interpretou a escritora Iris Murdoch.

Mas este filme não conta a história de apenas uma obsessão, a de Barbara por encontrar uma companheira. Ela só tem a gata Portia. O enredo testemunha também a obsessão da jovem e novata professora Sheba Hart (Cate Blanchett), casada com um homem mais velho, mãe de uma pré-adolescente e de um garoto portador de síndrome de Down. Sheba envolve-se com um de seus alunos, o adolescente Steven (Andrew Simpson). O deslize moral desta será a chave ao poder de manipulação para a outra.

Assiste-se aqui a um fantástico duelo de atrizes, com direito até a um Bill Nighy (de *Anjos da Noite 1 e 2* e *Piratas do Caribe 2 e 3*) longe da caricatura, num longa de consistência narrativa e psicológica que honra a tradição da clássica dramaturgia britânica. Inglês na essência, em seus valores morais rígidos e desejos reprimidos, o filme encontra ainda ressonância na trilha sonora de tonalidades angustiantes do sempre minimalista Philip Glass. Com justas três indicações para o Oscar (atriz, atriz coadjuvante e roteiro adaptado), é drama para espectador de refinado senso de humor. ***Christian Petermann***

NOTA: 8

UM AMOR ALÉM DO MURO

DER ROTE KAKADU, ALEMANHA, 2006. DE DOMINIK GRAF. COM MAX RIEMELT, JESSICA SCHWARZ, RONALD ZEHRFELD. 128 MIN. WWW.ROTERKAKADU.BE. ARTFILMES. **DRAMA**

ARTFILMES

"Descendo a rua Augusta a 120 km por hora"

No verão de 1961, poucas semanas antes da construção do Muro de Berlim, a boate Cacatua Vermelha vira o ponto de encontro da juventude alemã que amava o rock-and-roll e resistia ao avanço da cultura doutrinária e protecionista dos comunistas. Enquanto as forças revolucionárias iniciam uma onda de repressão, o cenógrafo Siggi apaixona-se pela poetisa Luise, que por sua vez é casada com o mulherengo Wolle. O triângulo amoroso é apenas um dos focos desse drama alemão que ainda aborda questões como contrabando e censura, e cresce na medida em que a situação política interfere no romance. A trama tem o mesmo tom saudosista de *Adeus, Lênin!* na forma como resgata uma inocência que se perderia em breve –, mas ressente-se de uma contextualização histórica mais clara, principalmente para o público internacional. ***S.U.I.***

NOTA: 7

OUTRAS ESTRÉIAS

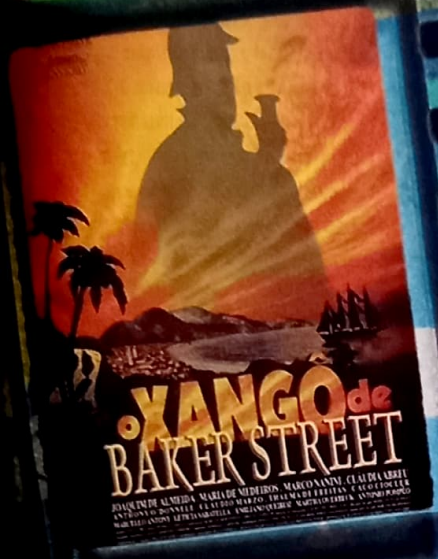
• ***ATIRADOR*** – Mark Wahlberg está de volta à telona, desta vez do outro lado do balcão. Ele faz um atirador profissional, que cai numa armadilha quando retoma suas atividades. A direção do filme é de Antoine Fuqua, o mesmo da malfadada versão de *Rei Arthur*.

• ***CAIXA DOIS*** – Midas atual do cinema brasileiro, Daniel Filho recorre ao teatro popular de Juca de Oliveira para tentar mais um sucesso no seu currículo. Cássio Gabus Mendes, Daniel Dantas e Giovana Antonelli estão no elenco dessa comédia de erros.

• ***PONTE PARA TERABÍTIA*** – Na onda de filmes adaptados de best-sellers infanto-juvenis, esta nova tentativa de franquia está cercada de mistérios. Adaptado do romance de mesmo nome de Katherine Peterson, o longa conta a história de um menino que acorda de um sonho e mergulha num mundo onírico.

• ***A PELE*** – Nicole Kidman escureceu os cabelos para interpretar Diane Arbus (1923-1971), premiada fotógrafa americana. De tanto encarar, por meio de suas lentes, a miséria, ela acabou se matando. O elenco traz também Robert Downey Jr.

PLAYARTE



EM MARÇO VOCÊ VAI REDESCOBRIR O BRASIL

DESMUNDO
4 de março 00h45

O XANGÔ DE BAKER STREET
11 de março 00h15

CARANDIRU
18 de março 00h45

BICHO DE SETE CABEÇAS
25 de março 01h00

O MELHOR DO CINEMA NACIONAL ACONTECE NA **TNT**.

TNT

TNT.COM.BR

FOCUS

Aula de matemática: "Vamos, Jessica, quantos dedos têm na minha mão?"

O ILUSIONISTA*

Edward Norton hipnotiza o público em filme com atmosfera sombria e que flerta o tempo todo com o sobrenatural *Por Roberto Pujol*

THE ILLUSIONIST, EUA, 2006. DE NEIL BURGER. COM EDWARD NORTON, PAUL GIAMATTI, JESSICA BIEL. 110 MIN. DVD FOCUS. **DRAMA**

Acontece a cada temporada no cinema americano: dois ou mais filmes com temas semelhantes (coincidência ou falta de criatividade do pessoal em Hollywood?), produzidos e lançados quase simultaneamente, ficam sob a mira de comparações por parte do público e da crítica. Inevitáveis, é verdade, mas muitas vezes injustas e inoportunas. No ano passado, o universo dos mágicos serviu de inspiração para *O Ilusionista*, segundo longa-metragem de Neil Burger, e *O Grande Truque*, de Christopher Nolan. Neste caso, sobraram elogios para ambos e não houve nenhum tipo de polêmica. O primeiro oferece ao espectador uma elegante e envolvente trama de romance, mistério e assassinato, inspirada no conto do americano Steven Millhauser, premiado com o Pulitzer pelo romance *Martin Dressler: the Tale of an American Dreamer*, publicado em 1997. O papel-título é feito pelo ótimo e perfeccionista Edward Norton, que chegou a ter aulas particulares com um profissional do ramo para interpretar o mago Eisenheim. Celebridade na Europa do século 19, ele volta a sua Viena no meio de uma turnê de sucesso, mais interessado em rever e reconquistar sua antiga paixão (Jessica Biel, classuda da cabeça aos pés), de quem foi separado de maneira traumática na adolescência. Durante o processo, bate de frente com o noivo da moça (Rufus Sewell), vingativo e ambicioso príncipe que planeja passar por cima do pai e ascender ao trono. Ciumento, também não engole as façanhas do mágico e rebola para desmascará-lo. O quarto personagem importante do enredo é de Paul Giamatti: o chefe de polícia corrupto a serviço do vilão, que acaba intermediando essa rivalidade que só cresce ao longo do filme. É um tipo dúbio e, por isso, atraente. Ao mesmo tempo em que se mantém fiel ao príncipe, não consegue esconder a admiração e fascinação que tem pelo mágico e sua arte. No final, será uma peça-chave na resolução da trama. Com a colaboração inestimável de Phillip Glass, autor da trilha sonora repetitiva e hipnótica, e da bela fotografia em tons pastel de Dick Pope, indicado para o Oscar, Burger cria uma atmosfera sombria e absorvente que flerta o tempo todo com o sobrenatural. Paralelamente, insere elementos políticos, sociais e psicanalíticos ao contexto. O resultado é tão bom, que dá vontade de conhecer o primeiro longa-metragem do cineasta, *Interview with the Assassin* (2002), um elogiado falso documentário sobre um homem que jura ter participado do assassinato de John Kennedy. Alguma distribuidora se prontifica?

FILME: 8,5 EXTRAS: N.A.

DEU A LOUCA NA CHAPEUZINHO

HOODWINKED!, EUA, 2005. DE CORY EDWARDS. COM AS VOZES DE ANNE HATHAWAY, GLENN CLOSE. 80 MIN. DVD/VHS EUROPA. **ANIMAÇÃO**

Essa é uma daquelas produções que tentam agradar a adultos e às crianças e não conseguem conquistar ninguém. A parte técnica não é das melhores, a começar pela falta de expressão de todos os personagens. As poucas piadas razoáveis do longa são "inspiradas" em clássicos dos Looney Tunes e do Pica-Pau (a Vovó moderninha que curte uma gafieira, por exemplo) e há ainda as já batidas "homenagens" a *Star Wars* e *Matrix*. Mas o maior crime da animação é a alusão a drogas totalmente inapropriada – Chapeuzinho e a Vovozinha seriam traficantes de doces (!). A história? Roubos sucessivos de receitas de doces apontam para a garota do capuz vermelho e sua avó. Porém, após um qüiproquó na casa da velhinha, descobre-se que o Lobo Mau e o Lenhador podem estar envolvidos no caso. Os quatro acusados, então, contam suas versões da história até descobrirem quem é o verdadeiro culpado. Pior é que haverá uma seqüência. ***Marcelo Del Greco***

FILME: 3 EXTRAS: N.A.

EUROPA

Chapeuzinho: traficante de doces

UM BOM ANO*

A GOOD YEAR, EUA, 2006. DE RIDLEY SCOTT. COM RUSSELL CROWE, ALBERT FINNEY. 118 MIN. DVD/VHS FOX. **COMÉDIA**

Quem diria que o diretor de *Cruzada* e *Gladiador* também tem seu lado desencanado. Pois essa comédia romântica nada mais é que puro escapismo. Amantes de vinhos e da região francesa de Provence, o escritor Peter Mayle e o amigo Ridley Scott uniram-se para criar a trama na qual Russell Crowe é um executivo londrino ambicioso e insensível. A morte de um tio (Albert Finney, genial) leva-o até a uma vinícola em Provence, onde passava as férias quando criança. Lá, ele vai se apaixonar e se redescobrir. Clichê? Sim. Mas às vezes cinema cartão-postal faz tão bem. ***S.U.I.***

FILME: 7,5 EXTRAS: N.A.

FOX

Crowe: lado romântico

PRINCESA AURORA*

ORORA GONGJU, CORÉIA DO SUL, 2005. DE BANG EUN-JIN. COM EOM JEONG-HWA. 106 MIN. DVD VISUAL FILMES. **SUSPENSE**

O diretor sul-coreano Park Chan-Wook, autor da badalada trilogia sobre vingança, está fazendo escola. Seu compatriota Bang Eun-jin escolheu o mesmo tema para construir este suspense violento, centrado numa investigação de assassinatos em série que mobiliza a polícia de Seul. O motivo dos crimes (a morte brutal de uma garotinha) e a identidade do criminoso logo são revelados, mas o cineasta estreante esconde algumas informações vitais que só vêm à tona na parte final. Um bom exemplar do gênero, com um toque de Brian de Palma e sem os piores clichês do cinema americano. Já está bom demais. ***R.P.***

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

O ANO EM QUE OS MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS*

O diretor Cao Hamburger mostra o Brasil dos anos 70 através dos olhos de uma criança

BUENA VISTA

Craque: Joelsas prepara as malas rumo ao Real Madrid

BRASIL, 2006. DE CAO HAMBURGER. COM MICHEL JOELSAS, GERMANO HAIUT, DANIELA PIEPSZYK, CAIO BLAT. 110 MIN. DVD/VHS BUENA VISTA. **DRAMA**

Examinar um período duro da história pelos olhos de uma criança é uma idéia que tem rendido belos filmes. Exemplo recente: *O Labirinto do Fauno* e seu retrato do fascismo. E, mais distante, o Holocausto em *Império do Sol*. Agora, *O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias* traz a visão dos nossos "anos de chumbo". Na disputa pelo Urso de Ouro no último Festival de Berlim, o cineasta Cao Hamburger poderia ter enveredado para a panfletagem política – principalmente pela história ter ecos autobiográficos, pois seus pais foram presos durante o regime. Em vez disso, ele se deixa embeber por uma verve inocente, fruto dos tempos em que dirigiu a série e o longa-metragem *Castelo Rá-Tim-Bum*, e brinda seu filme com uma poesia que faz recordar *Cinema Paradiso*. No Brasil de 1970, o garoto Mauro é deixado no apartamento do avô, no bairro paulista do Bom Retiro. Não imagina que as férias repentinas dos pais sejam uma questão de sobrevivência. Naquele antigo reduto de imigran-tes judeus, Mauro alterna a euforia dos jogos da seleção, campeã na Copa do México, e a tristeza pela falta de notícias. Também faz novos amigos – a vizinha Hanna e seu sangue empreendedor roubam a cena. Ao fundo, a repressão está lá, firme, como uma sombra que alcança, inclusive, quem nem desconfia ser uma vítima. ***Suzana Uchôa Itiberê***

FILME: 8 EXTRAS: N.A.

* EXCLUSIVO PARA LOCAÇÃO

SONY

Penn: interpretação exagerada e quase caricata

A GRANDE ILUSÃO*

Elenco de estrelas readapta clássico de 1946

ALL THE KING'S MEN, EUA, 2006. DE STEVE ZAILLIAN. COM SEAN PENN, JUDE LAW, KATE WINSLET, JAMES GANDOLFINI, MARK RUFFALO, PATRICIA CLARKSON, ANTHONY HOPKINS. 128 MIN. DVD SONY. DRAMA

Um dos maiores fracassos (de público e crítica) do ano passado no cinema americano, *A Grande Ilusão* pode se revelar uma surpresa. Nova adaptação para a tela grande de *All the King's Men* (1946), romance de Robert Penn Warren, o filme de Steve Zaillian faz uma crítica ao populismo que campeou na política americana após a Segunda Guerra Mundial. Inspirado na história de Huey P. Long, lendário governador da Louisiana, o longa narra a saga de Willy Stark (Sean Penn), advogado do interior que tenta combater a oligarquia local, mas sempre tropeça no poder e na força bruta dos poderosos. Até ser cooptado pelos próprios inimigos, que usam sua eloqüência e a identificação com a população humilde para conduzi-lo ao poder, situação na qual ele descarta a posição de marionete e se transforma em um político pragmático, manipulador e quase beirando o fascista.

É bem verdade que Penn exagera na dose, transformando um personagem folclórico em uma quase caricatura. Talvez seja uma maneira de fortalecer a crítica em torno da realidade que os americanos vivem hoje. Mas entender isso seria demais para a média (de público e crítica) ianque, acostumada a um didatismo que se aproxima do tatibitate. Zaillian pode não ser gênio, mas ao negar a primeira adaptação do romance para o cinema, feita por Robert Rossen em 1949, procurou ser o mais fiel possível ao espírito crítico de Penn Warren. O que não é pouco.

Alessandro Giannini

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

ATAQUE INERTE

Ator e diretor defendem escolhas no longa

Quase todo filmado na Louisiana, *A Grande Ilusão* foi terminado pouco antes da passagem do furacão Katrina por Nova Orleans. Por isso, Sean Penn voltou para ajudar no rescaldo e nos trabalhos de resgate. E a pré-estréia mundial do filme, um ano depois, foi realizada na Universidade de Tulane, com a presença de quase todo o elenco. Além de Penn, estavam presentes o diretor Steve Zaillian, Jude Law, Kate Winslet, Patricia Clarkson, James Gandolfini e Jackie Earle Haley. A seguir, o protagonista e Zaillian falam sobre suas impressões acerca do personagem e suas escolhas.

É verdade que o senhor aconselhou os atores a não buscarem referências na versão de 1949, dirigida por Robert Rossen e premiada com três Oscar?

Steve Zaillian – É verdade. Nunca assisti ao filme de Rossen, mas foi por falta de oportunidade. E sugeri aos atores que evitassem buscar referências que não fossem as do livro de Robert Penn Warren. Não queria fazer a refilmagem de um filme clássico, mas a adaptação de um romance clássico.

De qualquer forma, se comparados, os dois filmes têm estruturas e andamentos bastante diferentes. O de Rossen é muito mais linear, enquanto esta versão parece dar saltos no tempo.

S.Z. – Sim, porque adotamos a estrutura narrativa do romance, cuja história é contada por Jack (Jude Law). Por isso, essa sensação.

Existe um cuidado extremo com a fotografia, assinada por Pawel Edelman. Qual o conceito?

S.Z. – Pedi a Pawel uma fotografia que remetesse ao período, entre o fim dos anos 40 e o início dos anos 50. Ele sugeriu tirar o peso das cores e aumentar o contraste, criando assim uma espécie de versão cinematográfica do "chiaro scuro", usado pelos pintores renascentistas nos seus quadros.

Logo após o furacão Katrina, você foi uma das primeiras celebridades a desembarcarem em Nova Orleans para ajudar no resgate. Por que decidiu fazer isso?

Sean Penn – Tinha de decidir entre voltar para cá ou ficar em casa vendo a tragédia pela televisão. Depois de alguns dias, ficou claro que não havia um esforço real para ajudar como se deveria. Refiro-me ao governo. Fui apenas mais um entre muitos civis que se mobilizaram para fazer algo.

Qual sua leitura do filme? Acha que tem ligações com o que os Estados Unidos vivem hoje?

S.P. – O filme discute a corrupção na política. Como um governador que tenta trabalhar para o povo, sem interesses, deve lutar contra a corrupção.

Já se imaginou na política?

S.P. – Não me imagino envolvido com nada que tenha a ver com política. Menos ainda como governador.

SONY

Penn e Steve Zaillian: "Esta câmera, não sei, não..."

VOLVER*

A visão do universo feminino pela ótica de Pedro Almodóvar

ESPANHA, 2006. DE PEDRO ALMODÓVAR. COM PENÉLOPE CRUZ, CARMEN MAURA, LOLA DUEÑAS, BLANCA PORTILLO. 121 MIN. DVD/VHS FOX. DRAMA

Nos últimos tempos, os filmes de Pedro Almodóvar enveredaram por um hermetismo que dificultou sua assimilação por parte do grande público. Mesmo que isso não o tenha deixado em apuros com os fãs hardcore, tal postura dificultou o acesso de novos admiradores a sua obra – de repente, Almodóvar virou um fenômeno de "tribos" ou nichos sociais específicos. *Volver* retoma o discurso mais aberto de suas primeiras produções, assim como temáticas que lhe eram caras nos anos 80 e 90 – especialmente, sua retratação peculiar do universo feminino.

A condução da trama ampara-se, basicamente, nas histórias de duas irmãs, Raimunda e Sole (Penélope Cruz e Lola Dueñas), que mantêm uma cumplicidade poderosa motivada pela morte da mãe, ocorrida há alguns anos. O súbito reaparecimento da matriarca gera um cômputo de situações engraçadas, mas também permite a Almodóvar refletir sobre a força e a gravidade do arquétipo materno. Pode-se argumentar que outros "vícios" do diretor – estes, passíveis de crítica menos condescendente – continuam a se manifestar em *Volver*: os homens ainda são retratados de forma caricata, mas, para curtir esse universo fascinante, é preciso adotar a ótica de seu criador e ver as coisas como ele as vê. Via de regra, o saldo é uma "viagem" que apela diretamente a nossa humanidade. Um Almodóvar "da gema" para todo mundo ver. ***Eduardo Torelli***

FILME: 8 EXTRAS: N.A.

FOX

Penélope: recuperando o talento escondido

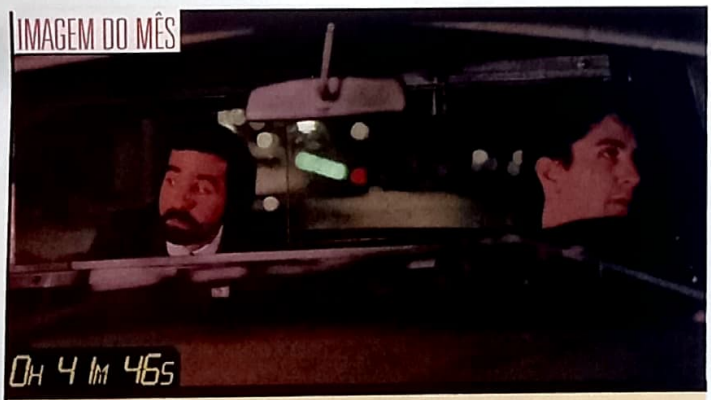
O DESERTO VERMELHO*

IL DESERTO ROSSO, ITÁLIA/FRANÇA, 1964. DE MICHELANGELO ANTONIONI. COM MONICA VITTI. 114 MIN. DVD VERSÁTIL. DRAMA

A destruição da camada de ozônio não era um tema freqüente na mídia quando Michelangelo Antonioni fez este longa laureado com o Leão de Ouro do Festival de Veneza. No entanto, o melhor do filme é justamente a visão que ele oferece da poluição industrial, por meio de imagens extraordinárias em suas cores, restauradas com brilho notável nesta versão. Toda aquela parte inicial em Ravena, onde se passa a história, vale mais que qualquer discurso sobre o aquecimento global. O cineasta não cai na tentação de fazer proselitismo a respeito, apenas apoia-se na sua peculiar estética. Já os problemas mentais de Giuliana (Monica Vitti), sua relação com o engenheiro Zeller (Richard Harris, apático), hoje ressoam envelhecidos, sem força. Nos extras do DVD, um fascinante cine-jornal da época e uma oportuna entrevista com Antonioni. ***Alfredo Sternheim***

FILME: 7,5 EXTRAS: 9

IMAGEM DO MÊS



REPRODUÇÃO

CONDUZINDO MR. SCORSESE

O diretor Martin Scorsese já apareceu em inúmeras pontas em seus filmes, mas em *Taxi Driver*, ele teve uma das melhores oportunidades na pele do marido traído que faz o motorista Robert De Niro ser sua testemunha. Uma interpretação bastante convincente, diga-se de passagem.

Se você souber de alguma cena ou curiosidade vista em algum filme lançado em DVD, envie um e-mail para ricardo.matsumoto@edpeixes.com.br ou envie uma carta para Caixa Postal 27020, CEP 04007-990 São Paulo - SP, escrevendo no envelope SEÇÃO CINEMA EM CASA.

ANJOS DA VIDA – MAIS BRAVOS QUE O MAR*

THE GUARDIAN, EUA, 2006. DE ANDREW DAVIS. COM KEVIN COSTNER, ASHTON KUTCHER, SELA WARD. 136 MIN. DVD/VHS BUENA VISTA. DRAMA

Há cenas vibrantes de salvamento em alto-mar neste filme sobre nadadores de resgate da Guarda Costeira. Kevin Costner está bem como um oficial lendário, mas traumatizado por um fracasso, que vai formar nova equipe de mergulhadores. Ashton Kutcher vive o talentoso-arrogante-de-passado-obscuro. A relação mestre-pupilo não rende, embora o treinamento na água se destaque entre tantos filmes do gênero. O que poderia ser um programa agradável vira um estorvo pela presunção do diretor Andrew Davis (*O Fugitivo*), que enrola mais de duas horas com uma história que se bastava nas seqüências de aventura. ***S.U.I.***

FILME: 6 EXTRAS: N.A.

BUENA VISTA

Ashton: resgate longo demais

* EXCLUSIVO PARA LOCAÇÃO

PARAMOUNT

Hugh Jackman tenta provar que não é um rato

POR ÁGUA ABAIXO *

A computação gráfica ganha jeitão de animação quadro-a-quadro nesta divertida aventura

FLUSHED AWAY, EUA/INGLATERRA, 2006. DE DAVID BOWERS E SAM FELL. COM AS VOZES DE HUGH JACKMAN, KATE WINSLET, IAN MCKELLEN, JEAN RENO, BILL NIGHY. 90 MIN. DVD/VHS PARAMOUNT. ANIMAÇÃO

Todos sabiam que a primeira investida dos estúdios Aardman na computação gráfica – depois de quase trinta anos usando o estilo quadro-a-quadro – era um tremendo risco. Apesar de manter a estética que consagrou produções como *A Fuga das Galinhas*, havia o medo de que os fãs não aceitassem essa modernização. Além do mais, era um projeto bastante ambicioso. *Por Água Abaixo* não foi apenas uma superprodução com elenco estelar de dubladores – Hugh Jackman e Kate Winslet, só para citar alguns –, mas tornou-se o desenho animado digital mais caro de todos os tempos (para ter uma idéia, ele custou cerca de 150 milhões de dólares, o dobro de *Shrek 2*). O filme faturou cerca de 170 milhões nas bilheterias mundiais, bem abaixo das expectativas. Deixando de lado a problemática das cifras, a produção mantém o padrão de qualidade esperada da Aardman e da DreamWorks. Tem ritmo, boas piadas e é visualmente impecável. Roddy (Jackman) é o rato de estimação de uma família rica. Solitário, ele é enganado por um invasor e vai parar no esgoto, onde descobre um mundo novo. Lá encontra acidentalmente a aventureira Rita (Kate) e uma galeria de personagens hilariantes como o sapo francês Le Frog (ou Le Rã, na versão brasileira), dublada por Jean Reno. O DVD oferece menus animados bem elaborados, comentário em áudio dos diretores, especiais com entrevistas com o elenco, sobre as músicas e bom material interativo para a garotada, com jogos e clipes – os melhores estrelados pelas lesmas. A dublagem nacional também é um dos pontos altos.

Ricardo Matsumoto

FILME: 8,5 EXTRAS: 8

JACKASS – CARA-DE-PAU 2*

JACKASS NUMBER 2, EUA, 2006. DE JEFF TREMAINE. COM JOHNNY KNOXVILLE, STEVE-O, BAM MARGERA, CHRIS PONTIUS, WEE MAN. 95 MIN. DVD/VHS PARAMOUNT. COMÉDIA

Mesmo depois de três temporadas na TV e um longa para os cinemas, Johnny Knoxville e sua turma continuam em plena forma e prontos para desafiar as leis da gravidade, o bom gosto e a própria morte. Em *Jackass 2* não há cenas antológicas como no primeiro. Por outro lado, as "pegadinhas" são muito mais radicais. Os destaques são a isca humana de tubarão, a extração de sêmen de cavalo, a concepção da barba falsa do homem-bomba, o uso do banheiro da casa de bonecas e a maneira diferente de tomar cerveja. Os extras são uma atração à parte e até contam com a participação de Luke Wilson. Obrigatório ainda é conferir *Jackass 2* em português, com hilariante dublagem à *Team America* (lançado também pela Paramount). Só não se esqueça de, quando assistir ao filme, deixar um saquinho ou balde próximo. Só por garantia. ***M.D.G.***

FILME: 8 EXTRAS: 10

PARAMOUNT

Knoxville: brincadeiras mortais

IDIOCRACY*

EUA, 2006. DE MIKE JUDGE. COM LUKE WILSON, MAYA RUDOLPH. 84 MIN. DVD/VHS FOX. COMÉDIA

É uma pena que este projeto de Mike Judge (o criador de *Beavis & Butt-Head* e diretor do excelente *Como Enlouquecer Seu Chefe*) tenha ficado na gaveta tanto tempo. Filmado em 2004, *Idiocracy* acabou sendo lançado no final do ano passado em pouquíssimas salas e foi sumariamente ignorado pelo público. Agora é a chance de ver essa comédia impagável. Soldado americano (Luke Wilson) e prostituta (Maya Rudolph) são congelados como parte de um experimento militar e, depois do fim do projeto, só acordam no século 26. Descobrem então que os humanos viraram completos idiotas e que a sociedade se tornou uma baderna total. O filme cai um pouco na segunda metade, mas as piadas são de uma realidade assustadora. O futuro pode ser sombrio. ***R.M.***

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

IMAGEM

Soltando a voz: despedida de Altman

A ÚLTIMA NOITE*

A PRAIRIE HOME COMPANION, EUA, 2006. DE ROBERT ALTMAN. COM MERYL STREEP, WOODY HARRELSON, KEVIN KLINE. 105 MIN. DVD/VHS IMAGEM. COMÉDIA

Robert Altman parece ter antevisto sua morte, ocorrida no ano passado. Porque não há epílogo mais oportuno para sua carreira que *A Última Noite*. Inspirado em um programa de rádio gravado ao vivo, e comandado há trinta anos por Garrison Keillor (que faz a si mesmo), Altman cria o que seria o derradeiro show da banda. O clima é de improviso e astros como Meryl Streep e Woody Harrelson soltam a voz. Há um *pot-pourri* de pequenos dramas pessoais e o diretor sabe como ninguém torná-los universais. O que ele faz de melhor, porém, é pintar um painel otimista do fim – do espetáculo ou, nas entrelinhas, da própria vida. ***S.U.I.***

FILME: 7,5 EXTRAS: N.A.

O HOMEM QUE NÃO VENDEU SUA ALMA

A MAN FOR ALL SEASONS, EUA, 1966. DE FRED ZINNEMANN. COM PAUL SCOFIELD, ROBERT SHAW, ORSON WELLES, LEO MCKERN. 118. MIN. DVD SONY. DRAMA

O título brasileiro desta produção que ganhou seis Oscar, inclusive o de melhor filme, já diz tudo sobre o personagem central, Sir Thomas Moore (Paul Scofield, também laureado com o Oscar). Ele não transige na sua negativa em apoiar Henrique VIII da Inglaterra (Robert Shaw) quando este decide se casar com Ana Bolena (Vanessa Redgrave em uma ponta). Isso por que o Vaticano não havia oficializado o fim do matrimônio anterior do rei. Centralizado nas pressões sofridas por Moore, o histórico episódio traz o tema mais freqüente na filmografia de Fred Zinnemann: o apego aos princípios. Assim como o xerife de *Matar ou Morrer* ou as heroínas de *Julia*, Moore é determinado e fiel a sua crença, mesmo que essa postura gere pesada solidão. Leal ao seu passado de documentarista e sempre utilizando uma linguagem construída com rigor que jamais empana o conteúdo e a emoção, Zinnemann confirma-se aqui como o grande cineasta da ética. *A.S.*

FILME: 9 EXTRAS: N.A.

ADRENALINA*

CRANK, EUA, 2006. DE MARK NEVELDINE E BRIAN TAYLOR. COM JASON STATHAM, AMY SMART. 87 MIN. DVD/VHS CALIFÓRNIA. AÇÃO

Jason Statham tem cumprido bem o papel de "herói de ação" em filmes de baixo orçamento. Com o sucesso do divertido *Carga Explosiva* e sua continuação, ele mostrou não tem medo de fazer papéis dignos da era "Chuck Norris", com muita cara feia e pouco papo. Em *Adrenalina*, Statham é um matador profissional que é envenenado logo no início do filme. Sua única chance para continuar vivo até encontrar os responsáveis pelo seu assassinato é manter sua taxa de adrenalina alta. Com edição MTV e ângulos de câmera inusitados, o longa é uma diversão sem compromisso. Basta entrar no clima para curtir o ritmo alucinante. *R.M.*

CALIFÓRNIA

Statham: vivo, mas nem tanto

FILME: 7,5 EXTRAS: N.A.

EXILADOS*

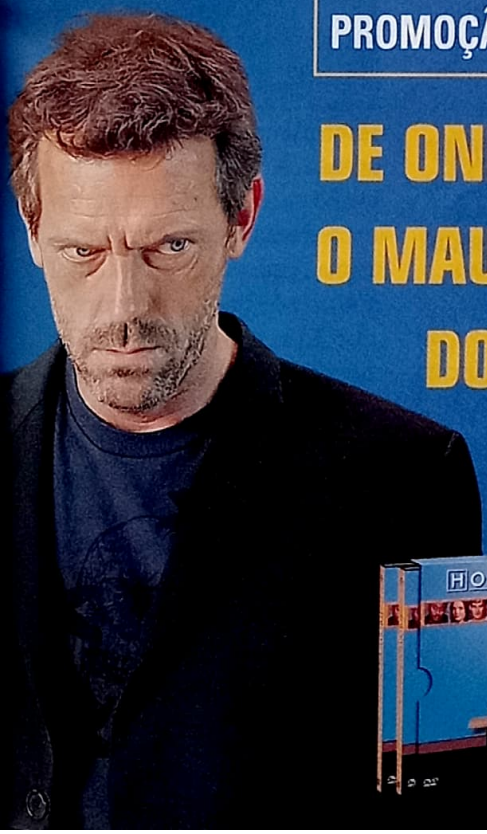
FONGCHUK, HONG KONG, 2005. DE JOHNNY TO. COM ANTHONY WONG, FRANCIS NG, NICK CHEUNG, SIMON YAM, JOSIE HO. 108 MIN. DVD FLASHSTAR. AÇÃO

Logo depois de passar feito um furacão pelos cinemas, o ótimo *Eleição* vem seguido de *Exilados*, lançado exclusivamente em versão caseira. Ainda estamos defasados em relação aos trabalhos de Johnny To lançados no circuito asiático, mas até agora sem um filme que o desabone. Neste, ele conta a história de cinco velhos gângsteres, que se reúnem em Macau para dar o último golpe de suas carreiras. A principal referência de gênero é o faroeste e de filmes são inúmeros, a começar por Sergio Leone (*Era Uma Vez no Oeste*) e John Sturges (*Sete Homens e Um Destino*). O que To tem é uma habilidade absurda para lidar com as imagens, num registro muito mais moderno, renovador e revigorante. Vale a visita. *A.Gn.*

FLASHSTAR

Faroeste moderno ao estilo chinês

FILME: 8 EXTRAS: N.A.



PROMOÇÃO HOUSE

DE ONDE VEM O MAU HUMOR DO DOUTOR HOUSE?

JUSTIFIQUE A RESPOSTA E CONCORRA À KITS COM A PRIMEIRA E A SEGUNDA TEMPORADA EM DVD

REGULAMENTO:
1. Participação: 1.1 - O premiado será o autor da criação. 1.2 - Só terão direito aos prêmios as cartas com todos os dados do autor (nome, endereço completo e e-mail quando houver) preenchidos de forma legível, com letras de fôrma ou impressa, enviadas pelo correio para Caixa Postal 27.020 — CEP 04007-990 - São Paulo, pelo e-mail: promoset@edpeixes.com.br 1.3 - Ou pessoalmente na Rua Helena, 260, 4º andar - Vila Olímpia - São Paulo; até o dia 05/04/2007. 2. Critérios: 2.1 - Para participar, o concorrente deverá enviar pelo e-mail de Promoções da revista SET, utilizando no máximo 05 (cinco) linhas, a resposta à pergunta: "De onde vem o mau humor do Doutor House?" 2.2 - O texto deverá ser apresentado obrigatoriamente em língua portuguesa. 2.3 - A avaliação será baseada nos seguintes critérios e pela ordem: criatividade e adequação ao tema. 2.4 - A avaliação final e a escolha definitiva dos ganhadores acontecerá no dia 10/04/2007. 3. Premiação: 3.1 - Serão escolhidas as 05 (cinco) melhores respostas, cuja colocação será estabelecida pela comissão julgadora. 3.2 — As ganhadores receberão boxes com a primeira e a segunda temporada da série House. 3.2 - Os prêmios serão enviados pelo correio até 45 dias após a publicação dos resultados. 4. Divulgação: 4.1 - Os ganhadores serão notificados por meio de um anúncio, publicado na revista SET de maio de 2007. 4.2 - Os participantes vencedores desse concurso autorizam automaticamente a Editora Peixes e a Universal usar suas imagens, nomes e vozes em: fotos, cartazes, filmes e/ou spots, e em qualquer outro tipo de mídia e peças promocionais para a divulgação do resultado da promoção, além de concordarem automaticamente com a cessão dos direitos autorais eventualmente existentes sobre os textos premiados à Editora Peixes e à Universal, sem nenhum ônus para que os organizadores desse concurso possam fazer uso desse material livremente e da forma que melhor lhes convier. 5. Considerações: 5.1 - Esse concurso tem caráter exclusivamente cultural, não estando vinculado à compra de produtos, nem subordinado a qualquer modalidade de sorte ou sorteio (art. 30 do Decreto-Lei Nº 70952/72).
5.2 - Quaisquer dúvidas, divergências ou situações não previstas nesse regulamento serão julgadas e decididas de forma soberana e irrecorrível pela comissão julgadora. 5.3 - É vedada a participação de funcionários (parentes e familiares) da Editora Peixes, e de qualquer outras pessoas envolvidas na organização desse concurso.

PROMOÇÃO:
UNIVERSAL
EDITORA PEIXES

PARAMOUNT

Inocência perdida: crítica social em tempos de guerra

ALEMANHA ANO ZERO*

Clássico comovente do diretor Roberto Rossellini

GERMANIA, ANNO ZERO, ITÁLIA, 1948. DE ROBERTO ROSSELLINI. COM EDMUND MOESCHKE, ERNST PITTSCHAU, INGETRAUD HINZE. 72 MIN. DVD VERSÁTIL. **DRAMA**

Roberto Rossellini ainda usufruía do grande sucesso obtido com o seu *Roma, Cidade Aberta* quando foi à Alemanha fazer este filme premiado com o Gran Prix do Festival de Locarno. Ele seguiu a mesma fórmula do carro-chefe do Neo-Realismo. Ou seja, voltou-se para pessoas do povo vivendo em meio das agruras causadas pela Segunda Guerra Mundial. O curioso é que o cineasta italiano estava em território outrora inimigo, mas não se deixou levar por nenhum ressentimento anti-nazista. Em vez disso, sem fazer juízo de valor e com diálogos em alemão, preocupou-se em mostrar as dramáticas conseqüências da derrota germânica sobre a população de uma Berlim destruída pelos bombardeios dos Aliados. Filmando *in loco*, fez com aqueles prédios em ruínas um cenário naturalmente forte para este drama exposto por meio dos expedientes de um garoto, Edmund (Edmund Moeschke). Ele movimenta-se com a intenção de colocar alimento na panela e obter o dinheiro que a sua família precisa. Nesse universo miserável e desesperado onde todos querem levar vantagem, a sua natural ingenuidade torna-o presa fácil da esperteza dos mais velhos. Apesar do preto-e-branco irregular e comprometido pelo tempo, *Alemanha Ano Zero* é extraordinário registro do desamparo emocional de uma infância que perdeu o seu espaço, a sua inocência, em um universo detonado pela estupidez dos adultos. Notável crítica social, um clássico comovente. ***Alfredo Sternheim***

FILME: 9 EXTRAS: 3

UMA MULHER QUASE PERFEITA*

PERFECT 10, INGLATERRA, 2005. DE JAYSON ROTHWELL. COM ED BYRNE, CRESSIDA WHITE. 92 MIN. DVD/VHS FOCUS. **COMÉDIA**

Filme com promessa razoável – e início bem bacana –, mas que sai dos trilhos rapidinho e se conclui de modo incrivelmente insatisfatório. Roteirista com Transtorno Obsessivo Compulsivo obstina-se a conhecer a mulher mais desejada da Internet – a gostosíssima modelo tcheca Veronika Zemanova. Para isso, terá de superar suas "nóias" (que incluem o medo de avião) em uma jornada de autodescoberta mais insossa que novela de Manoel Carlos. Tem momentos curiosos e boas piadas, mas o desenvolvimento é preguiçoso e o ritmo despenca antes da primeira hora de filme. ***E.T.***

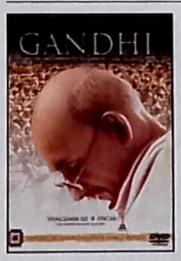
FILME: 6 EXTRAS: N.A.

TEST DRIVE

Os melhores títulos testados pela SET

GANDHI – EDIÇÃO DE 25 ANOS

GANDHI, INGLATERRA, 1982. COLUMBIA. **DRAMA**



A edição dupla do superpremiado *Gandhi* vem recheado de extras, mas é bom avisar que vários deles estavam no lançamento em disco simples de 2001: trailer, depoimento de Ben Kingsley, quatro cinejornais sobre Gandhi, making of com montagem de fotos, as palavras de Gandhi. Mesmo assim, o material inédito é muito bom. O primeiro disco traz o filme comentado pelo diretor Richard Attenborough, com legendas. No outro, há featurettes interessantes com depoimentos do cineasta, dos atores e de outros integrantes da equipe. Num deles, Attenborough mostra grandeza ao confessar que não esperava ganhar aquela penca de Oscar, simplesmente porque achava que *E.T., o Extraterrestre* era muito mais filme. Para completar, galeria de fotos e um mapa com as principais informações sobre a trajetória de Gandhi. ***Roberto Pujol***

EXTRAS: 9

ARMADILHAS DO CORAÇÃO*

THE IMPORTANCE OF BEING EARNEST, INGLATERRA/EUA/ FRANÇA, 2002. DE OLIVER PARKER. COM RUPERT EVERETT, COLIN FIRTH, JUDI DENCH, REESE WITHERSPOON. 97 MIN. DVD FLASHSTAR. **COMÉDIA**

Esta é a mais recente versão cinematográfica da peça escrita por Oscar Wilde (1854-1900), já levada à tela mais de dez vezes. Bonito visualmente na recriação da época e nos ambientes, o filme não vitaliza o texto, que tem um título original coerente com a trama. A importância de ser Ernesto deve-se ao fato dos dois protagonistas, Jack (Colin Firth) e Algy (Rupert Everett), usarem esse pseudônimo em suas aventuras amorosas. Porém, quando se apaixonam de verdade, a trapaça gera confusões. A trama ficou anacrônica e teatral sob a fidelidade ao texto e a direção fria de Oliver Parker. Só há momentos de genuína emoção quando entra em cena Judi Dench (lady Bracknell). A grande atriz dá verdade em qualquer contexto, seja em histórias do passado, seja do presente. Uma curiosidade: sua personagem nas rápidas cenas de juventude é interpretada por Finty Williams, filha de Judi. ***A.S.***

FILME: 5,5 EXTRAS: N.A.

FLASHSTAR

Judi: emoção genuína

M*A*S*H – 1ª TEMPORADA

Série baseada em filme de Robert Altman tinha personalidade

*M*A*S*H – SEASON 1*, EUA, 1972. DE VÁRIOS. COM ALAN ALDA, LORETTA SWIT. DVD FOX. COMÉDIA

Nos anos 60 e 70, a melhor forma de criticar o Vietnã e o governo era fazendo filmes ambientados no futuro ou no passado. Servindo-se desse precedente, descia-se a lenha em militares e políticos picaretas, transportando seu comportamento para macacos falantes, prefeitos do oeste bravio e oficiais da Guerra da Coréia (valia tudo para driblar a caretice dos exibidores e programadores de TV). A última estratégia foi empregada em *M*A*S*H*, clássico dirigido por Robert Altman que, mais tarde, inspirou essa descolada série homônima realizada entre 1972 e 1983. Em retrospecto, a característica mais admirável do programa é que ele estava na vanguarda do gênero e da própria mídia em que foi criado – não só pelo humor ácido e antipatriota (o que explica sua atualidade), mas pelo modo como foi arquitetado. *M*A*S*H* não era uma "canibalização" da obra de Altman (definição que se aplica à maioria das séries inspiradas em longas-metragens daquele período), mas um produto original e cheio de personalidade, como a maravilha que o precedeu. Os episódios mostram o dia-a-dia de uma unidade médica do Exército, o que abre o precedente para piadas de humor negro e para o delineamento de uma caricatura hilariante das convenções militares. De longe, a figura mais pândega é a do dr. Benjamin "Falcão" Pierce (Alan Alda, competente ator dramático que, aqui, mostrou saber tudo de comédia), folgadão que vê o front como uma bizarra colônia de férias – a única forma de manter a sanidade e a moral em uma guerra ditada pela estupidez. *Eduardo Torelli*

EPISÓDIOS: 8,5 EXTRAS: N.A.

FOX

Humor inteligente: cotidiano de uma unidade médica do Exército

V.I.P. – A PRIMEIRA TEMPORADA COMPLETA

V.I.P., EUA, 1998. DE CHUCK BOWMAN. COM PAMELA ANDERSON, MOLLY CULVER, NATALIE RAITANO, SHAUN BAKER. DVD SONY. AÇÃO

Depois de estourar em *Baywatch* (vulgo *S.O.S Malibu*), Pamela Anderson tornou-se o sonho de consumo de barbados do mundo inteiro – que o digam Chandler e Joey! Tal status levou a rainha dos tablóides a pendurar o maiô vermelho e tentar a carreira-solo. O resultado foi *V.I.P.* Na pele de Vallery Irons, Pam, depois de salvar por acidente um astro de cinema, deixa a vida de vendedora de cachorro-quente para comandar uma agência especializada em proteger celebridades – daí a sigla V.I.P.: Vallery Irons Protection. Durante a série, em momento algum Pamela se leva a sério, e é aí que está o segredo do sucesso. No geral; as histórias são fracas e trazem participações especiais de "astros" do nível de Ian Ziering (o Steve de *Barrados no Baile*) para baixo – mas o elenco de beldades em trajes sumários e o pin-up em câmera lenta de Pam de cada capítulo compensam. A caixa traz os 22 episódios da primeira temporada – de um total de quatro – para a diversão dos fãs de Pamela Anderson. *M.D.G.*

EPISÓDIOS: 5 EXTRAS: 7

SONY

Pamela: participação de Jay Leno

QUINTA DIMENSÃO

THE OUTER LIMITS, EUA, 1995. DE VÁRIOS. COM BEAU BRIDGES. DVD FOX. FICÇÃO CIENTÍFICA

Produzido nos anos 60, *Quinta Dimensão* não era tão bom como *Além da Imaginação*, mas seguia aquela fórmula vitoriosa ao apresentar historinhas semanais de arrepiar os cabelos, no melhor estilo "antologia do terror". Nos anos 90, ganhou um remake (que, ironicamente, durou mais que o programa original), agora disponibilizado em DVD. É uma "re-imaginação" meio irregular, porém a média dos episódios dá para o gasto. Na pior das hipóteses, serve como aperitivo para o lançamento da série original, que a distribuidora ainda não se dispôs a comercializar por aqui. *E.T.*

EPISÓDIOS: 7 EXTRAS: N.A.

OUTROS LANÇAMENTOS E NOVIDADES

• BATALHA REAL >> Um dos maiores e mais cultuados filmes japoneses dos últimos tempos finalmente chega ao Brasil pelo selo Visual Filmes. *Batalha Real* (ou *Battle Royale* no original) é baseado em um livro de sucesso e causou polêmica na época de seu lançamento. No filme, um programa militar leva um grupo confinado de jovens estudantes para uma ilha com um único objetivo: matar uns aos outros até restar apenas um único sobrevivente ou o tempo esgotar. O filme ganhou popularidade e virou referência cultural, homenageado em muitas produções recentes, como em *Kill Bill – Volume 1* (que conta com uma das atrizes do elenco de *Batalha Real*, Chiaki Kuriyama).

Batalha Real

• NOVA DISTRIBUIDORA >> A Daylight Films é uma nova distribuidora que surge este ano no mercado. Entre os primeiros lançamentos estão *The Bunker – Em Guerra contra o Medo*, com Jason Flemyng (visto em filmes como *Snatch – Porcos e Diamantes* e mais recentemente em *Carga Explosiva 2*), *Swimmers – Em Busca da Vitória* e *Guerreiros Tai Chi – A Hora da Batalha*.

* EXCLUSIVO PARA LOCAÇÃO

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Confronto de titãs: (1) os sobreviventes de *Lost* ganham o reforço do brasileiro Rodrigo Santoro; (2) o personagem Hiro Nakamura usa seu poder na estréia da badalada *Heroes*

MIL E UMA NOVIDADES

Lançamentos e novas temporadas agitam os canais por assinatura *Por Alfredo Sternheim*

Março é mês de grandes novidades nos canais por assinatura. Neste ano, a lista de estréias e séries renovadas é respeitável. O Universal Channel traz o badalado *Heroes* (sextas, 21h), que mostra um grupo de pessoas que descobre possuir poderes extraordinários. Com clima de histórias em quadrinhos, a aventura concebida por Tim Kring (de *Crossing Jordan*) ganhou o People's Choice Award de série dramática favorita e foi indicada para duas categorias do Globo de Ouro: melhor série dramática e melhor ator coadjuvante para Masi Oka. Na pele de Hiro Nakamura, Oka chamou a atenção ao interpretar um sujeito ingênuo que consegue não somente parar, como tem a habilidade de viajar pelo tempo.

O canal também renova a licença médica de *House* (a partir do dia 15, 23h). Na terceira temporada, o ator inglês Hugh Laurie continua dando vida ao doutor Gregory House, doutor de temperamento difícil, que interpreta desde 2004. Sempre envolvido em situações que exigem complicadas investigações, o personagem já lhe rendeu sete prêmios. O mais recente, um Globo de Ouro recebido em janeiro de 2007. Já para os fãs de *Jornada nas Estrelas*, um presente duplo: a sétima e última temporada inédita das séries *Jornada nas Estrelas: Deep Space Nine* (sábados, 15h) e *Jornada nas Estrelas: Voyager* (sábados, 17h).

Do espaço voando diretamente para uma ilha misteriosa, quem quiser descobrir o destino dos sobreviventes do vôo 815 da Oceanic Air, basta sintonizar no canal AXN para conferir a terceira temporada do igualmente cultuado *Lost* (segundas, 21h). Para os brasileiros, há uma atração à parte: a presença do ator brasileiro Rodrigo Santoro. Integrante do elenco fixo, Santoro interpreta Paulo – cujo passado é um completo mistério.

COTIDIANO

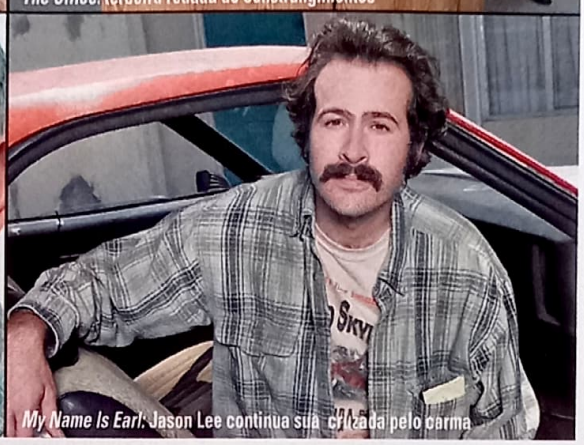
Quebrando um pouco a hegemonia americana, o Eurochannel lança uma série britânica mais chegada ao dia-a-dia de pessoas comuns. *Life Begins* (quartas, às 20h30) é uma comédia dramática surgida em 2004 que começa com o fim de um casamento. Junto dos filhos pequenos, Maggie e Phil Mee vão passar um fim de semana na casa de um casal amigo. Lá, Phil comunica à esposa que está infeliz e que pretende abandonar o lar. Surpreendida, já que nunca desconfiara dessa insatisfação do marido, Maggie vê-se diante de um mundo novo para o qual não estava preparada.

No canal Boomerang, estréia a primeira temporada de *Resgate Vôo 29* (dia 10, 21h), espécie de *Lost* juvenil. Em vinte episódios, tem como ponto inicial uma tempestade provocando a queda de um

Resgate Vôo 29: Lost para a garotada

The Office: terceira rodada de constrangimentos

Life Begins: cotidiano inglês


My Name Is Earl: Jason Lee continua sua cruzada pelo carma

avião que transporta um grupo de estudantes. O acidente ocorre em uma ilha deserta do Pacífico. Os passageiros e o piloto sobrevivem e estão certos de que serão resgatados em pouco tempo. Mas o rádio está quebrado e com o passar das horas e dos dias, isso não acontece e a sobrevivência se torna cada vez mais difícil.

A garotada também deve curtir *Os Substitutos* (dia 19, às 15h30), animação do Disney Channel sobre dois irmãos gêmeos que, por meio de um anúncio, descobrem uma maneira de substituir os pais em suas vidas. A série inédita terá uma pré-estréia dia 18, às 22h.

OSSOS DO OFÍCIO

Na Fox, os destaques ficam por conta das novas temporadas. *Nip/Tuck* (dia 18, 22h em pré-estréia e dia 21, 22h) começa o quarto ano mostrando a alegria de Sean McNamara (Dylan Walsh) e Christian Troy (Julian McMahon) por terem feito a sua 500ª cirurgia. Ainda na Fox, chega a segunda temporada de *Bones* (dia 26, 22h). O drama policial inspirado na vida de uma antropóloga forense tem doses de humor. Nesses episódios, a dra. Temperance Brennan (Emily Deschanel), sempre contando com o parceiro Booth (David Boreanaz), aproxima-se da verdade sobre o desaparecimento do pai e o assassinato de sua mãe.

No canal FX, estréia a segunda temporada do divertido *My Name Is Earl* (terças, 23h). O personagem-título, interpretado por Jason Lee (também co-produtor), continua se envolvendo em muitas trapalhadas para corrigir os erros do passado. Desta vez, entretanto, precisa ajudar a ex-mulher Joy (Jamie Prisley), que se mete em uma grande enrascada. A criação de Greg Garcia foi premiada com vários Emmy referentes às exibições em 2006.

No mesmo canal, *The Office* (terças, 23h30) dá início à terceira temporada. A série mescla drama e humor para tratar da nem sempre fácil interação entre os funcionários de uma fábrica de papel. Como é comum, surgem relações passionais entre alguns dos que lá trabalham, dando margem para novos conflitos. Estes devem ser mediados pelo gerente-geral, Michael, personagem central que já possibilitou um Globo de Ouro ao seu intérprete, Steve Carrell.

Também no FX, a segunda temporada do diferente *30 Days* (dia 12, às 23h). Reality show onde Morgan Spurlock (o diretor do documentário *Super Size Me*) mostra ser possível mudar uma vida em apenas um mês. Na estréia, o centro das atenções é um cubano que, na infância, entrou ilegalmente nos Estados Unidos e hoje atua como vigia na fronteira. No episódio, ele tem de conviver com uma família mexicana que está ilegalmente no país.

REALITY MUSICAL

No VH1, uma nova série que faz reality show com veteranos da música. *VH1 Supergroup* (segundas, 23h) tem como protagonistas cinco astros do rock do passado que se juntam em Las Vegas para formar uma banda. Mas há algumas incógnitas, nenhum deles sabe quem serão, de fato, os integrantes do grupo. O vocalista Sebastian Bach, do extinto Skid Row, o guitarrista Ted Nugent e o baterista Jason Bonham são alguns desses músicos.

A TNT estréia a terceira temporada de *Veronica Mars* (sábados, 15h) e *Battlestar Galactica* (sábados, 16h). Na primeira, a jovem detetive vivida por Kristen Bell divide seu tempo entre a rotina escolar e as investigações que faz. Agora, ela está diante de uma série de estupros na universidade. Os crimes podem ter sido cometidos por um ex-namorado seu. Na segunda, a nave Galactica viaja em busca do planeta Terra levando os últimos sobreviventes da raça humana. A missão espacial é liderada pelo comandante Adama (Edward James Olmos) e pela presidente Roslin (Mary McDonnell).

No A&E, o inédito *Condenação* (quintas, às 20h), série sobre advogados honestos que enfrentam fora dos tribunais problemas amorosos e familiares capazes de atrapalhar a luta pela justiça. Stephanie March (de *Sr. e Sra. Smith*), Eric Balfour (que faz Milo Pressman em *24 Horas*), Juliane Nicholson, Jordan Bridges e a exuberante Milena Govich estão no elenco. Haverá uma maratona de *Condenação* no dia 18, às 19h.•

< ZAPEANDO >

ESPOSAS DAS CELEBRIDADES

Onde: VH1
Quando: Dia 7, às 23h
O Que: Documentário da série *A Glamourosa Vida* sobre algumas mulheres casadas com homens ricos e famosos. Enquanto Melania Knauss e Melinda French contam como conquistaram Donald Trump e Bill Gates, a ex-stripper Anna Benson mostra sua vida em uma mansão de Atlanta, ao lado do marido milionário, Kris Benson, do New York Mets.

CINEMA INDEPENDENTE

Onde: MGM
Quando: Dia 11, às 22h
O Que: Hollywood não vive só de superproduções e a entrega do Independent Spirit Awards é prova disso. A premiação é uma espécie de Oscar voltado somente para o cinema independente. Na festa – realizada em uma praia da Califórnia – só concorrem longa-metragens com custo inferior a 20 milhões de dólares.

ONE NIGHT ONLY

Onde: A&E
Quando: Dia 25, às 21h
O Que: Noite de glamour e música para apresentar a coleção Verão 2007 criada pelo estilista Giorgio Armani. Em benefício da luta contra a Aids, a tuberculose e a malária, o evento reuniu personalidades das artes como Samuel L. Jackson, Leonardo DiCaprio, Beyoncé, Bono, Ashley Judd, Clive Owen e Andrea Bocelli.

NOITE DE TANGO

Onde: The History Channel
Quando: Dia 26, às 21h
O Que: Conduzido pelo ator argentino Antonio Birabent, o programa leva o espectador para locais de seu país onde se fundem estilos tradicionais e modernos dessa dança sempre empenhada em transmitir paixão. Em várias seqüências, bailarinos e coreógrafos exibem-se e explicam as exigências e mutações do tango.

EUROCHANNEL

Chin Shui Huang Di: reinado violento

O PRIMEIRO IMPERADOR DA CHINA

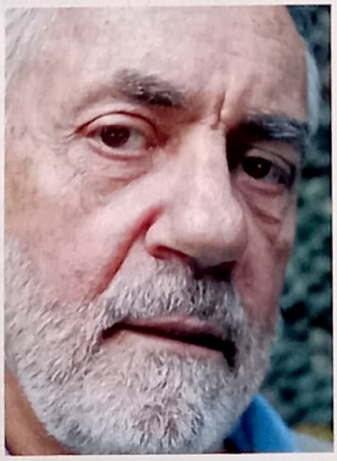
Discovery Channel Dia 11, 20h

Com a ajuda das mais modernas técnicas de computação gráfica, o Discovery Channel apresenta um programa especial sobre o reinado de Chin Shui Huang Di, primeiro imperador da China. Filmado em alta definição, o documentário conta como o líder unificou a China e também construiu a Grande Muralha – além de analisar a ascensão e o declínio do Império chinês. *O Primeiro Imperador* desvenda detalhes da vida de Huang Di, tirano brutal que aboliu o feudalismo e sobreviveu a diversas tentativas de assassinato. Destaque para as imagens inéditas do lendário complexo funerário do imperador, uma área de 18 quilômetros quadrados que reúne mais de 8 mil peças.

VETERANO DAS TELAS

Canal Brasil Dia 25, às 21h30

Paulo José chega aos 70 anos popularizado por sua presença na TV. Mas antes e depois de atuar nesse meio, o gaúcho nascido em 23 de março de 1937 sempre ofereceu desempenhos marcantes no teatro e no cinema, onde fez filmes clássicos sob a direção de nomes como Joaquim Pedro de Andrade (com quem estreou em *O Padre e a Moça*, em 1965), Walter Hugo Khouri, Roberto Santos, Luiz Sérgio Person, Domingos Oliveira, Walter Salles, entre outros. Festejando a data, tem início a *Mostra Paulo José – 70 Anos* com um documentário sobre o ator. Dirigido por Joel Pizzini, *Paulo José, Um Auto-Retrato Brasileiro* (2002) conta a trajetória desse profissional, dando ênfase a sua preparação antes de entrar em cena no espetáculo *A Controvérsia de Valladolid*, de Jean-Claude Carrière. Mas há momentos de sua vida pessoal, como o casamento com a atriz Dina Sfat. A mostra prossegue em abril, sempre aos domingos, às 21h30. Serão exibidos os longas *Todas as Mulheres do Mundo*, *Faca de Dois Gumes*, *Cassy Jones – O Magnífico Sedutor*, *Benjamin* e *O Homem Nu*.



DIA DA MULHER

National Geographic Dia 8, às 21h

O Dia Internacional da Mulher será lembrando pelo NatGeo de maneira muito especial: um programa exclusivamente dedicado ao período de gestação de gêmeos, trigêmeos ou quadrigêmeos. *Vida no Ventre: Gêmeos* utiliza moderna tecnologia para revelar como é a conduta desses fetos no ventre materno. Fazendo uso de imagens de ultra-som 4 e de computação gráfica, o documentário aborda questões pouco estudadas. Caso de uma eventual interação entre esses irmãos naquela fase. Será que existe reação quando um empurra o outro? Ou é possível que eles cheguem a se dar as mãos? São fatos que podem ou não ocorrer em diferentes estágios da gravidez.

CANAL DE NOTÍCIAS FAZ ANIVERSÁRIO

CNN Espanhol Dia 15, às 21h

É no próximo dia 17 que a CNN Espanhol, cadeia de notícias na América Latina e nos Estados Unidos, celebra o seu décimo aniversário. Um novo logo vai surgir para marcar a data. Mas os festejos começam mesmo no dia 15, com o primeiro dos vários programas especiais que serão apresentados em 2007. Na estréia, os acontecimentos e as personalidades que marcaram os últimos dez anos da América Latina. A série prossegue abordando as tendências para o futuro no continente. Em cada uma das produções, temas específicos como negócios, esporte, tecnologia, entretenimento, finanças pessoais, moda, medicina, saúde e família, entre outros.

JIM CARREY

O sangue demora 23 seg. para circular pelo corpo;

O alfabeto latino tem 23 letras;

Nosso corpo tem 23 cromossomos de cada um dos pais;

A Terra gira sobre um eixo de 23°;

A soma do horário da bomba de Hiroshima é 23;

A soma de 11 de setembro de 2001 dá 23;

2 dividido por 3 é igual a 0,666 - O número da Besta

VOCÊ NÃO VAI
CONSEGUIR ESCAPAR.
ELE ESTÁ EM TODA PARTE.

UM FILME DE JOEL SCHUMACHER

NÚMERO 23

23 DE MARÇO NOS CINEMAS

NEW LINE CINEMA
A TimeWarner Company

CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME

PlayArte PICTURES
www.playarte.com.br

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Moda indie: o Arcade Fire (à esquerda) entra na onda das igrejas protestantes para divulgar o disco e o Klaxons roubou o figurino dos filmes de Harry Potter

LUZES DA RIBALTA

Arcade Fire e Klaxons, duas das bandas mais faladas do momento, conseguem provar em seus novos discos que estão além de qualquer suspeita ou fenômeno *Por Lúcio Ribeiro*

ARCADE FIRE – *NEON BIBLE*. SLAG RECORDS
KLAXONS – *MYTHS OF THE NEAR FUTURE*. IMPORTADO

A música pop em 2007 começou iluminada por néons. Dois dos principais lançamentos em disco do ano usam o nobre gás, cada um a seu modo, e pousam nas lojas depois de ser vorazmente mastigados pela geração do You Tube, do MP3. Do Canadá, o grupo Arcade Fire soltou seu famigerado segundo disco, *Neon Bible*, coleção de onze canções de clima tão bonito quanto soturno. Um néon mais colorido vem do universo bagunceiro e rock-dance do Klaxons, a banda nova mais festejada da Inglaterra e farol de uma tal "new rave", a onda da hora dos britânicos. Seu recém-lançado álbum de estréia, *Myths of the Near Future*, compõe um cenário que lembra mesmo o da rave dos anos 90, de néon no pescoço e tudo o mais.

Apesar do título religioso-festivo, *Neon Bible* é assombrado por temas como morte e solidão. Em "Black Mirror", por exemplo, o vocalista Win Butler reza uma missa pagã de encontro a seu espelho maldito, que revela seus defeitos e desiluções. Em "Black Waves/Bad Vibrations", ele duela com Régine Chassagne numa prece sombria. Mas as canções, contraditoriamente, também são de causar euforia, o que é uma marca do som do Arcade Fire. "Keep the Car Running" é o mais próximo que o octeto chega de um pop mais simplificado e eficaz. "No Cars Go", famosa nas apresentações dos canadenses, traz uma bateria repetitiva, jogo de metais e gritos de guerra para colocar estádios abaixo. *Neon Bible*, segundo os integrantes do grupo, é um CD ideal para se ouvir sozinho, em alto-mar. O retrato é perfeito.

Mais um fenômeno de Internet, que construiu badalada fama antes mesmo de ter seu primeiro disco lançado, o Klaxons já é. *Myths of the Near Future*, traz todas as características do grupo – baixo estourado, guitarra indisciplinada, bateria marcante e teclado que emula som de videogame – e uma alma indie. Mas o entorno é que chama a atenção. A banda é festeira, dessas de incendiar pista de dança. Nos shows, usa roupas coloridas e distribui tubos de néon. As músicas apontam para o futuro. E ele é pessimista, mesmo que colorido. Um dos hits do disco, "Gravity's Rainbow" (título tirado de obra de Thomas Pynchon), sugere o final do mundo, mas com levada romântica: convida o "amor futuro" a um passeio pelo infinito. A explosiva "Atlantis to Interzone", outra faixa que conecta o Klaxons com (1) aquecimento global e (2) iminência de descontrole nuclear, começa com uma sirene de rave bombando. No pop de hoje (de amanhã), não tem banda mais atual e representativa do estado de coisas.

NOTA: 9

DREAMGIRLS

TRILHA SONORA. SONY/BMG

Baseado num musical da Broadway, *Dreamgirls* narra a história de um trio vocal rumo ao estrelato. Deena Jones (Beyoncé Knowles), Effie White (Jennifer Hudson) e Lorrell Robinson (Anika Noni Rose) trabalham como backing vocal do soulman James "Thunder" Early (Eddie Murphy) até serem descobertas por um empresário inescrupuloso. A saga das Dreamgirls é revestida por música de boa qualidade. Beyoncé, Jennifer e Anika, que normalmente cantam emolduradas por aquele pancadão insosso do R&B americano, mostram que não têm problemas com o repertório mais tradicional. Soltam o vozeirão nas músicas da trilha, que emulam a sonoridade da Stax e da Motown – duas das principais gravadoras de música negra dos Estados Unidos. Vez ou outra, elas partem para a gritaria, mas nem isso tira o brilho das canções. O destaque, no entanto, é Eddie Murphy. Imitador primoroso (já viu suas encarnações de James Brown e Stevie Wonder no *Saturday Night Live*?), ele "incorpora" um soulman em "Fake Your Way to the Top" e "Cadillac Car". ***Sérgio Martins***

NOTA: 7

OK GO

OK GO. EMI

Você provavelmente nunca ouviria falar no nome Ok Go se não fosse o site You Tube. O quarteto de Chicago ganhou notoriedade com o clipe de "Here It Goes Again", que mostrava os integrantes numa coreografia insana em oito esteiras de corrida – a brincadeira conseguiu atrair até mesmo a atenção do *Fantástico*. Mas o som do grupo não chega a ser tão original quanto o vídeo. O atrasado disco de estréia dos americanos traz a vigorosa "Here It Goes Again" tentando levantar a bola das outras faixas, em sua grande maioria arremedos de Weezer com Fountains of Wayne, mas sem a capacidade pop do primeiro e as letras confessionais do segundo. Quando escapa um pouco mais da fórmula, saca coisas como "A Million Ways", balada de levada funk e guitarras indies, "No Sign of Life", gritada e nervosa. ***Rodrigo Salem***

NOTA: 6

SHAFT

TRILHA SONORA. UNIVERSAL

Sem qualquer motivo aparente, a Universal resolveu relançar a trilha sonora de *Shaft* (1971), de Isaac Hayes, para o filme de Gordon Parks. E ainda escolheu a versão da Stax e não a remasterizada, o que produz o questionamento: por quê? Quiçá para celebrar a música de Hayes, que as gerações mais novas conhecem como a voz do Chefe, em *South Park*. Esses caras talvez fiquem surpresos em saber que o tema do filme, premiado com um Oscar de canção, inspirou vários DJ's, MC's e rappers contemporâneos e não o contrário. ***Alessandro Giannini***

NOTA: 7

NOT TOO LATE

NORAH JONES. EMI

Em seu terceiro disco solo, Norah Jones finalmente diz a que veio. A cantora americana está muito longe da figura de diva do jazz que sua gravadora nos tentou impingir – e que para isso chamou até o produtor Arif Mardin, conhecido por trabalhos ao lado de Dusty Springfield e Aretha Franklin, para dar um verniz mais, digamos, "sofisticado" à artista. Norah é uma mulher de baladas agridoces, no melhor estilo Joni Mitchell e Linda Ronstadt. Isso não é demérito. *Not Too Late* foi o primeiro disco de Norah sem a produção de Mardin, que morreu em junho de 2006. Ela gravou o álbum num estúdio caseiro, ao lado do baixista e namorado Lee Alexander. O resultado é um trabalho mais intimista: as faixas "Wish I Could" e "Broken" são "forradas" por um belo arranjo de violoncelo. Outra novidade está nas letras. Norah passou dois anos tecendo loas ao seu relacionamento com Alexander. Agora, ela aborda temas mais abrangentes, como um ex-namorado que partiu para a Guerra do Iraque ("Wish I Could") e choramingos contra o governo Bush ("My Country"). ***S.M.***

NOTA: 7,5

Ó PAI, Ó

TRILHA SONORA. UNIVERSAL

Com duas faixas compostas por Caetano Veloso, a trilha sonora do novo filme de Monique Gardenberg, adaptação de uma peça de mesmo nome do Olodum, tem forte apelo popular. Ou seria popularesco? Axé, calypso, timbalada, samba reggae e uma série de outros ritmos convivem de forma um tanto estranha, na contramão daquilo que o filme tenta retratar – a suposta elitização e "desafricanização" do Pelourinho. Curiosamente, são essas duas faixas, o tema "Ó Pai, ó" (em parceria com Davi Moraes) e "Canto do Mundo", que mais se destacam por fugir à reciclagem desses ritmos todos. ***A.Gn.***

NOTA: 5

DVD MUSICAL

ELIS

ELIS REGINA. EMI

Elis Regina foi a maior cantora da história da música popular brasileira. Para um crítico de música, essa afirmação virou até verdade absoluta. Porém, para um fã de Clara Nunes como eu, essa afirmação tem um gostinho de derrota. Elis não apenas sabia cantar samba como poucas – seara em que Clara era um show de bola –, como também era excepcional na interpretação de bossas, funks, baladas e o que lhe desse mais na telha.

Esta coleção de três DVDs (que ainda podem ser comprados separadamente) faz parte de uma série de tributos à cantora, que morreu há um quarto de século. A caixa é, de longe, o melhor deles. Primeiro, porque são imagens raras. Segundo, porque, ao contrário dos relançamentos da obra de Elis e os discos-tributo, a caixa mostra cada faceta de sua personalidade musical. *Na Batucada da Vida*, o primeiro DVD, traz homenagens da cantora aos artistas que a influenciaram. Os outros dois, *Doce de Pimenta* e *Falso Brilhante*, têm como atrativo cenas de uma apresentação de Elis no Teatro Bandeirantes, em 1974, e do show *Falso Brilhante*. Pena que talento não é hereditário. ***Sérgio Martins***

NOTA: 10

DIVULGAÇÃO

O TIGRE E O MENINÃO

Conrad lança primeiro álbum de inéditas de Calvin e Haroldo neste século *Por Rodrigo Salem*

CALVIN E HAROLDO – O MUNDO É MÁGICO. **DE:** BILL WATTERSON; CONRAD EDITORA; 168 PÁGS.; **PREÇO:** R$ 44,90

Há doze anos, o mundo ficou um pouco mais sem graça. Para choque de milhões de leitores e de alguns editores de jornais, Bill Watterson anunciou com um mês de antecedência que não mais escreveria tiras inéditas de sua maior criação, Calvin e Haroldo. Dono de uma integridade invejável (ele nunca vendeu os direitos de sua obra para divulgar produtos ou serem transformados em ícones niilistas por Hollywood), Watterson fez o garotinho loiro sapeca e seu tigre de vida imaginária se despedirem do mundo em dezembro de 1995. De lá para cá, álbuns compilando as tirinhas derradeiras saíram nos EUA, enquanto o Brasil, não atendendo à qualidade exigida pelo autor, deixou leitores órfãos. O cenário começou a mudar há dois anos, quando os americanos colocaram as mãos na caixa *Calvin e Haroldo Completo*, um tijolo para ser posto ao lado das maiores obras dos quadrinhos em todos os tempos. A Conrad comprou os direitos, dividiu a caixa (a obra completa ficaria muito cara) e o primeiro resultado é *Calvin e Haroldo – O Mundo É Mágico*, álbum com tiras inéditas do personagem. Além da reconhecida genialidade que mistura humor infantil, questões existencialistas, traços hilários e questionamentos modernos, esse volume é importante por trazer as primeiras indagações de Bill Watterson sobre Internet e celulares. Pode parecer atrasado, mas essa é nossa única vantagem: sem querer, ainda poderemos ler as histórias com ar de surpresa. Compre duas e guarde no cofre. *Calvin e Haroldo* seria a razão para existir uma nota 11.

NOTA: 10

O HOMEM DUPLO

DE: PHILIP K. DICK; EDITORA ROCCO; 308 PÁGS.; **PREÇO:** R$ 38,50

Escritor visionário, Philip K. Dick (1928-1982) foi o precursor do cyberpunk, subgênero da moderna ficção científica que mistura cultura pop (rock e quadrinhos) a categorias clássicas da literatura. Neste *O Homem Duplo*, segundo de seus livros a chegar ao cinema (a maioria se baseia em contos), ele promove ao mesmo tempo um alerta contra a ação nociva das drogas e do sistema, que ao proibi-las incentiva um mercado paralelo que alimenta a curiosidade e o espírito de aventura dos jovens. O personagem principal Bob/Fred, policial disfarçado que experimenta a perigosa substância D e começa a misturar suas identidades, guarda em si mesmo essa dicotomia. No fim, ele dedica o livro aos amigos, "pessoas que foram punidas excessivamente pelo que fizeram". ***Alessandro Giannini***

NOTA: 8

BRUCE LEE DEFINITIVO

DE: MARCO ANTÔNIO LOPES; CONRAD EDITORA; 82 PÁGS; **PREÇO:** R$ 27,00

Talvez o uso da palavra "Definitivo" seja um pouco exagerado para esta biografia do mestre das artes marciais Bruce Lee. Com 82 páginas, o lançamento da Conrad reúne bom material fotográfico (com qualidade exemplar e que ocupa praticamente mais da metade do livro) e traz informações bem interessantes sobre a vida e a carreira do astro. O problema é a falta de legendas em muitas fotos (um fã de carteirinha pode até não ter dificuldade em descobrir do que se trata, outros nem tanto) e algumas partes muito pouco exploradas – como o capítulo do legado deixado por Lee, que poderia ser mais extenso em vista da importância do ícone do kung fu. *Bruce Lee Definitivo* não cumpre o que promete o título, mas é bem-intencionado e produzido de forma caprichada. ***Ricardo Matsumoto***

NOTA: 6

FUN HOME

DE: ALISON BECHDEL; ED. HOUGHTON MIFFLIN; 240 PÁGS.; **IMPORTADO**

De tempos em tempos, uma obra de quadrinhos surge para colocar toda a categoria em um nível superior. *Fun Home*, de Alison Bechdel, é uma dessas. A graphic novel foi escolhida como a melhor publicação do ano passado pela *Time*, entre livros e HQs, e é uma desculpa mais que suficiente para aprender a falar inglês – uma versão nacional ainda não está nos planos. A obra de Bechdel percorre o caminho difícil de uma autobiografia que cairia como uma luva em formato de série na HBO (ela é lésbica e sua família lida com o ramo funerário), mas sem perder o foco no restante da casa, principalmente o pai, obsessivo, fã de decoração interna, suicida e... gay.

NOTA: 9,5

FOTOS: DIVULGAÇÃO

WINNING ELEVEN: PRO EVOLUTION SOCCER 2007

O futebol virtual mais amado do mundo continua sua evolução *Por Fábio Santana*

EUA, 2007. **PARA:** PS2, XBOX 360, PSP, DS. **PRODUTORA:** KONAMI. **DESENVOLVEDORA:** KONAMI TYO

Depois da salada de nomes que a Konami fez com a série *Winning Eleven* ao redor do mundo, é bom esclarecer: este *WE: Pro Evolution Soccer 2007* é a versão americana de *Winning Eleven 10* (Japão) e *Pro Evolution Soccer 6* (Europa). A jogabilidade, trunfo da série, ganhou nova dinâmica: maior velocidade, física aprimorada e valorização dos passes. Fazer gols ainda é tarefa difícil, exigindo bom entrosamento da equipe e boa noção tática. As infinitas possibilidades de customização (torneios, estádios, times, jogadores) permitem que você corrija uma falha que diminui a cada ano, mas persiste, que é a falta de muitas licenças oficiais. No mais, os diversos modos de jogo, incluindo a irresistível Master League, e a possibilidade de encontrar ótimos oponentes online vão manter a disputa viva até a próxima continuação.

No Xbox 360, os gráficos receberam um acabamento melhor e os controles não são tão naturais quanto no DualShock 2, mas funcionam. A versão para PSP está melhor que no ano passado, agora com direito a Master League, porém ainda sofre por falta de botões para segurar a jogabilidade complexa. No Nintendo DS, o jogo é um desastre: gráficos horrendos, controles ineficientes e mau aproveitamento dos recursos do sistema.

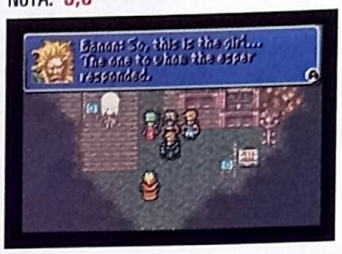
NOTA: 9

FINAL FANTASY VI ADVANCE

EUA, 2007. **PARA:** GAME BOY ADVANCE. **PRODUTORA:** NINTENDO. **DESENVOLVEDORA:** SQUARE ENIX

Seja você um fã dos *Final Fantasy* modernos ou um completo neófito, a adaptação de *Final Fantasy VI* para Game Boy Advance (lançado em 1994 com o nome *Final Fantasy III*) é uma oportunidade imperdível de entender a essência da série. Com ambientação pós-medieval, na qual a magia contrasta com uma revolução industrial, o enredo envolve um império em busca do poder de criaturas místicas para subjugar o resto do mundo. Clichê, mas a rica narrativa transcendeu os limites dos belos gráficos 2D e injetou personalidade nos protagonistas e no vilão. O sistema de batalha é bem elaborado e proporciona horas de diversão. ***F.S.***

NOTA: 9,5



CRACKDOWN

EUA, 2007. **PARA:** XBOX 360. **PRODUTORA:** MICROSOFT GAME STUDIOS. **DESENVOLVEDORA:** REALTIME WORLDS

Grand Theft Auto inaugurou um gênero e, na esteira, vieram diversos clones, alguns bons, outros nem tanto. Esse *Crackdown* (concebido por um dos criadores de *GTA*) pode ser confundido com um desses clones, mas está mais para um jogo de superherói com mundo aberto. Você é um policial bombado e deve combater o crime usando seus superpoderes numa metrópole do futuro próximo. O que falta de enredo, sobra de ação. Você tem toda uma cidade para explorar e treinar seu agente, melhorando seus atributos até saltar entre prédios e arremessar caminhões na marginália. *Crackdown* diferencia-se pela estética visual semelhante a *O Homem Duplo*, com fortes contornos e cores saturadas. Tem personalidade, só faltou variedade. ***F.S.***

NOTA: 8,5

WARIOWARE: SMOOTH MOVES

EUA, 2007. **PARA:** WII. **PRODUTORA:** NINTENDO. **DESENVOLVEDORA:** NINTENDO

A série *WarioWare* ficou conhecida pela sua diversão instantânea e ritmo frenético. É uma coletânea de microgames que duram três segundos e vêm em seqüência ininterrupta. Já houve versões para GBA, GameCube e DS, sempre aproveitando os recursos de cada plataforma. Com *Smooth Moves* não é diferente. O controle do Wii deu asas à imaginação dos criadores. São mais de 200 microgames absurdos e quase vinte maneiras diferentes de segurar o controle – algumas inusitadas (para não dizer constrangedoras), como posicioná-lo na cintura e rebolar como se fosse um bambolê. As situações improváveis e os personagens impagáveis geram boas gargalhadas. É diversão também em reuniões com amigos: até doze pessoas podem participar. ***F.S***

NOTA: 8

LIBERDADE DE ESCOLHA

LG lançará player híbrido de Blu-Ray e HD-DVD *Por André Gordirro*

FOTOS: DIVULGAÇÃO

PREÇO SUGERIDO: US$ 1.199,00. **ONDE ENCONTRAR:** WWW.LGE.COM

Na guerra entre os formatos sucessores do DVD, o Blu-Ray e o HD-DVD, há quem fique em cima do muro. Em vez de abraçar uma das causas rivais e incendiar o conflito, a LG sugere um armistício na forma de um player que suporta os dois tipos de disco, o modelo BH100, também chamado de Super Multi Blue. O aparelho está previsto para ser lançado ainda no primeiro trimestre deste ano, juntamente com o drive híbrido para computadores GGW-10HN, que, assim como seu primo de mesa, ainda lê os dois formatos beligerantes. O Super Multi Blue não é apenas útil para quem ainda não se decidiu em que lado da guerra de formatos irá apostar. Os donos de uma biblioteca de DVDs comuns não precisarão aposentar seus disquinhos: o BH100 converte-os para a resolução de alta definição (1080i), elevando a qualidade de imagem para não fazer feio na reprodução em televisores do gênero. O Super Multi Blue tem, claro, a obrigatória saída HDMI para enviar sinal completamente digital de áudio e vídeo por um único cabo. O mercado dos novos formatos ainda é pequeno, já que o público espera, com cautela, a resolução da disputa. Chegaram às prateleiras apenas 225 títulos em 2006, sendo 85 em Blu-Ray e 92 em HD-DVD (os restantes 48 títulos foram lançados simultaneamente para os dois tipos de discos). Aparelhos como este Super Multi Blue da LG apostam na convivência entre os dois formatos, sem que haja necessariamente a extinção de um deles, como aconteceu com o Betamax na disputa como VHS nos anos 80.

ARMAZENAMENTO PORTÁTIL

PREÇO SUGERIDO: R$ 1.499,00; **ONDE ENCONTRAR:** WWW.LACIE.COM

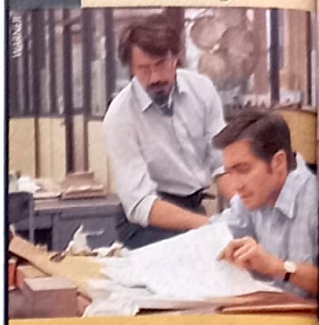
Com a proliferação de arquivos digitais de áudio e vídeo pela Internet, os HDs portáveis viraram a solução para quem deseja ter um acervo móvel, sem ficar preso ao desktop. Esses equipamentos ganharam recursos como controle remoto e saídas de vídeo para conexão direta a TVs. É assim que funciona o SilverScreen, da empresa francesa LaCie: pesando apenas 270 gramas, o HD multimídia tem capacidade de 40 Gb (20 horas de vídeo ou 20 mil músicas) e saídas RCA, S-Vídeo, SCART, VGA ou vídeo componente para ser ligado a monitores ou televisores, além de vir com um controle remoto.

NA PONTA DOS DEDOS

PREÇO SUGERIDO: R$ 2.299,00. **ONDE ENCONTRAR:** WWW.SONYSTYLE.COM.BR

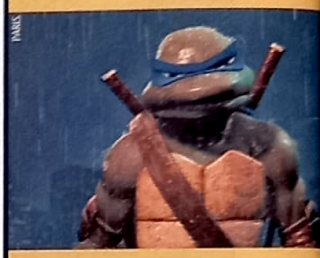
Não é só o badalado iPhone da Apple que pode ser controlado com a ponta dos dedos. A tendência touchscreen também chegou às câmeras digitais: a Sony acaba de lançar um modelo de sua popular linha cybershot que pode ser ajustado por meio do visor de 3 polegadas sensível ao toque. Além desta novidade, a T50 tem os recursos Super Steady Shot – jogo de lentes que estabiliza tremidas de mão em fotos sem flash – e alta sensibilidade, para captura de objetos em movimento. O modelo tem 7.2 pixels de resolução, zoom óptico de 3x e zoom digital de 6x.

PRÓXIMAS ATRAÇÕES



ZODÍACO

David Fincher, diretor de *Seven* e *Clube da Luta*, volta ao mundo dos assassinos em série



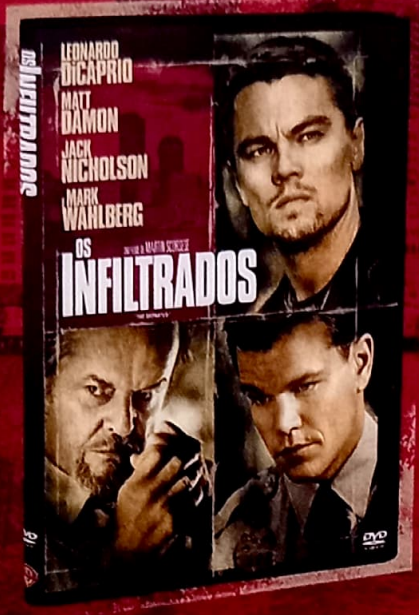
AS TARTARUGAS NINJA — O RETORNO

Esqueça o desenho animado infantil. O quarteto de cascos ganha desenho violento em computação gráfica

HANNIBAL, POR TRÁS DA MÁSCARA

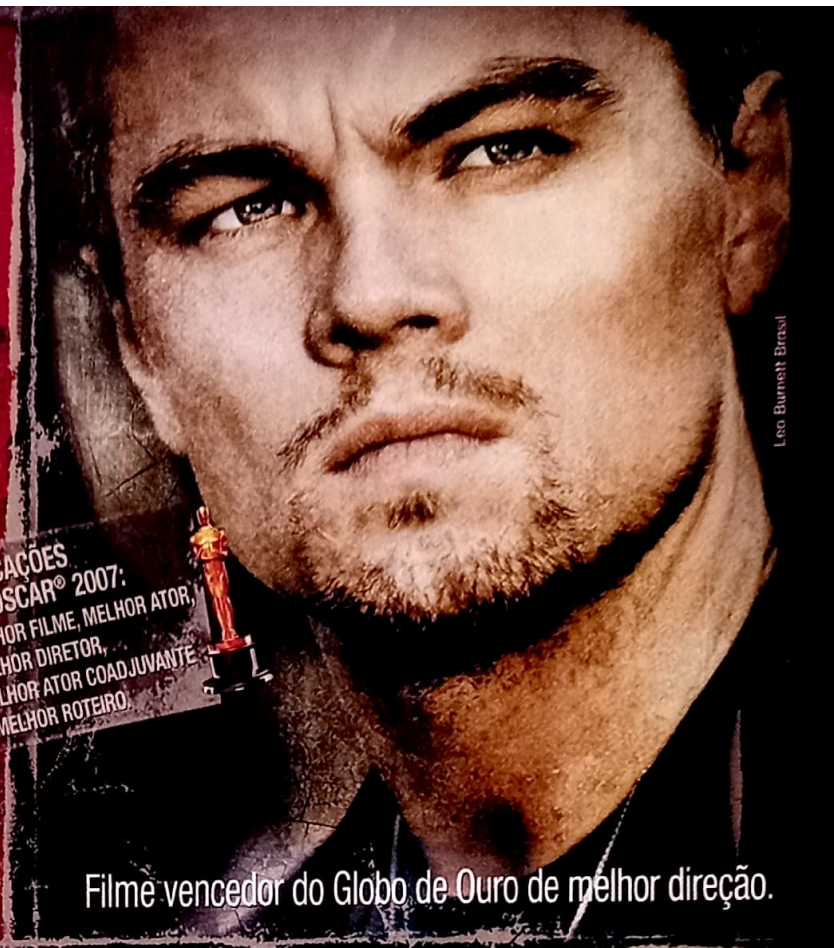
Suspense desvenda todos os segredos do maior vilão do cinema, o canibal Hannibal Lecter

OS INFILTRADOS. UM FILME IMPERDÍVEL COM UM ELENCO INSUPERÁVEL.



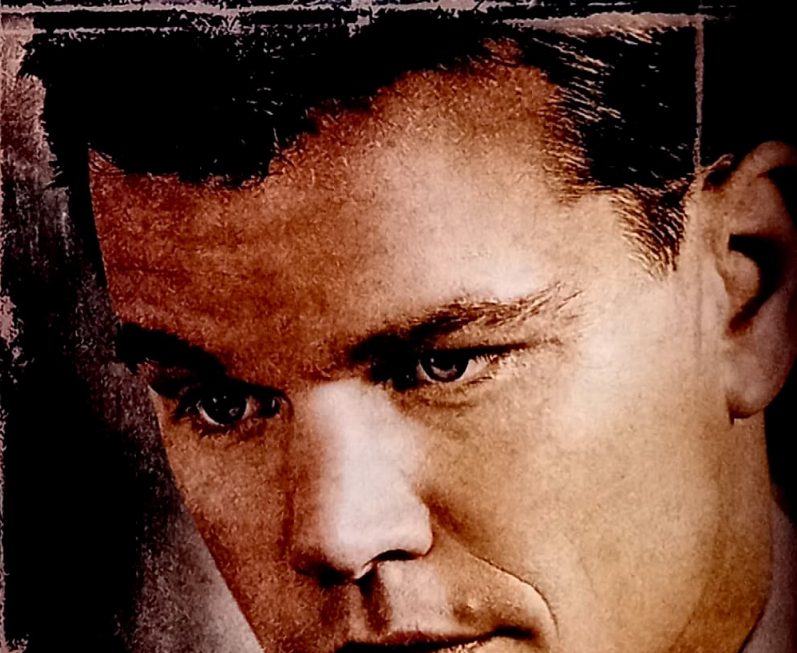
5 INDICAÇÕES AO OSCAR® 2007: MELHOR FILME, MELHOR ATOR, MELHOR DIRETOR, MELHOR ATOR COADJUVANTE E MELHOR ROTEIRO.

"Em Os Infiltrados, a parceria entre Scorsese e Leonardo DiCaprio rende o que se esperava."
Revista Veja



Leo Burnett Brasil

Filme vencedor do Globo de Ouro de melhor direção.



UM FILME DE MARTIN SCORSESE

OS INFILTRADOS

LEONARDO DiCAPRIO MATT DAMON JACK NICHOLSON E MARK WAHLBERG

AGORA EM DVD VIDEO

Líder em DVD

PIRATA É CRIME E SAI CARO

"Oscar®" é marca registrada e marca de serviço da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

PLAYARTE

virginia madsen

Essa acima de cabelo preto é Fabrizia, uma das personagens de Virginia Madsen no suspense *O Número 23*, com Jim Carrey, dirigido por Joel Schumacher. A outra personagem é Agatha, uma doceira casada com o laçador de animais Walter, o cara que acaba obcecado pelo número 23 do título. Essa usa os cachinhos loiros da atriz.

Virginia, de 45 anos, foi descoberta em 1984 no filme *Duna*, de David Lynch. Virou uma das grandes promessas dos anos 80 , mas em 1994 teve um filho com o italiano Antonio Sabato Jr., Jack, hoje com 12 anos, e resolveu ser mãe em tempo integral.

Então, seu irmão três anos mais novo, Michael Madsen, um dos preferidos de Quentin Tarantino, tomou Hollywood para si. Virginia só voltou a ser lembrada em 2004, com *Sideways – Entre Umas e Outras*, de Alexander Payne. Desde lá, trabalhou no último Robert Altman, *A Última Noite*; e está no próximo de Billy Bob Thornton, *The Astronaut Farmer*, que ainda não tem data de estréia no Brasil.

Você ficou afetada pela obsessão com o número 23 durante as filmagens?

Não, não sou nada supersticiosa. Mas o restante da equipe ficava procurando conexões com o número, menos o Joel (*Schumacher*), que também não estava nem aí para isso. Começamos a filmar, por acaso, no dia 23 de janeiro. E no 23º dia de trabalho, a gente estava em um lugar cheio de mofo, filmando uma cena horrível em que eu estava coberta de sangue e tudo estava difícil. Aí entra o Jim e a assistente dele com um bolo imenso com o número em cima coberto de velas. Melhorou o dia, mas não me fez achar que tinha nenhuma relação com o 23.

Como foi fazer as cenas mais íntimas com o Jim Carrey? Foi a primeira vez que ele fez esse tipo de cena a sério, ele sabia o que fazer?

Ele ficava nervoso antes das cenas, ouvia música para se preparar, aí vinha que vinha. E nós dois temos dois personagens no longa, e as duas duplas têm cenas bem quentes. Notei que ele me beijava diferente se estava encarnando o Walter ou o Fingerling. Um era mais suave e delicado, o outro mais masculino, quase violento. Mas acho que a química entre nós dois é boa, então foi tudo bem.

Você tem uma carreira tão focada em drama, imaginou que ia trabalhar com o rei da comédia um dia?

Sempre quis trabalhar com Jim Carrey, vivia infernizando o meu agente para conseguir me botar em algum projeto com ele. Todos os meus amigos sabiam disso, ficava tentando descobrir alguém que eu conhecia que tinha trabalhado com ele, para tentar me apresentar, chegar mais perto, mas nunca dava certo. Quando meu agente recebeu esse roteiro, me ligou rindo, dizendo, "Você tanto fez que conseguiu um filme com o Jim Carrey". Ele é um ator diferente de todos os outros, é um gênio, tem o corpo e a voz mais flexíveis que já vi. Sabia que trabalhar com ele seria interessante.

Sua carreira renasceu depois do sucesso de *Sideways*. Você sabia que aquele filme seria tão importante na sua vida?

Não tinha idéia.Era um projeto interessante,mas não tinha nenhuma expectativa além de fazer um bom trabalho. Devo dizer que depois de ter meu filho, que tem 12 anos e foi a melhor decisão de minha vida, tudo parece mais simples. Não tenho mais tanta ansiedade em relação a minha carreira, criar um ser humano é tão mais difícil que sobreviver em Hollywood, e olha que eu passei por umas fases terríveis, sem nenhum dinheiro, sem nenhum trabalho em vista.

Seu instinto de mãe fez você tomar conta do ator Logan Lerman, de 17 anos (*16 na época das filmagens*), que interpreta seu filho nesse filme?

O tempo inteiro! Cada vez que o Jim (*Carrey*) ou o Joel (*Schumacher*) diziam um palavrão ou faziam uma piada mais suja eu corria e cobria as orelhas dele. Mas nem sempre dava certo, ele é esperto e fica perto das pessoas que falam a maior quantidade de besteiras por minuto.

E, afinal, como é o Jim Carrey na vida real?

Ótimo, inteligente, carinhoso, generoso, calmo, mas também muito engraçado. Não o tempo inteiro, ele é um ator muito concentrado, mas pelo menos uma vez por dia eu tinha um ataque de riso daqueles de dar dor de barriga por causa de uma coisa que ele tinha falado, ou uma cara que tinha feito, ou uma performance mesmo. Quando ele erra uma fala e fica frustrado pode reagir de um jeito absurdo, sair pulando, dançando, imitando alguém.

Teté Ribeiro, de Los Angeles

INSCREVA SEU NOME NA CALÇADA DA FAMA.

PROMOÇÃO
100 ANOS
DE GRANDES FILMES

PARTICIPE E CONCORRA A 5 VIAGENS PARA HOLLYWOOD E PRÊMIOS INCRÍVEIS!

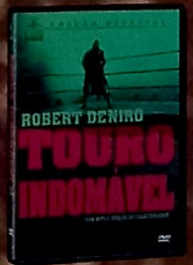
5 VIAGENS PARA HOLLYWOOD COM ACOMPANHANTE | 100 FILMES À SUA ESCOLHA | KIT CINEMA | KIT FOX

AGUARDE A 2ª FASE DA PROMOÇÃO

100 ANOS DE DIVERSÃO

OS GRANDES VENCEDORES DO OSCAR A PREÇOS ESPECIAIS PRA VOCÊ.

Mais de 20 títulos a partir de R$ 19,90



Titanic, Coração Valente, Carruagens de Fogo, Patton, e mais um super Guia de Cinema e DVD do Rubens Ewald Filho.

APENAS R$ 79,90

Confira o regulamento e todos os títulos da coleção no site: WWW.FOXFILM.COM.BR/100ANOS

© 2007 Twentieth Century Fox Film Corporation Inc. Todos os Direitos Reservados. © 2007 Twentieth Century Fox Home Entertainment LLC. Todos os Direitos Reservados. "Twentieth Century Fox," "Fox" e seus logos associados são propriedades da Twentieth Century Fox Film Corporation e são usados sob licença. © 2007 Metro-Goldwyn Mayer Pictures Inc. Todos os Direitos Reservados. Desenho da Embalagem © 2006 MGM Home Entertainment LLC. Todos os Direitos Reservados. Distribuído pela MGM Home Entertainment LLC. Disponível pela Twentieth Century Fox Home Entertainment. Todos os Direitos Reservados.

PIRATARIA É CRIME
DENUNCIE 0800 11 3941

HOMEM ARANHA 2.1

8 MINUTOS A MAIS!

EDIÇÃO ESTENDIDA 2 DISCOS

DISPONÍVEL A PARTIR DE ABRIL 2007

www.SonyPictures.com.br

MARVEL

SONY PICTURES HOME ENTERTAINMENT

Motion Picture © 2004 Columbia Pictures Industries, Inc. Todos os Direitos Reservados.
Personagem Homem-Aranha ® & © 2004 Marvel Characters, Inc. Todos os Direitos Reservados.
© 2007 Layout e Design Sony Pictures Home Entertainment Inc. Todos os Direitos Reservados.